



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**GISELY CASTOR DE ANDRADE**

**A LONGA IDADE MÉDIA: DE CHRISTINE DE PIZAN A JUANA INÉS.  
UM ENCONTRO POSSÍVEL ATRAVÉS DE RESÍDUOS UTÓPICOS.**

**JOÃO PESSOA - PB  
2023**

**GISELY CASTOR DE ANDRADE**

**A LONGA IDADE MÉDIA: DE CHRISTINE DE PIZAN A JUANA INÉS.  
UM ENCONTRO POSSÍVEL ATRAVÉS DE RESÍDUOS UTÓPICOS.**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Letras, para obtenção do título de Mestra.  
Área de concentração: Literatura e cultura. Linha de pesquisa: Estudos clássicos e medievais.

Orientador: Prof. Dr. Juan Ignacio Jurado-Centurión López

**JOÃO PESSOA – PB  
2023**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

A5531 Andrade, Gisely Castor de.

A longa idade média : de Christine de Pizan a Juana Inés : um encontro possível através de resíduos utópicos / Gisely Castor de Andrade. - João Pessoa, 2023.

141 f.

Orientação: Juan Ignacio Jurado-Centurión López.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Pizan, Christine de. 2. Cruz, Juana Inés de La.  
3. Literatura. 4. Utopia. I. López, Juan Ignacio  
Jurado-Centurión. II. Título.

UFPB/BC

CDU 82(043)

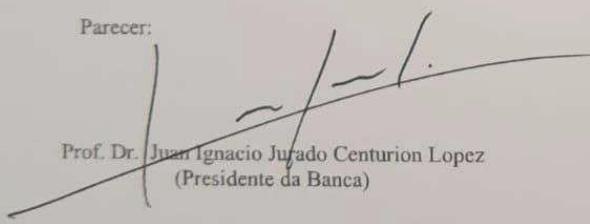


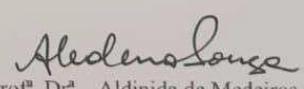
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO(A) ALUNO(A)  
GISELY CASTOR DE ANDRADE

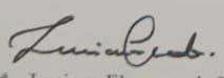
Aos trinta dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e três, às quinze horas, realizou-se, por videoconferência, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada: "A LONGA IDADE MÉDIA: DE CHRISTINE DE PIZAN A JUANA INÉS. UM ENCONTRO POSSÍVEL ATRAVÉS DE RESÍDUOS UTÓPICOS", apresentada pelo(a) aluno(a) Gisely Castor de Andrade, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de MESTRA EM LETRAS, área de Concentração em Literatura, Cultura e Tradução, segundo encaminhamento do Prof. Dr. Marco Valério Classe Colonnelli, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e segundo os registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação da Pós-Graduação. O professor Doutor Juan Ignacio Jurado Centurion Lopez (PPGL/UFPB), na qualidade de orientador, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte os Professores Doutores Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (PPGL/UFPB) e Aldinida de Medeiros Souza (UEPB). Dando início aos trabalhos, o(a) Senhor(a) Presidente convidou os membros da Banca Examinadora para comporem a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra ao(à) mestrando(a) para apresentar uma síntese de sua dissertação, após o que foi arguida pelos membros da Banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição, os examinadores deram o parecer final, ao qual foi atribuído o seguinte conceito: APROVADO. Proclamados os resultados pelo(a) Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Juan Ignacio Jurado Centurion Lopez (Secretário *ad hoc*), lavrei a presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora.

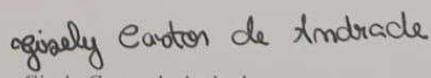
João Pessoa, 30 de agosto de 2023.

Parecer:

  
Prof. Dr. Juan Ignacio Jurado Centurion Lopez  
(Presidente da Banca)

  
Prof. Dr. Aldinida de Medeiros Souza  
(Examinadora)

  
Prof. Dr. Luciana Eleonora de Freitas Calado  
Deplagne  
(Examinadora)

  
Gisely Castor de Andrade  
(Mestranda)

A minha cadelinha Pandora (*In memoriam*),  
~~a caixa de todo mal~~  
a caixa de toda humanidade.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por todas as portas abertas.

Ao meus pais e as minhas irmãs Gilmara Castor e Gidália Castor pela compreensão da minha ausência nesta reta final.

A Mayra Paula que me ajudou a não perder o foco.

A minha cadelinha Pêpa que esteve presente em todos os dias da escrita.

A Juan Ignacio, meu orientador rico em paciência e dedicação.

Às professoras Gracielle de Lima, Maria Aparecida e Aldinida de Medeiros pelas ricas contribuições na qualificação.

À professora Luciana Calado que facilitou, através da sua tradução, a leitura do livro A cidade das damas.

Aos meus amigos Luis Ernesto e Gilbéria Alves por me incentivarem a ingressar no mestrado.

A todos que de maneira direta ou indireta contribuíram para a titulação a vir.

“Se o mundo ficar pesado  
Eu vou pedir emprestado  
A palavra poesia”  
(Jonathan Silva)

## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo comparar e aproximar as obras "A cidade das damas" de Christine de Pizan e "*Resposta a Sor Filotea de la Cruz*" e "Homens Néscios que acusáis" de Juana Inés de La Cruz. Ambas as autoras abordaram um pensamento utópico em suas escritas. Mesmo que o termo "utopia" não existisse na época de Pizan, o sentimento de um "não lugar" estava presente em sua obra, assim como o desejo por justiça. De acordo com Hilário Franco (2021), esse anseio por um mundo mais justo é classificado como "Utopia da Justiça". A aproximação entre as autoras foi alcançada através da teoria da Residualidade de Roberto Pontes (2006), que permitiu reconhecer arquétipos reproduzidos nas mentalidades das épocas das duas escritoras, e do conceito de longa Idade Média de Le Goff (2015), que aponta que a mudança de um período para outro ocorreu apenas no século XVIII. O medievalista defende que a própria América se tornou berço para o medievo. Neste trabalho, observamos uma clara interdisciplinaridade entre história e literatura. De acordo com Jaume Aurell (2006), a interdisciplinaridade contribui para uma visão abrangente de um período. O pesquisador recomenda que se ponderem o presente e o passado, para evitar anacronismos. Através das obras, teorias e conceitos apresentados, refletimos sobre como o exercício da utopia foi utilizado para ampliar as representações femininas na história e possibilitou reivindicações impensáveis nos séculos das autoras. Também reconhecemos resíduos comuns na mentalidade das sociedades das escritoras e consideramos o impacto que essas mulheres tiveram na construção de uma sociedade mais igualitária para homens e mulheres.

**Palavras-chave:** Christine de Pizan. Juana Inés de La Cruz. Utopia. Residualidade

## **ABSTRACT**

This study aims to compare and draw parallels between the works "The City of Ladies" by Christine de Pizan and "The Answer and Foolish Men" by Juana Inés de La Cruz. Both authors approached a utopian thought in their writings. Although the term "utopia" did not exist in Pizan's time, the sentiment of a "non-place" was present in her work, along with the desire for justice. According to Hilário Franco (2021), this yearning for a fairer world is classified as "Utopia of Justice." The approach between the authors was achieved through Roberto Pontes (2006) theory of Residuality, which allowed us to recognize archetypes reproduced in the mentalities of the two writers' eras, and through Le Goff's concept of the long Middle Ages (2015), which indicates that the transition from one period to another occurred only in the 18th century. The medievalist argues that America itself became a cradle for the medieval period. In this study, we observe a clear interdisciplinary approach between history and literature. According to Jaume Aurell (2006), interdisciplinary studies contribute to a comprehensive view of a specific era. The researcher recommends considering the present and the past to avoid anachronisms. Through the analyzed works, theories, and concepts, we reflect on how the exercise of utopia was used to expand the representation of women in history and enable unprecedented demands during the authors' centuries. We also acknowledge common residues in the mentalities of the societies of both writers and consider the impact these women had on shaping a more egalitarian society for men and women.

**Keywords:** Christine de Pizan. Juana Inés de La Cruz. Utopia, Residuality.

## RESUMEN

El presente estudio tiene como objetivo comparar y acercar las obras "La ciudad de las damas" de Christine de Pizan y "Respuesta a Sor Filotea de la Cruz" y "Hombres Necios que Acusáis" de Juana Inés de La Cruz. Ambas autoras abordaron un pensamiento utópico en sus escritos. Aunque el término "utopía" no existía en la época de Pizan, el sentimiento de un "no lugar" estaba presente en su obra, así como el deseo por la justicia. Según Hilario Franco (2021), este anhelo por un mundo más justo se clasifica como "Utopía de la Justicia". El acercamiento entre las autoras se logró a través de la teoría de la Residualidad de Roberto Pontes (2006), que permitió reconocer arquetipos reproducidos en las mentalidades de las épocas de ambas escritoras, y del concepto de larga Edad Media de Le Goff (2015), que señala que el cambio de un período a otro ocurrió solo en el siglo XVIII. El medievalista defiende que América misma se convirtió en cuna para el medievo. En este trabajo, observamos una clara interdisciplinariedad entre historia y literatura. Según Jaume Aurell (2006), la interdisciplinariedad contribuye a una visión comprensiva de un período. El investigador recomienda que se ponderen el presente y el pasado para evitar anacronismos. A través de las obras, teorías y conceptos presentados, reflexionamos sobre cómo el ejercicio de la utopía fue utilizado para ampliar las representaciones femeninas en la historia y permitió reivindicaciones impensables en los siglos de las autoras. También reconocemos residuos comunes en la mentalidad de las sociedades de las escritoras y consideramos el impacto que estas mujeres tuvieron en la construcción de una sociedad más igualitaria para hombres y mujeres.

**Palabras clave:** Christine de Pizan. Juana Inés de La Cruz. Utopía. Residualidad.

## SUMÁRIO

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>12</b>
<b>2. CAPÍTULO I – A CONSTRUÇÃO DOS ARQUÉTIPOS NAS MENTALIDADES DAS SOCIEDADE .....</b>	<b>16</b>
2.1. Um período não se extingue com o início de outro .....	18
2.2. As mulheres na pré-história .....	21
2.3. A mulher para a era clássica: Platão e Aristóteles .....	24
2.4. O mito e a bíblia na idade média.....	29
2.5. A vida feminina na colônia .....	44
<b>3. CAPÍTULO II - O PENSAMENTO UTÓPICO E RESIDUAL .....</b>	<b>51</b>
3.1. A residualidade segundo Roberto Pontes .....	51
3.2. O novo medievalismo segundo Jaime Aurell .....	62
3.3. A utopia segundo Thomas More e Hilário Franco .....	65
<b>4. CAPÍTULO III – UTOPIA: CHRISTINE DE PIZAN E SOR INÉS DE LA CRUZ.71</b>	<b>71</b>
4.1. Christine de Pizan e Juana Inés de la Cruz: encontros e desencontros .....	71
4.2. A cidade das damas e a busca por justiça .....	79
4.3. A resposta a Sor Filotea de La Cruz e a busca por justiça .....	86
4.4. Aproximações entre A cidade das damas e A resposta .....	94
<b>5. Capítulo IV – A UTOPIA COMO ESCAPE E DENÚNCIA .....</b>	<b>104</b>
5.1. Utopia literária.....	104
5.2. A cidade das damas e a utopia .....	111
5.3 Homens néscios e a utopia.....	117
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>126</b>
<b>7. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>129</b>
<b>8. ANEXOS .....</b>	<b>139</b>
De la beldad de Laura enamorados .....	140
A la muerte de la marquesa de Mancera.....	<b>140</b>
Vou-me embora pra Pasárgada .....	141
Redondillas .....	142

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Debruçar-se sobre o mundo medieval é dar voz às cidadãs que exerceram o seu importante papel social, mas que por inúmeros motivos não obtiveram o devido reconhecimento em sua contemporaneidade. O próprio mundo medieval foi mal interpretado durante anos pelas afirmações incoerentes de renascentistas como Francesco Petrarca. “Acredita-se que o termo Idade das Trevas tenha sido criado por Francesco Petrarca (1304-1374) por volta da década de 1330, ou seja, nos primeiros instantes da renovação cultural renascentista.” (DAUWE, 2013, p.8). Autores como George Duby (2001), Ellien Power (1979) e o historiador Johan Huizinga (2021) conseguiram revisitar o papel e os julgamentos sobre o sexo feminino sob a mentalidade medieval. Os estudos de George Duby e Ellien Power, apresentam, descrevem e enumeram arquétipos presentes na mentalidade medieval, enquanto valorizam e reconhecem as funções das mulheres na sociedade.

Jacques Le Goff (2013) em seu livro “Homens e mulheres da Idade Média” também realiza um levantamento sobre a vida feminina diante de várias perspectivas, como: a vida em sociedade, matrimônio, religião e educação. Com base no conceito de periodização da longa Idade Média de Le Goff e na teoria da residualidade de Roberto Pontes, o objeto desse trabalho é relacionar a escritora medieval Christine de Pizan e a poeta barroca Juana Inés de La Cruz para encontrar residualidades medievais, principalmente utópicas que ultrapassaram períodos. A primeira autora nasceu na Itália e mudou-se para França aos quatro anos. A cidadã francesa viveu entre os séculos XIV e XV. Enquanto a mexicana Juana Inés viveu no século XVII.

As teorias de periodização e residualidade possibilitaram reconhecer arquétipos, sentimentos e pensamentos medievais na mentalidade da Nova Espanha. O anseio comum entre as autoras que mais se ressalta nas obras são os seus desejos utópicos, principalmente a utopia classificada por Hilário Franco como Utopia da justiça.

Em nosso trabalho há uma interdisciplinaridade clara entre história, psicologia e literatura, uma aproximação possível ao se tratar de mentalidades e arquétipos. No conceito de presentismo e preterismo de Jaume Aurell (2006) o pesquisador deve considerar múltiplas áreas de estudo que se completam e

contribuem para uma visão poliédrica do tema em questão, assim como, ponderar a vista ao olhar para o passado e maculá-lo com a sua contemporaneidade. A interdisciplinaridade contribui para a justa medida do julgamento entre as épocas.

Na contemporaneidade, a pesquisadora Luciana Calado (2003) tem desenvolvido trabalhos em relação às mulheres medievais no campo da literatura, realizando a primeira tradução do livro *corpus* deste trabalho “*A cidade das damas*” para o português. Calado dedicou-se aos estudos da vida e obra de Christine de Pizan, o que corroborou, em grande escala, para o desenvolvimento desta pesquisa. Em um desses estudos, chegou a estabelecer uma relação entre a escritora medieval e a barroca. No tocante a Juana Inés de La Cruz, o *corpus* se restringe ao poema *Homens Néscios* e ao escrito *A resposta*. Um dos principais pesquisadores da poeta no México é Octavio Paz, e, no Brasil, tomamos por base o estudo de Leila Tabosa (2009).

Em nosso trabalho, as duas autoras se aproximam no campo histórico social por meio dos arquétipos que as mentalidades de suas respectivas sociedades esperavam delas. No campo da literatura, as suas obras são reivindicativas e possuem uma denúncia clara desses arquétipos históricos. Jung, o pai da psicologia analítica, entende que os arquétipos não se limitam apenas ao indivíduo, mas também têm uma dimensão coletiva que transcende as experiências pessoais e refletem as estruturas profundas da psique humana. “Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, os conteúdos do inconsciente coletivo são constituídos essencialmente de arquétipos.” (JUNG, 2002, p. 53). Dessa maneira, ao explorar e denunciar os arquétipos históricos, embora temporalmente não conhecessem a teoria em sí, as autoras não apenas desafiam as expectativas sociais, mas também abrem espaço para uma reflexão mais profunda sobre ser mulher.

Da mesma maneira, apesar do termo utopia não existir, especificamente, na época de Christine de Pizan, o pensamento do “não lugar” estava vigente, bem como a sede por justiça. Conjeturamos que ambas as autoras escrevem suas obras sob um forte caráter utópico. O sentimento do “não lugar”, que é uma das características da utopia, estava presente na época de ambas as autoras, notadamente no que se refere à posição das mulheres na sociedade. As mulheres eram frequentemente marginalizadas e subestimadas, e as

oportunidades de educação e de acesso à cultura eram restritas. No entanto, elas sonhavam com uma sociedade em que as mulheres tivessem o direito de estudar, escrever e participar plenamente da vida cultural e intelectual.

Mediante as obras, teorias e conceitos apresentados, em nosso objetivo principal, refletimos como o exercício da utopia foi utilizado com vista a contribuir para a ampliação das representações femininas na história e deram vazão às obras com reivindicações impensáveis nos séculos das autoras. Como objetivos secundários, reconhecemos os resíduos em comum na mentalidade das sociedades das autoras; analisamos o impacto que essas mulheres tiveram na construção de uma sociedade mais igualitária para homens e mulheres. Por fim, problematizamos a importância de dar vozes às mulheres nos textos literários silenciados pelo carácter misógino, medieval e moderno, assim como, realizamos uma leitura do seu atual significado.

O capítulo um está dividido em cinco subcapítulos. No primeiro deles introduzimos o conceito de periodização de Le Goff (2006) e explicamos que um período não se extingue com o início de outro. Após essa introdução teórica iniciamos uma análise sobre os arquétipos vigentes nas mentalidades sobre as mulheres e procuramos identificar de onde surgiram esses arquétipos que alimentaram as mentalidades das épocas. Cada subcapítulo é dedicado a um período da história: pré-história; idade clássica; idade média; o período da construção do país que hoje, conhecemos como México; e culminamos no barroco de Juana Inés de La Cruz.

O segundo capítulo se inicia com encontros e desencontros de vivências e experiências entre Christine de Pizan e Juana Inés, em outras palavras, situações semelhantes e diferentes que viveram. Neste capítulo, as teorias que alicerçaram o nosso trabalho são apresentadas nos três primeiros subcapítulos: Residualidade, Novo medievalismo e Utopias. Nos seguintes subcapítulos as teorias base do trabalho são apresentadas e problematizadas.

No terceiro capítulo, dedicamo-nos à análise das obras "*La Respuesta a Sor Filotéa*" e "*A cidade das damas*" sob a ótica da utopia, valendo-nos da classificação de utopia da justiça delineada por Hilário Franco como fundamento. Destacamos de maneira inequívoca a presença da busca pela justiça em ambas as obras. Adicionalmente, empenhamo-nos em identificar e apresentar elementos que aproximam tais obras.

No quarto e último capítulo, exploramos a utopia como um pensamento de evasão para as autoras e, por consequência, para suas obras. Introduzimos neste capítulo o texto *Homens néscios* de Juana Inés. Além disso, utilizamos a noção de utopia literária de Norbert Elias (1998), na qual o pesquisador conclui que na utopia podem convergir desejos e pesadelos. Ele argumenta que a utopia representa uma forma de lidar com o medo e a ansiedade, permitindo que as pessoas encontrem algum alívio na angústia do presente, ao visualizarem um futuro promissor.

Em relação às autoras, o trabalho de Beatriz Pastor (1995) sobre a escritora americana e o de Luciana Calado (2003), no tocante a escritora europeia serviram de base para reafirmar o conteúdo utópico das obras. Neste momento foi possível observar como a utopia de um mundo melhor para o sexo feminino apareceu explicitamente nas obras citadas. Retomamos neste capítulo o conceito de mentalidade e residualidade, posto que, as autoras não tiveram a oportunidade de intercambiar seus textos, mas seus sonhos, anseios e desejos eram comuns.

Entendemos que a utopia proporcionou às autoras segurança para se expressarem sem temer retaliações religiosas, afinal, a utopia pode representar um desejo, um sonho, um anseio. Conceder voz a essas mulheres é proporcionar maior alcance e reconhecimento às obras femininas em nossa sociedade, as quais, muitas vezes, foram silenciadas pela mentalidade medieval, barroca e pela historiografia. No entanto, graças aos esforços de recuperação e aos espaços de reconhecimento dedicados ao feminino, tais obras tornaram-se mais visíveis e acessíveis.

Para finalizar, vale ressaltar que ao tratar de um tema tão delicado, nos cabe cautela, deixamos claro, assim como as autoras que, nem Juana Inés de La Cruz, tampouco Christine de Pizan buscavam menosprezar o sexo masculino ou a igualdade entre os sexos, eles almejavam justiça entre eles. Hoje possuímos uma expressão mais adequada para sintetizar o desejo das autoras: equidade de gênero.

“São recentes e possuem o objetivo de reduzir ou eliminar diferenças resultantes de fatores considerados, ao mesmo tempo, evitáveis e injustos. Políticas essas dirigidas tanto às raízes dos problemas diminuindo riscos diferenciais, como provendo ações e serviços que deem conta da maior necessidade de cuidados que as iniquidades criam.” (WHITEHEAD, 1992, p. 245).

A equidade é a maneira de dar aos sexos os recursos necessários para poderem viver da maneira mais equiparada possível. Para que isso aconteça precisamos recuperar, como referência, as obras de mulheres que tiveram essa consciência e talharam esse pensamento, embora desconhecemos a expressão equidade. A recuperação dessas obras poderá ampliar o processo que conduz a um maior reconhecimento e valorização dos escritos femininos, tanto no presente como nas futuras gerações.

## **2. CAPÍTULO I – A CONSTRUÇÃO DOS ARQUÉTIPOS NAS MENTALIDADES DAS SOCIEDADE**

Ao tratarmos sobre literatura é importante ter em mente que estamos nos referindo a uma arte e também a uma forma de expressão, de modo que, artistas de diferentes épocas a usaram como uma ferramenta de denúncia e reivindicação na sociedade na qual estavam inseridos.

As denúncias e as críticas à sociedade foram expostas, pelas escritoras, sob um pensamento utópico. Christine de Pizan e Juana Inés de la Cruz escreveram sobre uma base utópica, um lugar imaginário que representa o ideal de uma sociedade perfeita. A escritora francesa escreveu sobre essa ideia no seu tratado *A cidade das damas*. Nesta obra, Pizan apresenta uma sociedade ideal governada por mulheres, na qual reina a justiça, a igualdade e a paz. Ela descreve as mulheres como livres, capazes de tomar as suas próprias decisões e desfrutar das mesmas oportunidades que foram atribuídas aos homens. Em lugar de ceder às expectativas da sociedade, ela desenvolve ideias baseadas na equivalência, a fim de garantir que todos os membros da comunidade gozassem de direitos iguais.

No que lhe concerne, Juana Inés de La Cruz escreveu uma série de sonetos em redondilhas nos quais descreve um mundo no qual há liberdade, igualdade e respeito mútuo. Nesses sonetos ela defende a igualdade de direitos entre homens e mulheres, bem como a liberdade de expressão. Como aponta Bezerra:

“Nos textos sorjuaninos, os personagens, quando mulheres, servos ou escravos, apresentam características de pessoas com liberdade além do esperado pela sua condição social. Ela constrói uma obra que embora ficção, são criadas à *imago dei*, de fato, o tratamento recebido

ficionalmente é de igualdade, o que é diferente de como eram tratados pelas instituições vigentes na época. Assim, as falas dos personagens transparecem um espaço e a voz, e é possível realizar uma leitura como uma denúncia social, pois se percebem queixas amargas a respeito da situação em que viviam, muito tempo antes que se falasse em práticas abolicionistas.” (BEZERRA, 2016, p.115)

Ambas as autoras buscaram com a sua escrita promover uma sociedade mais justa e que outorgue valor ao sexo feminino. Assim como pode-se observar no trecho seguinte:

“Em todas as suas obras, Christine luta pelo respeito e pela valorização da mulher, deixando claro que, dentro desses objetivos, não tinha a pretensão (e talvez nem pudesse) de avançar ou de emancipá-las, pois para ela a principal virtude ainda era a obediência.” (LEITE, 2008, p.131)

No caso de De La Cruz, suas indagações se deram em “*Resposta a Sor Filotea de la Cruz*”, obra em forma de carta, na qual questiona e denuncia a condição das mulheres na sociedade. Nela, a autora afirma que as mulheres deveriam ter direito à educação e ao estudo da filosofia e da teologia. Ela argumenta que a ignorância não é virtuosa, defende o direito das mulheres de ler e escrever, e de se dedicar ao estudo das artes e das ciências. Argumenta ainda que a educação não pode ser um luxo de uma minoria, mas sim um direito de todos.

As autoras fazem denúncias à sua sociedade, de maneira que, redigem suas obras em respostas a ela, denunciam ações e alertam as mulheres sobre as injustas sanções que vêm sofrendo ao longo dos séculos.

Tanto Pizan como De La Cruz, recorrem às mulheres de eras anteriores para recuperar e mostrar à sua sociedade o papel significativo das mulheres ao longo dos anos. Mulheres reais como a rainha Juana de Borbón<sup>1</sup> e mitológicas como Minerva, são retomadas por Pizan, como podemos constatar na primeira tradução ao português pela pesquisadora Luciana Calado:

“[...] a rainha Joana, viúva do rei Carlos IV. Veja se tens na memória os grandes benefícios testemunhados pela fama desta dama, tanto pela nobreza de sua corte, pelo estilo de vida e pelo senso de justiça. Nunca nenhum príncipe soube melhor do que ela administrar a justiça e defender os interesses das suas terras.” (PIZAN, 2006, p.149)

---

<sup>1</sup> Juana de Borbón foi uma nobre francesa do século XV, nascida em 1464. Tornou-se rainha consorte de Castela e Aragão ao se casar com Fernando II de Aragão, o Católico, em 1496. Foi mãe de Juana I de Castela, conhecida como "Juana, a Louca". Sua união dinástica desempenhou um papel significativo na história política e na dinastia dos Habsburgo.

Por sua vez, De La Cruz (1985, p. 461) descreve Minerva como “[...] diosa de las ciencias [...], hija del primer Júpiter y maestra de toda la sabiduría de Atenas.”<sup>2</sup> As autoras recuperam exemplos de mulheres ilustres para endossar e valorizar suas ideias. Em nosso trabalho, elucidamos inicialmente a mentalidade das épocas em que os textos foram escritos. Esta mentalidade foi, em grande medida, responsável pelo silenciamento das vozes femininas, somada à culpabilidade da historiografia, a qual contribuiu para ocultar os trabalhos realizados por mulheres. Como explanado anteriormente, entendemos que um período não termina quando outro se inicia, dessa maneira, faz-se necessário uma síntese da construção da mentalidade sobre as mulheres, da pré-história ao barroco.

### **2.1. Um período não se extingue com o início de outro**

Na atualidade, ao lançarmos o nosso olhar para trás, julgamos o que passou como ultrapassado. Sob esta mesma perspectiva podemos conjecturar que as próximas gerações também o farão com esta, e assim, olharão para as mulheres deste período como suplantadas, as quais, poderiam ser hostilizadas pelas roupas que vestiam e que os seus salários, em muitos casos, não eram determinados pelos seus méritos, mas pelo seu gênero. Julgamentos esses que, possivelmente, irão menoscar as contribuições dadas pelos séculos XX e XXI para a emancipação feminina, como o direito feminino ao voto, conquistado no Brasil em 1932. Na mesma esteira de análises reage o nosso pensamento ao imaginar a Idade Média, ou seja, sem um devido conhecimento sobre o período, podemos cair em um senso comum e olvidar o contexto no qual estava inserida a escritora medieval, que mesmo com tantos empecilhos, pode pensar em uma sociedade mais justa e contribuir para os avanços que hoje gozamos.

É comum, em nosso pensamento especulativo, acreditar que um período se sobrepõe ao outro, porém, na realidade um período é a continuação do outro.

"O homem 'possui' muitas coisas que ele não adquiriu, mas herdou dos antepassados. Não nasce tabula rasa, apenas nasceu inconsciente. Traz consigo sistemas organizados e que estão prontos a funcionar

---

<sup>2</sup> “[...] deusa das ciências [...], filha do primeiro Júpiter e mestre de toda a sabedoria de Atenas. ”  
(Tradução nossa)

numa forma especificamente humana; e isto se deve a milhões de anos de desenvolvimento humano. ” (JUNG, 2014 p. 728)

Como bem considera Le Goff (2016. p.95), “o passado somente serve como uma herança que permite dar o salto para um novo período. ” Ao afirmar isso ele considera que dividir a história em períodos se dá pela necessidade do homem de controlar o tempo, mas que esta sistematização não é perfeita.

“A periodização, obra do homem, é, portanto, ao mesmo tempo artificial e provisória. Ela evolui com a própria história. Em relação a isso, ela tem uma dupla utilidade: permite melhor controlar o tempo passado, mas também sublinha a fragilidade desse instrumento do saber humano que é a história” (LE GOFF, 2016. p.11)

Essa fragilidade da periodização é, justamente, o problema para reconhecer a herança de um período em outro, ou até mesmo a sua continuidade. Le Goff (2015, p.91) defende a ideia de uma longa Idade Média, para ele, o final do medievo não foi no século XV, a mudança foi em torno do século XVIII. Topolsky (1992), argumenta que as periodizações objetivas da história podem levar a imagens errôneas do passado. Para Le Goff, tal periodização é um produto subjetivo do homem.

Os quase três séculos que separam Christine de Pizan e Inés de la Cruz não implicam que o período posterior, referente à autora mexicana, tenha se desfeito totalmente do imaginário e das atitudes da Idade Média. Muitas vezes, tendemos a enxergar o passado distante como algo antiquado e injusto, especialmente quando se trata da condição das mulheres. Talvez de forma apressada, julgamos que na sociedade em que o Barroco imperou, o sexo feminino já não enfrentava as mesmas penas do passado. No entanto, contrariando nossas esperanças, as escritoras do século XVII sentiram na pele o peso da misoginia que perdurou ao longo do tempo, manifestando-se de maneira escrita, oral e prática desde a antiguidade. Inclusive, é provável que Juana Inés tenha sentido as censuras sociais de modo mais forte que a escritora medieval, posto que, as recriminações eram direcionadas a ela diretamente. Podemos entender o teor das repressões através das palavras de Carlos Moreno e Lourdes Moreno:

“A monja sofre profundas críticas e constantes pressões do alto clero da Nova Espanha, o que a leva interromper suas atividades poéticas que até aquele momento conciliara com suas responsabilidades religiosas. Se reconcilia com o Bispo Núñez de Miranda e, sob o risco da inquisição, fora aconselhada por ele, a abandonar seus estudos e leituras.” (MORENO; MORENO, 2014 p. 53)

As palavras dos estudiosos acima mencionadas, apenas corroboram com a ideia de Le Goff de que um século é a continuidade de outro e que dividir a história em pedaços é uma fantasia subjetiva da nossa necessidade de controlar o tempo, mas que ao fazê-la podemos entrar em desacordo com a realidade vivida pelos autores, assim como mal interpretar as suas obras. Le Goff alerta sobre a nova análise da história e memória.

“Por um lado, para domesticar o tempo natural, as diversas sociedades e culturas inventaram um instrumento fundamental, que é também um dado essencial da história: o calendário; por outro, hoje os historiadores se interessam cada vez mais pelas relações entre história e memória.” (LE GOFF, 1990, p.8)

Ele argumenta que os acontecimentos históricos e culturais não seguem uma linha clara, portanto, não podem ser divididos de forma simples e objetiva. Todo tempo é marcado por dois aspectos: tradição e renovação que se encontram na evolução, como sugere Le Goff (1990). Isso significa que o século XXI, com todas as suas realizações e desafios, é o resultado das ações, decisões e eventos que aconteceram nos séculos anteriores. Portanto, é importante entender o contexto histórico e cultural de cada época para compreender melhor o presente. Em outras palavras, a repetição de fatos idênticos ou similares em séculos diferentes são resíduos da mentalidade de uma sociedade em outra.

No caso da mentalidade sobre a mulher, não podemos atribuir a responsabilidade apenas para um século ou um período específico. A ideia sobre as mulheres vem sofrendo mutações ora negativas, ora positivas, podendo ser comprovadas desde a Idade Clássica e, conjeturada, desde a pré-história. Textos escritos por Platão e Aristóteles, assim como os estudos recentes da arqueologia contribuem para uma maior compreensão e domínio do progresso da história feminina. Em outros termos, e na linha de raciocínio de Le Goff, a herança de um período vive em outro, como veremos a seguir.

Ao mencionar o termo resíduo<sup>3</sup> pela primeira vez no texto, salienta-se que este se adapta aos períodos e não chega da mesma forma em todas as épocas. Com a acomodação das mudanças na mentalidade das sociedades, ele se

---

<sup>3</sup> Usamos o termo “resíduo” sob a perspectiva de Roberto Pontes, resíduos como um elemento do passado vivo no presente. Esse tema será exposto com detalhe mais adiante

encaixa como marcas: algumas vezes claras, em outras, transculturadas. Para compreender melhor como os conceitos sobre as mulheres foram se formando até culminar nas épocas das escritoras base do nosso trabalho, vamos fazer um recorrido pelas eras e identificar a mentalidade sobre as mulheres em cada uma delas.

## **2.2. As mulheres na pré-história**

Quando nos referimos à pré-história pensamos, de uma maneira simplista, apenas na descoberta do fogo e na invenção da roda. Especificamente acerca da idade da pedra, associamos a construção e manuseio de rochas como ferramenta para caça. Nas escolas se ensina que as mulheres, na organização social dos povos originários, estavam direcionadas a cuidar dos filhos, do preparo da alimentação e dos afazeres internos à família. Aprendemos ainda que os homens eram responsáveis por prover alimentos, manusear instrumentos e caçar.

“A representação da divisão sexual do trabalho nos livros didáticos seleciona alguns dos pontos levantados por essas especulações e cria um amálgama em que, no Paleolítico, homens caçam e mulheres coletam, cuidam de crianças e preparam o alimento consumido por todos. Mas desconsideram elementos importantes das teses sobre a evolução, que atribuem a homens ou mulheres o desenvolvimento tecnológico e social. Atividades que possam estar associadas a esses processos são atribuídas raramente, mas quase de maneira equivalente para homens e mulheres” (GUERRA, 2021, p.7)

Os estudos arqueológicos mostram que as mulheres eram muito mais ativas do que se pensava inicialmente. Por exemplo, as mulheres eram responsáveis por inúmeras tarefas como: provisão de alimentos, fabricação de utensílios e desenvolvimento de novas tecnologias. Além disso, elas também eram membros importantes de suas comunidades, desempenhando papéis cruciais como curandeiras, líderes espirituais e líderes políticas.

Em 2018, um grupo de arqueólogos da Universidade da Califórnia, sob a liderança do pesquisador Randall Haas encontraram, nas Cordilheiras dos Andes, uma sepultura de um fóssil enterrado com um kit de ferramentas de caça de grandes animais. Ao analisar o fóssil, constatou-se que era do sexo feminino, sendo batizado de WPI6.

“O estudo sugere, assim, que essas mulheres pré-históricas, eram caçadoras. Descobertas como essa demonstram que a mulher pré-histórica, pelo menos de uma localidade, desempenhava tarefas por

muito tempo consideradas masculinas, o que comprova o quanto são falsas as colocações sobre a fragilidade e a inferioridade da mulher.” (BERGANTINI, 2021, p. 97)

WPI6, como bem explica Bergantini (2021), não foi a primeira mulher encontrada com indícios de caçadora. Infelizmente, as descobertas anteriores não receberam o mesmo curso do caso de WPI6. Feito que contribuiu negativamente para uma falsa ideia das mulheres pré-histórica. Este julgamento equivocado se alicerça, em certa medida, pelo estudo tardio da pré-história que só ganhou força no século XIX. Os pesquisadores eram, em sua maioria, homens, fato que contribuiu para um pensamento estereotipado sobre as mulheres, pois os estudiosos abusaram do presentismo<sup>4</sup> e julgaram a partir da organização social que conheciam, ou seja, da mentalidade de suas épocas.

“A ideia de que as mulheres não têm um passado, de que elas não têm uma história, significativa, claro, que elas os tinham, mas que ambos estavam enterrados, escondidos, mascarados e que o trabalho das feministas era encontrá-los e torná-los conhecidos. Esse trabalho de arqueologia, de redescoberta e de reapropriação continua a acontecer e é fundamental.” (VERGÈS, Françoise, 2020, p.107).

Com o avanço das tecnologias tornou-se possível análises mais detalhadas, concretas e menos pessoal sobre os fatos. O caso de WPI6 é um bom exemplo disso, a princípio era apenas um indivíduo aparentemente caçador enterrado, mas através de análises clínicas o seu sexo foi revelado.

Por um lado, as mulheres eram idealizadas, e, também eram vistas como um ser divino, pois, representavam o poder de dar à luz e nutrir. Por outro lado, as mulheres pintadas nas paredes pré-históricas respondiam ao arquétipo da mulher fértil. A fertilidade atribuída apenas às mulheres lhe outorgava um grau de superioridade, posto que, naquela época os homens não tinham consciência de seu papel na procriação.

“Os ancestrais do Paleolítico e do começo do Neolítico imaginavam o corpo da mulher como um receptáculo mágico. Devem ter observado a forma com que miraculosamente se produz gente. Também devem se ter maravilhado com o fato de ele prover alimento. Acrescente a isso, o poder aparentemente mágico de fazer com que o órgão masculino se erga e a capacidade extraordinária da mulher para o prazer sexual.” (EISLER, 1996, p. 40).

---

<sup>4</sup> O presentismo é a abordagem que analisa uma época passada considerando a época contemporânea ao pesquisador. Esse termo faz parte do chamado Novo Medievalismo, uma abordagem trabalhada desde o século XX e bem exposta nos estudos de Jaume Aurell (Aurell 2006 p. 200-201)

Porém, essa imaginação perdeu forças no momento que o homem descobriu o seu papel na procriação:

“Assim, as deusas da Pré-História perderam o seu espaço e registro, quando o homem descobriu o seu papel sexual. Após a instalação do patriarcado, há cerca de cinco mil anos, a mulher adquiriu status de mercadoria: podia ser comprada, vendida ou trocada. Passou a ser considerada inferior ao homem e, por conseguinte, subordinada a sua dominação.” (LINZ, 2013, p. 24).

Embora as pinturas encontradas por estudiosos sugerissem esse papel da mulher, que em sua época usufruiu de uma certa ingenuidade masculina, seguir atribuindo um caráter maternal e divino às mulheres é reduzi-las a dois fatores.

“Sugerir que as representações do corpo do sexo feminino estão conectadas com a Deusa Mãe denuncia a repetição de uma narrativa que liga coisas e pessoas a funções determinadas, cosendo a explicação com pontos tão apertados que não deixa espaços para que outras relações, outros materiais, outras interpretações possam entrar na discussão.” (VALE, 2015, p.12).

Para Vale (2015), a arqueologia tradicional vai tecer as suas considerações estereotipadas das mulheres como deusa e mãe, apresentando sob esta perspectiva, um perfil puro e outro impuro. Tal argumento, nos faz recordar a teoria de Duby (2001) sobre as mulheres medievais, dividida entre Ave e Eva, ou seja, sagrada ou profana. Dicotomias reproduzidas nas escritoras:

“Em outras palavras, quer seja um anjo passivo ou um monstro ativo, a escritora sente-se literal ou figurativamente, mutilada pelas alternativas debilitantes que a cultura lhe oferece, e os efeitos mutilantes de seu condicionamento às vezes parecem “reproduzir-se” como sentenças de morte nos sapatos sangrentos que herda de suas predecessoras literárias.” (BRANDÃO, 2017, p.204)

Podemos deduzir então que, o papel das mulheres foi construído baixo esses dois paradigmas. Na própria sociedade de Christine de Pizan e de Juana Inés a mulher tinha duas opções fundamentais: casar-se e procriar ou entrar em um convento, essas eram consideradas as opções socialmente aceitáveis para as mulheres, e aqueles que fugiam dessas normas eram muitas vezes alvo de estigmatizações e julgamentos. Tal fato, reafirma que a construção do arquétipo feminino é um tema complexo e heterogêneo, que envolve diversas influências e transformações ao longo da história.

Na era clássica, por exemplo, como veremos no subcapítulo a seguir, houve duas fortes influências para o fortalecimento de um arquétipo feminino, o

primeiro deles foi a mitologia grega, que apresentava uma grande variedade de figuras femininas, desde deusas poderosas e imponentes até heroínas e figuras míticas de beleza e sensualidade. A imagem das mulheres na mitologia grega tinha forte relação com a ideia de natureza e da fertilidade, sendo frequentemente associada a divindades como Zeus. Outra influência em destaque foi a filosofia, que apresentava concepções diversas sobre a natureza e o papel das mulheres na sociedade. Platão<sup>5</sup>, por exemplo, defendia que as mulheres tinham habilidades e capacidades semelhantes às dos homens, enquanto Aristóteles defendia uma visão mais limitada e subordinada do papel feminino.

### **2.3. A mulher para a era clássica: Platão e Aristóteles**

As mulheres na antiguidade clássica não eram consideradas um ser de direitos iguais ao homem. Elas eram consideradas propriedade dos homens, viviam numa sociedade dominada por eles e adepta da poligamia. Geralmente, as mulheres não tinham direito à herança, voto, tampouco, educação. Elas eram vistas como um objeto, cujo único papel era o de satisfazer os desejos dos homens. As mulheres também eram frequentemente vistas como responsáveis por todos os problemas da sociedade, já que elas eram consideradas seres pecaminosos. No plano da narrativa da condição feminina, fica evidente o conceito construído e propagado pelo sexo feminino em direção a elas. Opiniões, hoje, interpretadas majoritariamente como absurdas.

Na Era Clássica, os filósofos eram pensadores respeitados, e suas argumentações eram consideradas. Em outras palavras, eles foram, de certa maneira, propagadores de ideias que sobreviveram e perduraram ao longo dos séculos posteriores.

“Na verdade, a grande maioria se empenhou em —demonstrar a existência de uma suposta essência inferior feminina e, com base nessa premissa, os filósofos afirmaram que a desigualdade entre os sexos é justa, universal e imutável, pois está fundada na própria natureza.” (CARVALHO, 2006, p. 70)

---

<sup>5</sup> De fato, em *O Banquete*, por exemplo, a presença da sacerdotisa de Mantinea, Diotima, é mencionada como uma importante mestre de Sócrates, que o instruiu sobre a natureza e a filosofia do amor.

Essa ideia de inferioridade era defendida por Platão. Ele acreditava que as mulheres não possuíam os mesmos talentos que os homens, de maneira que, não deveriam ter o direito de participar da política ou de serem responsáveis por assuntos importantes. Nos estudos de Alves e Pitanguy, em relação ao filósofo, podemos constatar qual posição as mulheres do período clássico ocupavam.

“Na Grécia, a mulher ocupava posição equivalente à de escravo no sentido de que tão somente estes executam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre. Em Atenas, ser livre era, primeiramente, ser homem e não mulher, ser ateniense e não estrangeiro, ser livre e não escravo. A afirmação de Platão expressa bem essa realidade: “Se a natureza não tivesse criado as mulheres e os escravos teria dado ao tear a propriedade de fiar sozinho”. (ALVES E PITANGUY, 2003, p. 11.)

Apesar do posicionamento de Platão na sua obra *A República* em relação às mulheres exposta por Pitanguy, especificamente em um diálogo entre Glauco e Sócrates, Platão faz concessões às mulheres. Para ele as mulheres podem ocupar cargos de destaque social. Ele sugere que a natureza das mulheres não é fundamentalmente diferente da dos homens e que algumas mulheres podem possuir as mesmas habilidades e aptidões necessárias para exercer cargos assim como os homens na cidade.

Sócrates — Conseqüentemente, meu amigo, não há nenhuma atividade que concerne à administração da cidade que seja própria da mulher enquanto mulher ou do homem enquanto homem; ao contrário, as aptidões naturais estão igualmente distribuídas pelos dois sexos e é próprio da natureza que a mulher, assim como o homem, participe em todas as atividades, ainda que em todas seja mais fraca do que o homem.

Glauco — Perfeitamente.

Sócrates — Concederemos, então, todas as atividades aos homens e nenhuma às mulheres?

Glauco — Como fazer isso?

Sócrates — Mas existem mulheres que têm uma disposição inata para a medicina ou para a música e outras que não têm.

Glauco — Com certeza.

Sócrates — E não existem as que possuem uma disposição inata para a ginástica e para a guerra e outras que não apreciam nem a guerra nem a ginástica?

Glauco — Creio que sim.

Sócrates — Muito bem! Não existem mulheres que amam e outras que odeiam a sabedoria? Não existem algumas que são ardorosas e outras sem ardor?

Glauco — Sim, existem.

Sócrates — Logo, existem mulheres que são aptas para a guerra e outras que não são. Ora, não escolhemos homens dessa natureza para tomá-los nossos guerreiros?

Glauco — Sim, escolhemos.

Sócrates — Portanto, a mulher e o homem possuem a mesma natureza no que concerne à sua aptidão para proteger a cidade, sem esquecer que a mulher é mais fraca e o homem mais forte.” (PLATÃO, 1949, p.206)

Tomando como base o diálogo, podemos entender que nessa sociedade, haviam mulheres que exerciam papel para além da vida familiar interna. Nas palavras de Sócrates, aparecem mulheres com aptidão para a medicina, as letras e a guerra. No entanto, apesar do esforço para incluir as mulheres na cidade, isso não faz de Platão um filósofo integrado às causas femininas. No início e no final dos argumentos, há sempre um alerta ao fato de que as mulheres são inferiores aos homens. É válido notar que, apesar dessas concessões, Platão ainda mantém uma visão hierárquica, onde os homens são considerados superiores e a maioria das mulheres é destinada a papéis reprodutivos e domésticos. Para ele, apenas algumas mulheres são excepcionais.

“Tais concessões que Platão pretendia fazer ao sexo feminino, como veremos, não tornam Platão um “feminista”, pois de nenhum modo o filósofo ateniense parece defender a tese que as mulheres são iguais aos homens em virtudes intelectuais ou morais ou que elas possam preencher os requisitos necessários e suficientes para a satisfação do ideal da natureza humana.” (DOS SANTOS, 218, p.160)

Se avaliamos essas ideias dentro do contexto filosófico, não podemos negar que a intenção de inclusão feminina na polis tenha sido totalmente negativa, posto que, o filósofo conseguiu, em certa medida, ir em direção oposta à mentalidade de sua época.

“O fato de chamar mulheres a defender a polis, provendo-as, assim, do título de guardiãs, já coloca Platão numa situação embaraçosa frente à opinião sustentada pelo senso comum acerca da mulher, visto que a marca da situação do sexo feminino em Atenas, por exemplo, é a da marginalidade e da passividade que o submetem à incultura física e intelectual”. (DOS SANTOS, 218, p.161)

Se por um lado Platão tenta inserir a mulher no contexto social e afirma que homens e mulheres possuem almas iguais, o seu discípulo Aristóteles já se posiciona de maneira mais impositiva em relação ao sexo feminino. Ele defende que as mulheres são inferiores aos homens em termos de inteligência e capacidade física, e que a principal função das mulheres é a procriação e a manutenção da casa. Ele argumenta que a natureza destinou esse papel as mulheres e que elas não eram capazes de exercer funções públicas ou participares da vida política.

“Aristóteles foi o autor da teoria de desigualdade natural dos sexos, abordando em suas obras que a mulher tem alma passional, por isso, inferior, pois a razão se sobrepõe a passionalidade. Ainda segundo ele, mulheres são incapazes de se comportarem de acordo com coisas que foram previamente deliberadas.” (GONÇALVES, 2006, p.14)

Para Aristóteles, a forte emotividade feminina a torna incapaz de racionalizar. A mulher, para ele, serve apenas para agir dentro do lar. Ela é totalmente inferior ao homem: “A relação entre o homem e a mulher é por natureza a do superior ao inferior, do governante ao governado. O homem é mais apto para o comando do que a mulher, salvo exceções contrárias à natureza.” (CARVALHO, 2006, p. 73).

Diante da postura de Aristóteles e Platão, vale ressaltar que não podemos acusar nenhum dos dois de machistas<sup>6</sup> ou segregacionista, eles plasmaram a mentalidade de suas épocas que, infelizmente, não eram nada favoráveis às mulheres. Seus posicionamentos não anulam as contribuições filosóficas que deram a nossa sociedade.

Além dos filósofos que serviam como fortes veículos de propagação da mentalidade sobre a mulher na Idade Antiga entre os eruditos, outro mecanismo que, de alguma maneira, contribuiu para o fortalecimento do arquétipo feminino na mentalidade da sociedade em direção às mulheres foram os mitos.

“(…) parece se constituir de motivos mitológicos ou imagens primordiais, razão pela qual os mitos de todas as nações são seus reais representantes. De fato, a mitologia como um todo poderia ser tomada como uma espécie de projeção do inconsciente coletivo (...). Portanto, podemos estudar o inconsciente coletivo de duas maneiras: ou na mitologia ou na análise pessoal.” (JUNG, 1924/1986, p. 325)

Para Jung, a mitologia representava a forma como o inconsciente coletivo é expresso, com cada mito dizendo algo sobre o modo como o mundo é sentido pelas pessoas, e não como ele é realmente. Assim, a mitologia pode ser entendida como uma projeção do inconsciente coletivo, e como uma forma de compreender o modo como as pessoas veem o mundo.

“A discussão acerca do mito começa com os primeiros filósofos gregos, de Platão a Aristóteles, e será apresentada de acordo com o ponto de vista mais condizente com a realidade de cada um. Por um lado, Platão

---

<sup>6</sup> Embora, é sabido que mesmo em épocas nas quais as mulheres foram segregadas, havia homens como o próprio Boccaccio e John Gower que abordaram temas sobre o amor e o papel das mulheres, apresentando interpretações mais equitativas e empáticas.

encarava o mito como “narrativa simbólica e significativa”, por outro lado, Aristóteles o via como fábula, enredo, elemento mais importante da tragédia. No geral, o mito remetia a estudo de conhecimento, esclarecimento e interpretação de algo.” (FERREIRA; DEPLAGNE, 2017, 47).

Os mitos em sua essência, como veremos a seguir, possuem uma certa carga negativa em relação ao sexo feminino. A leitura e interpretação dos mitos por filósofos clássicos que rotularam as mulheres como inferiores aos homens corroboram com uma mentalidade desfavorável a elas, mentalidade esta, compartilhada pela grande maioria da sociedade.

“O mito grego da criação da mulher, além de sua ingenuidade, denota o desprezo que estes gentios nutriam pelo sexo feminino. O curioso e também paradoxal desdém é a enorme dependência que, tanto o Estado quanto o homem comum, tinham da mulher.” (PEREIRA; LEMOS, 2019, p.101)

Na leitura de *A República*, há uma sensação de que não havia antes dela uma racionalização do papel da mulher na sociedade, a discussão entre Glauco e Sócrates deixa a entrever que foi a primeira vez que alguém pensou no que fazer com o gênero feminino, nos dá a impressão que antes tudo que se tinha era a reprodução de uma mentalidade totalmente irracional.

“Sem voz, sem cultura, sem acesso ao poder da palavra escrita, silenciada pelos costumes e destinada somente à procriação, a esposa amargava uma existência humilhante na qual a válvula de escape não eram as grandes e graves questões de Estado. Sem oportunidade para desenvolver aptidões, via instrução formal, condenada à ignorância, inconscientemente alimentou o mito de inferioridade, de alguém que só se preocupa com coisas frívolas e efêmeras. O grande dilema do homem grego revela-se no mito da criação feminina. Não se sabe se o mito influenciou a cultura patriarcal ou se esta contribuiu para a formulação do mito. O fato é que o homem não sabe o que fazer da mulher.” (PEREIRA; LEMOS, 2019, p.101)

O homem grego enfrenta uma escolha difícil: deve ele aproveitar a criatividade e a autonomia das mulheres permitindo-lhes um papel igualitário na sociedade, ou deve tentar controlá-la ou excluí-la. Indagação esta que, provavelmente, foi feita diversas vezes no medievo, já que o mito chegou combinado com a Bíblia, ora a mulher era importante, ora era apenas uma pecadora. Se por um lado a mulher havia surgido através da costela de um homem e o fez pecar, por outro lado, o Criador usou o ventre de uma mulher

para conceder a salvação à Terra. É nesse contexto entre o cristianismo e a mitologia que se inicia a Idade Média.

“Nesta escatologia que se tornou oficial na Cristandade medieval, o futuro prometido era reconhecido como já presente no culto, na proclamação da Palavra de Deus, nos sacramentos, na Igreja. Dava-se deste modo uma quase identificação do Reino de Deus com a Igreja numa espécie de “êxtase” da realização no presente do futuro prometido. Era como que um “mito” do presente.” (GOMES, 2002, p,228)

Como bem expõe Gomes, o mito era parte intrínseca à sociedade medieval, um complemento das sagradas Escrituras. No tocante ao aspecto feminino, a união: Bíblia e mito dava força à mentalidade ínfima da mulher.

[...] os autores medievais são substancialmente concordantes em insistir na imperfeição e insuficiência da natureza da mulher, nascida para viver subordinada ao homem. Repetem a filosofia grega e as Sagradas Escrituras, lidas através do prisma da interpretação patrística, que, embora com as devidas distinções, aceita unanimemente uma tradição em que a *infirmas mulieris* é uma realidade óbvia e irrefutável.” (ECO, 2012, p. 43)

Por outro lado, o marianismo medieval, como veremos no subcapítulo a seguir, atribuía às mulheres um caráter mais santificado, mais piedoso, dessa forma, as mulheres retornam à instabilidade da avaliação e classificação entre: ou Eva ou Ave.

#### **2.4. O mito e a bíblia na idade média**

A mitologia grega é uma das mais ricas e complexas do mundo. Ela é composta por uma série de mitos que contam as histórias dos deuses, heróis e seres fantásticos da Grécia Antiga. Os mitos gregos são narrativas que explicam os fenômenos da natureza, os acontecimentos da história, as origens do mundo e dos seres humanos, as relações entre os deuses e os homens. Essa mitologia chega com vigor na Idade Média.

Durante o decorrer do tempo, a mitologia foi e continua sendo ressignificada, tornando-se uma aprendizagem atualizada do ser. Dois exemplos claros de reintegrações ocorreram no Renascimento e no Neoclassicismo. O primeiro foi um movimento cultural que se desenvolveu na Europa entre os séculos XIV e XVII, caracterizando-se pela retomada da cultura greco-romana

como forma de se opor à cultura medieval. No entanto, hoje está mais que comprovado que a Idade Média não apenas a conhecia e a reproduzia, como também criava obras relacionadas às mitologias, como veremos no capítulo dois com Eco (2010). O segundo foi um movimento cultural que se desenvolveu na Europa entre os séculos XVIII e XIX, e teve como característica a retomada da cultura greco-romana como forma de se opor à cultura barroca. Em dois momentos da história europeia, a cultura greco-romana foi retomada como resposta ao que se considerava uma cultura decadente.

“Passando da Antiguidade para a Idade Média, o que se propaga é a mitologia, mais precisamente voltada para o cristianismo. Teremos no Renascimento o retorno dos ideais da Antiguidade Clássica e, portanto, o regresso dos mitos.” (FERREIRA; DEPLAGNE, 2017, 47).

Durante a Idade Média, a mitologia e a Bíblia eram usadas como fontes de conhecimento, ensinamentos e inspiração para os cristãos. A mitologia grega e romana, por exemplo, era usada como pano de fundo para contar histórias moralizadoras, enquanto a Bíblia era usada para explicar os ensinamentos da fé cristã e fornece exemplos de comportamento moral. As histórias bíblicas eram frequentemente adaptadas para serem contadas em forma de parábolas ou poemas, e eram usadas para auxiliar os padres na pregação do Evangelho. Ambas as narrativas eram também usadas para dar vida a dois temas: a arte e a literatura. O período foi marcado por um renascimento da arte religiosa, com artistas e escritores criando obras que usavam a mitologia e a Bíblia como pano de fundo para contar histórias e ensinar lições de fé. O gênero de poesia épica foi particularmente popular, com obras como o *Cantar de Mio Cid* e a *Divina Comédia*.

“Como exemplo de textos inspiradores reconhecidos pelo próprio Dante temos a Bíblia e a Eneida, que são citados na Divina Comédia. Os textos inspiradores reconhecidos pela maioria dos estudiosos são os textos de Aristóteles, como a Metafísica, por exemplo.” (BALBINOTTI, 2021, p.16)

Essas obras, como o próprio Dante reconhece em relação à Divina Comédia, usavam elementos da mitologia e da Bíblia para contar histórias e ensinar lições de moralidade. Pensemos no mito de Pandora e em Eva, ambas as narrativas amplamente difundidas e, conseqüentemente, modelos que alimentaram as mentalidades precursoras dos resíduos que hoje temos sobre as

personagens e sobre a mulher. É válido ressaltar que a sociedade grega e a bíblia trazem o conceito do mal relacionado à mulher, aquela a Pandora e a Gaia e essa a Eva.

“O conceito do mal que está profundamente arraigado nas sociedades primitivas e também nas duas principais tradições culturais as quais, apesar de significantes diferenças, modelam a moderna civilização ocidental, isto é, as tradições grega e judaico-cristã” (LAURIOLA, 2005)

No trecho a seguir é possível observar a narrativa mítica de Hesíodo sobre Pandora (v. 94-105) na obra Os trabalhos e os dias.

“Mas a mulher com as mãos retirou grande tampa do jarro, logo espalhou aos humanos anseios com lúgubres planos. Só a Esperança ali mesmo ficou, no palácio inquebrável, dentro do jarro sob seus lábios, nem pela porta ela voou: pois antes largou a tampa do jarro, isso pelos desígnios do egífero Zeus junta-nuvem. Outros milhares tão lúgubres entre os humanos vagueiam: pois está cheia a terra de males, e cheios os mares: para os humanos, doenças de dia e outras de noite vêm e vão espontâneas, levando aos mortais os seus males silenciosos, a voz retirada por Zeus astucioso. Eis que pra Zeus não existe quem possa escapar de sua mente!” (HESÍODO, 1992)

No mito de Pandora, segundo Hesíodo, fica claro que o mal veio de uma mulher, essa é a história contada e que chega até nós nas escolas e nas universidades. No entanto, ao observar todo o contexto, Pandora foi criada por Zeus para se vingar de Prometeu, em outras palavras, Pandora serviu como uma espécie de marionete nas mãos do deus dos deuses. De acordo com Barbosa:

“A representação de Pandora como a primeira mulher, pois todas descendem dela — como afirma Hesíodo — assenta na questão do patriarcado recorrente na sociedade Grega. Embora na Teogonia não fiquem claras as ações de Pandora em espalhar os males para a humanidade, se torna óbvio que a criatura criada como um capricho de Zeus, para sua vingança, leva os males aos homens mortais; e quem leva os males é uma mulher.” (BARBOSA, 2016, p. 15)

Ao contrário do que muitos pensam, a história de Pandora não é uma história sobre a curiosidade feminina. É uma história sobre a maldade de Zeus. Através das palavras de Lauriola podemos reafirmar que a maldade e a vingança vieram do seu criador: Zeus.

“Pandora é um instrumento nas mãos de Zeus. É ele quem decide introduzi-la como a fonte de todos os problemas. É Zeus quem cria, através de Pandora, um tipo específico de mal, o mal do engano, que é atraente e bonito por fora, que parece ser algo bom (uma mocinha casta e tímida), mas que esconde coisas ruins dentro [...]”. (LAURIOLA, 2005)

A insinuação que o mal veio de Pandora auxiliou na difusão e na corroboração da mentalidade sobre as mulheres como um ser maligno. Os mitos na antiguidade serviam para dar respostas as perguntas que até então não haviam teorias comprovadas, ou seja, para muitos os mitos eram as respostas necessárias para as inquietações da sociedade.

“O mito apresenta-se como uma narrativa que possibilita explicações, fazer interpretações e responder às realidades dos acontecimentos como uma história considerada única e verdadeira. Assim, foi tratada a interpretação da origem do mundo e os fenômenos nos mais variados aspectos. Desde o início dos tempos, os mitos fazem parte da vida dos homens com o intuito de acomodar e confortar seus medos, seus anseios, tudo isso dentro do seu imaginário. Muitas pessoas desconhecem de fato como o mito se apresentava direta ou indiretamente na vida dos indivíduos na sociedade grega. Era comum a presença de figuras mitológicas dentro desta sociedade, onde se podia perceber as relações íntimas entre deuses e humanos.” (ALMEIDA, 2021, p.102)

Fica claro que as figuras mitológicas cumpriram uma importante função dentro da sociedade grega e, por sua grande difusão popular, esses mitos ficaram conhecidos na maioria do mundo. Os mitos serviram de modelos a serem seguidos. Segundo Martínez Falero, Philippe Walter o imaginário greco-latino foi substituído pelo imaginário hebreu.

“Con la llegada del Cristianismo, el mito clásico fue sustituido progresivamente por arquetipos cristianos, como nos muestra Philippe Walter en su Mitología cristiana (2004), reemplazando el imaginario grecolatino por el hebreo, formado por nuevas figuras tomadas del antiguo y del nuevo testamento y por referentes reales extraídos del martirologio y otras fuentes (como el mito oriental transformado en la vida de San Jorge), lo que desembocará en la Leyenda áurea, de Jacobo de Vorágine, en el siglo XIII. en el contexto cristiano, el mito clásico se moralizó para servir como vehículo doctrinal al mismo nivel que la literatura.” (WALTER apud FALERO, 2013, p.487)<sup>7</sup>

Entendemos que a narrativa bíblica não é a cópia da mitologia, mas, sim, há uma relação entre os textos, principalmente pelos resíduos de uma sociedade em outra, de um tempo em outro. Essa relação sugere uma interação complexa

---

<sup>7</sup> Com o advento do cristianismo, o mito clássico foi progressivamente substituído por arquétipos cristãos, como nos mostra Philippe Walter em sua obra *Christian Mythology* (2004), substituindo o imaginário greco-latino pelo hebraico, composto por novas figuras retiradas do Antigo e do Novo Testamentos e por referentes reais extraídos do martírio e de outras fontes (como o mito oriental transformado na vida de São Jorge), que darão origem à Lenda Áurea, de Jacobo de Vorágine, no século XIII. No contexto cristão, o mito clássico foi moralizado para servir de veículo doutrinário no mesmo nível da literatura. (Tradução nossa).

entre as tradições mitológicas de diversas culturas e a formação dos escritos bíblicos. Em referência a Northrop Frye (2004), a pesquisadora Marta Marczyk chega à seguinte conclusão:

“Para Frye, as estruturas verbais bíblicas lembram a natureza do mito, o qual se define, do ponto de vista da crítica literária, como sendo enredo ou narrativa que, ao longo do tempo, ajuda a criar uma história cultural, e vem a se tornar parte da matéria prima da literatura.” (MARCZYK, 2010, p.108)

Até este momento não queremos tocar no ponto do que é história ou literatura, mas focar a aproximação entre o livro sagrado e a mitologia, conforme a citação acima. Para ilustrar a correlação, analisaremos a descrição de Gênesis 3, mais precisamente o momento da desobediência do homem e da mulher a Deus.

“Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito. E esta disse à mulher: É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim? E disse a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim comeremos, mas, do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis, para que não morrais. Então, a serpente disse à mulher: Certamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no dia em que dele comerdes, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal. E, vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos, e árvore desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, e comeu, e deu também a seu marido, e ele comeu com ela. Então, foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais.” (BÍBLIA, Gênesis, 3: 1-7)

Neste primeiro trecho, verificamos em um primeiro momento que a serpente era, segundo a narrativa, o animal mais astuto e com intenso poder argumentativo. No segundo momento, o foco se lança para a mulher com sua curiosidade posta em evidencia, tal situação se assemelha bastante ao mito de Psique<sup>8</sup> que, na mitologia, a sua curiosidade a coloca em risco em dois momentos. O primeiro é quando Eros a proíbe de vê-lo em claro e ela, por curiosidade, fere o seu amado. Em um segundo momento, Afrodite, mãe de Eros, a desafia a descer ao mundo inferior e pedir a Perséfone um pouco da sua beleza. Psique aceita a proposta, porém o seu único desafio, após o recebimento da caixa com a suposta beleza, era não abri-la, mas a humana fracassou. Tanto na bíblia como na mitologia verificamos o arquétipo das mulheres como um ser

---

<sup>8</sup> Mito disponível em: <<  
[https://www.fafich.ufmg.br/~labfil/mito\\_filosofia\\_arquivos/eros\\_psique.pdf](https://www.fafich.ufmg.br/~labfil/mito_filosofia_arquivos/eros_psique.pdf)>> Último acesso 05 de abril de 2023.

mais curioso que racional. A continuidade vemos o homem se colocar como vítima:

“E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e escondeu-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses? Então, disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. E disse o Senhor Deus à mulher: Por que fizeste isso? E disse a mulher: A serpente me enganou, e eu comi. Então, o Senhor Deus disse à serpente: Porquanto fizeste isso, maldita serás mais que toda besta e mais que todos os animais do campo; sobre o teu ventre andarás e pó comerás todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher e entre a tua semente e a sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar.” (BÍBLIA, Gênesis, 3: 8-15)

Adão não reconhece o fato de ter comido o fruto porque quis, antes prefere sugerir que a mulher o induziu, ele ainda lança uma parcela de culpa ao próprio Deus, dizendo: a mulher que me deste por companheira.

No livro *Eva e os padres*, Duby (2001) relata os pensamentos sobre as mulheres no século IX, ele menciona alguém chamado Robert como um apoiador de Santo Agostinho, que crera que Deus criou o homem *rectus*, “impiedosa, como são todas elas. Obrigou o homem a obedecer antes à sua voz que à de Deus” (2001, p.56). Ele continua: “Essa vontade de comandar constitui o segundo pecado de Eva. Pois ela pecou duplamente, contra Deus e contra o homem.” (2001, p.56). Nas palavras do medievalista, de acordo com algumas figuras religiosas, o duplo castigo à Eva está justificado pelo duplo pecado cometido. Podemos interpretar ainda que, o arquétipo de manipuladora também estava presente na mulher, da mesma maneira que a ingenuidade do homem na figura de Adão.

“E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará. E a Adão disse: Porquanto deste ouvido à voz de tua mulher e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos e cardos também te produzirá; e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado, porquanto és pó e em pó te tornarás”. (BÍBLIA, Gênesis 3:5-19)

Diante das narrativas acima citadas, podemos constatar a condição na mulher como uma marionete, dessa vez não enganada pelo deus dos deuses como na mitologia, mas pelo ser animalesco mais astuto criado por Deus, a serpente. Eva, ao ser lembrada, é taxada como o ser que trouxe o mal a terra, assim como Pandora. Vale salientar que, em muitos casos similares a este, o que se tem por trás da narrativa é desconsiderado intencionalmente, pois, como veremos mais adiante em Christine de Pizan, dependendo do leitor a interpretação dos fatos podem mudar.

O que desejamos retomar aqui é que tanto na bíblia como na mitologia, outros casos similares a esses são relatados. Na bíblia temos ainda o caso de Maria Madalena que sofria pela mentalidade da época, que mesmo com a defesa de Cristo, e sendo Maria Madalena boa cristã, ela seguiu sendo lembrada como prostituta. Na mitologia temos similarmente o caso de Gaia, a primeira deusa que emergiu do caos. Segundo Hesíodo, no princípio surge o Caos (o vazio) e dele nascem Gaia (terra), Tártaro (o abismo), Eros (o amor), Érebo (as trevas) e Nix (a noite). Sequência que deixa brecha para a interpretação que as mulheres têm em sua essência o próprio caos. Seus filhos passam a ser protagonistas, enquanto ela, passa a ter um papel secundário e ardiloso.

“A fase partenogenética de Gaia reflete seu papel vital na formação do cosmos, mas depois que essa forma foi estabelecida, o foco se torna o mito da sucessão, no qual Gaia exerce um tipo diferente de influência. [...] É por instigação de Gaia que Cronos leva a foice para Urano [Céu], separando assim o céu da terra e marcando o fim da era Uraniada quando o Crononido começa; Gaia protege Zeus de ser engolido por Cronos; Gaia instrui Zeus a recrutar os Cem-Mãos contra os Titãs; Gaia estimula a promoção de Zeus ao rei dos deuses; e Gaia e Urano aconselham Zeus a engolir Metis, mãe de Atena, terminando assim a linha de descendentes que poderiam desafiar a supremacia de Zeus.” (PARK, 2014, p. 270.)

Podemos observar que, na maioria dos relatos sobre o sexo feminino da antiguidade, as mulheres apareciam como uma espécie de bodes expiatórios<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> A vítima sacrificada, que pertencia inicialmente a um grupo desprezado da sociedade, mas que possuía ainda assim alguma similitude com a sociedade, adquire, com o seu sacrifício, um papel fundamental e de superioridade em relação aos restantes. Quer falemos de uma vítima humana, quer falemos de uma vítima animal, notamos que ao serem vítimas sacrificiais adquirem uma conotação religiosa. A vítima, que até ser sacrificada é objeto odioso em razão da transferência para ela da violência que desestabiliza a sociedade, adquire com o sacrifício uma veneração, um estatuto à parte<sup>8</sup>. É esta violência que é a alma secreta do sagrado<sup>9</sup>. Em que o rito é uma expressão evidente de indissolubilidade entre sociedade e religião (GIRARD, 2004, p. 31).

Foi assim no mito de Pandora e no relato bíblico sobre Eva. Em ambos os casos, o desenrolar e a transmissão das narrativas seguem o mesmo sentido.

Após esses relatos podemos identificar que, a mitologia e a bíblia foram instrumentos que serviram de exemplo e referência para grande parte da humanidade. A leitura e a interpretação de desvalorização feminina limitaram suas oportunidades, de maneira a deixar a mulher em uma situação socialmente desconfortável.

“Ser o outro, o excluído, o estranho é próprio da mulher que quer penetrar no “sério” mundo acadêmico ou literário. Não se pode ignorar que, por motivos mitológicos, antropológicos, sociológicos e históricos, a mulher foi excluída do mundo da escrita - só podendo introduzir seu nome na história europeia por assim dizer através de arestas e frestas que conseguiu abrir através de seu aprendizado de ler e escrever em conventos.” (LOBO, 1998, p. 5).

O tempo, ou melhor, a mentalidade da sociedade sofreu mudanças, mas, através das frases bíblicas, mitológicas, filosóficas e sociais expressas, entendemos que um período não é a exclusão dos que passaram e que, não obrigatoriamente, um período posterior é mais liberal ou positivo que outro.

Ao se pensar sobre as ‘mulheres medievais’ é fundamental considerar a diversidade e particularidade das mulheres dessa época. Embora se possa identificar algumas características comuns entre as mulheres desse período, é necessário reconhecer a variedade de experiências e realidades que elas enfrentavam. Essa diversidade se expressa em diferentes níveis, como: nível socioeconômico, classe social e religioso. É preciso reconhecer que a existência de mulheres de diferentes classes e grupos de posições variadas contribuíram para a complexidade da experiência feminina na Idade Média.

Ao compreender a diversidade do mundo feminino medieval, é possível entender melhor a realidade histórica dessas mulheres e, assim, traçar uma imagem mais completa de suas vidas. É relevante pensar no ambiente feminino como plural, não estático e de mulheres que conseguiram aproveitar e criar oportunidades.

“[...] se fala e se pensa na ‘mulher medieval’, é preciso levar em consideração a pluralidade de sujeitos contidas nesta categoria analítica. A heterogeneidade do mundo feminino medieval ainda precisa ser explorada, a fim de que se mergulhe cada vez mais em análises mais próximas do que se imagina que fosse a realidade enfrentada por estas mulheres no seu cotidiano e se rompa com análises generalizantes que tendem a entender as mulheres como uma categoria única e universal.” (SILVEIRA, 2017, p. 96)

Conforme o historiador Jacques Le Goff (2015), as mulheres medievais eram vistas como inferior em relação ao homem. Ela não tinha a mesma classificação e autoridade que esse tinha. As mulheres não podiam participar de assuntos políticos e não possuíam direitos iguais aos homens. Elas eram subordinadas ao homem e estavam sujeitas à autoridade e às leis impostas por eles. “Existem grupos a que se pode chamar "marginais" (estrangeiros, mulheres, velhos, jovens, deficientes), que não ocupam um lugar normal no seio da comunidade.” (Ruffié, 1976, p. 470)

No entanto, outros autores como Hilário Franco (2001) expõem que, em alguns aspectos, as mulheres medievais podiam desempenhar um papel ativo na vida social. Por exemplo, elas conseguiam influenciar as decisões políticas através de seus parentes. Ela também poderia herdar terras, se envolver e desenvolver negócios, inclusive, houve o caso de Joana D’Arc que chegou a liderar tropas francesas. Em suma, as mulheres medievais eram membros importantes da sociedade. Embora ela enfrentasse desafios consideráveis, algumas mulheres tiveram algumas oportunidades de desempenhar e mostrar o seu valor real dentro da sua sociedade.

“Nas instituições urbanas, e logo nas aristocráticas, passava-se a reconhecer à mulher o direito a uma parte substancial dos bens do marido. No sul europeu, aceitava-se mesmo sua participação na vida política. O desempenho social das mulheres ganhava peso crescente: na Paris de fins do século XIII.” (FRANCO, 2001, p. 131)

É possível constatar que nem todas as mulheres precisaram esperar o falecimento do seu cônjuge para desempenhar um papel ativo no âmbito social, Regine Pernoud (1978), explica que houve mulheres que abriram seus próprios comércios na presença de seus maridos.

“Nos atos notariais é muito frequente ver uma mulher casada agir por si própria, abrindo, por exemplo, uma loja ou um negócio, e isto sem ser obrigada a apresentar uma autorização do marido. Finalmente, os registros das derramas (nós diríamos os registros dos recebedores), quando nos foram conservados, como é o caso de Paris, no fim do século XIII, mostram uma multidão de mulheres que exerciam profissões: professora, médica, boticária, educadora, tintureira, copista, miniaturista, encadernadora, etc.” (PERNOUD, 1978, p. 101).

As duas estruturas que construíram a imagem da mulher medieval foram: a Aristocracia e a Igreja. De um ponto, a Aristocracia determinava os papéis e status da mulher medieval. De outro ponto, a igreja defendia a submissão das

mulheres aos seus maridos e aos homens em geral, pois acreditava que as mulheres eram criadas como segundas cidadãs.

“Pasando de la Iglesia a la aristocracia está claro que los laicos, em general, acogieron con complacencia el dogma de la Iglesia respecto a la sujeción de la mujer. La obediencia implícita era parte del ideal de matrimonio que se exponía en la mayor parte de los trabajos didácticos dirigidos a la mujer.” (POWER, 1979, p.22)<sup>10</sup>

Apesar da força que esses dois grupos exerceriam sobre a sociedade em geral, com o avanço do comércio as mulheres da baixa sociedade começaram a usufruir de pequenas, mas significativas conquistas, como exemplos expostos acima. Elas começaram a assumir os negócios da família quando os seus maridos viajavam e com isso passaram a ter acesso a outras áreas da sociedade.

Outro fator de relevância para o sexo feminino foi o início do Marianismo que deu à mulher um certo valor social. Nesse momento as mulheres ganharam uma conotação de intercessora e necessária para o homem. “A redescoberta de sua humanidade implicou naturalmente a redescoberta de Maria. E assim a coletividade dos santos foi superada pela individualidade da Mãe, a maior intercessora diante de seu Filho.” (FRANCO, 1948 p. 213)

Figuras religiosas como Santo Agostinho reconheceram publicamente essa nova construção da imagem feminina. Ele, em suas confissões, deixa nitidamente exposto a valia da intercessão da sua mãe em sua vida.

“[...] enquanto minha mãe, tua fiel serva, chorava-me diante de ti muito mais do que as outras mães costumam chorar sobre o cadáver dos filhos, pois via a morte de minha alma com a fé e o espírito que havia recebido de ti. E tu a escutaste, Senhor, tu a ouviste e não desprezaste suas lágrimas que, brotando copiosas, regavam o solo debaixo de seus olhos por onde fazia sua oração; sim, tu a escutaste, Senhor.” (AGOSTINHO, 2007, p.25)

Nem tudo foi positivo com a ampliação do marianismo, a valorização das mulheres veio acompanhada de comparações, houve então uma divisão entre as mulheres: as que se encaixavam nos arquétipos de Evas e as que se encaixavam nos arquétipos de Ave.

---

<sup>10</sup> Passando da Igreja para a aristocracia, fica claro que os leigos, em geral, acolheram o dogma da Igreja sobre a sujeição das mulheres. A obediência implícita fazia parte do ideal de casamento exposto na maioria das obras didáticas dirigidas às mulheres.

“Na mentalidade da Idade Média, a mulher era um ser subordinado e inferior. Isso se devia a sua congênere Eva, a qual, conforme os clérigos, era a culpada pelo pecado original. No entanto, surgiu outra figura feminina que seria a redentora de Eva, Maria, mãe de Jesus. Propagou-se, então, a ideia de que Eva era a responsável pela queda da humanidade, enquanto Maria era a mulher pura que ajudou o homem.” (DUBY, 2013, p.381)

A partir disso, a mulher passa a ser julgada através dessa dicotomia. Sempre que as mulheres praticavam algo negativo, segundo a concepção da época, eram tomadas como Evas perspicazes em enganar, mas se fossem submissas e obedientes aos seus maridos, igreja e pais eram uma espécie de extensão de Ave, sendo assim, dignas e contribuintes do bem-estar e prosperidade do homem. Em outras palavras, se por um lado o Marianismo concedeu à mulher um parcial valor, no sentido que o papel principal era do seu filho e que foi usada para trazer um carácter mais amoroso para a igreja católica, como bem aponta Diego Amorim em relação a consolidação da igreja:

“O culto à “Mãe de Deus” se materializou no templo Santa Maria Maggiore (Roma, séc. V), construído sobre um edifício anteriormente dedicado à Minerva. No Velho Continente, seria durante o medievo que os cultos marianos alcançariam níveis significativos acompanhando a afirmação da instituição eclesial.” (AMORIM, 2021, p.9).

Por outro lado, a reduziu a estigmas que nem sempre foram positivos: se Ave, submissa, se Eva, punida. Com base nos estudos de Power (1975), podemos compreender que, na visão da época, as mulheres eram associadas à porta do inferno, ao passo que Maria era considerada a porta do céu.

A mentalidade de uma época não atinge apenas grupos isolados, todos os membros de uma sociedade podem, em maior ou menor medida, reproduzi-la. A própria mulher, imersa em uma sociedade com essa forte mentalidade, pode se tornar vítima agente e reagente de reprodução, isto é, uma espécie de capitão do mato<sup>11</sup> do próprio mal que a condena. O caso da mãe da escritora europeia que, ao contrário do marido, não concordou com que sua filha se beneficiasse do acesso à educação, assim como seus filhos varões se favoreceram. O pensamento da mãe da autora é um excelente exemplo da força dessa mentalidade enraizada e reproduzida pelo próprio oprimido. A posição da matriarca aparece descrita no capítulo XXXVI do livro “*A cidade das damas*”:

---

<sup>11</sup> Profissão executada no período da escravidão no Brasil, o capitão do mato era, geralmente, um homem que subjugava o seu próprio semelhante.

“Teu pai, que foi um grande astrônomo e filósofo, não pesava, claro, que mulheres fossem menos capazes de aprender o saber científico. Ele se alegrava; ao contrário, sabes bem, em ver teu dom para as letras. A opinião feminina de tua mãe, que queria te ver ocupada com agulha e linha, a atividade costumeira para as mulheres, durante tua infância foi o obstáculo maior aos teus estudos e ao aprofundamento de teu saber científico. Mas, como diz o provérbio, já citado: O que a Natureza concebe, ninguém consegue tolher”. Tua mãe não conseguiu impedir que tu, que tinhas naturalmente vocação aos estudos, conseguisse colher, pelo menos, algumas gotas do saber” (PIZÁN, 2006, p.260-261).

Certamente, a postura da mãe de Christine de Pizan não revela que ela estava contra as mulheres, porém, o seu conceito sobre o mundo feminino correspondia com o que se esperava do sexo feminino.

“Desde muito jovem, Christine percebeu que nascer mulher era algo determinante na sociedade em que vivia, seu papel seria o de cumprir os deveres de esposa e mãe e as únicas tarefas bem aceitas socialmente eram as relacionadas ao espaço privado.” (LEMARCHAND, 2001).

Conforme PERNOUD (2000), a Christine lhe interessava aprender ciências com o seu pai <<la deseo más que nada em esta tierra<sup>12</sup>>>, em relação a sua mãe ela exprime o já dito, queria ocupá-la com costuras. Ao que Pernoud conclui “visiblemente no le gustava tejer, maldecía la costumre según la cual las jóvenes debían se menos instruídas que los muchachos.”<sup>13</sup>

Vale lembrar que adjetivar um personagem medieval de machista, considerando o nosso presente, é uma ação irresponsável, posto que, embora houvesse ação, o termo não existia, tampouco havia uma conscientização da ação frente a situações como a da mãe de Pizan. Se tomássemos como base a nossa contemporaneidade, abusando do presentismo, o que a mãe da escritora reproduziu foi um machismo cultural<sup>14</sup>.

Seguindo no mesmo sentido de Platão de inferiorização da mulher, na Idade Média, a qual Hilário Franco (1992) considerava mais democrática que a grega, a imagem sobre a mulher seguia desfavorável ao gênero feminino. No século XII, o tratadista André Capelão que, na primeira parte do seu livro sobre

---

<sup>12</sup> A desejo mais que tudo nesta terra. (Tradução nossa).

<sup>13</sup> Visivelmente, ela não gostava de tecer; protestava contra o costume segundo o qual as jovens deviam ser menos instruídas do que os rapazes. (Tradução nossa).

<sup>14</sup> O conceito de machismo estrutural, conforme o psicanalista Helio Hintze (2021) se baseia na construção, organização, disposição e ordem dos elementos que compõem o corpo social, dando sustentação à dominação patriarcal, enaltecendo os valores constituídos como “masculinos” em direto e desproporcional detrimento dos valores construídos como “femininos” em todas as suas manifestações, em especial nas mulheres e nas sexualidades não heteronormativas.

o amor cortês, eleva a mulher, na segunda parte, ele, em sua verdadeira opinião impiedosa a desmerece:

“[...] As mulheres, aliás, não são apenas avaras por natureza, mas também são curiosas e falam mal das outras mulheres; são vorazes, escravas do próprio ventre, volúveis, inconstantes no que falam, desobedientes, rebeldes às proibições; são maculadas pelo pecado do orgulho e cobiçam a vanglória; são mentirosas, dissolutas, tagarelas, não respeitam segredos, são luxuriosas ao extremo, dadas a todos os vícios e não têm afeição verdadeira pelos homens. [...] Também, como regra geral, toda mulher é invejosa: a beleza das outras mulheres as mata de ciúmes e lhes destrói a felicidade. [...] Por isso, é raríssimo que uma mulher louve as virtudes ou a beleza de outra, e, se por acaso elogiar alguma coisa, logo acrescentará críticas que destruirão os louvores que fez.” (CAPELÃO, 2000, p. 290-292).

No trecho em questão, podemos perceber uma série de estereótipos negativos e generalizações pejorativas em relação às mulheres, que visam reforçar a ideia de que elas são inferiores e inadequadas para exercer papéis de destaque na sociedade. Esses adjetivos foram amplamente difundidos ao longo da história por figuras de autoridade e contribuíram assim para a construção de uma imagem negativa e estereotipada da mulher.

É sumamente imprescindível apontar que as mulheres medievais eram, da mesma maneira do exemplo de Capelão, constantemente censuradas, observadas e castigadas, pois, a mentalidade social as compreendia como “sementes de ódio”, de acordo com Georges Duby (2001, p.13). O medievalista continua: “[...] é prudente morigerá-las em primeiro lugar: a posição eminente que ocupam, são observadas, imitadas”.

Em outras palavras, elas deveriam servir como um exemplo ou modelo a ser seguido por outras mulheres, possivelmente dentro de uma moldura limitada de comportamento aceitável. Duby ainda destaca que:

“O cuidado por parte do prelado<sup>15</sup> não se estendia a todas as mulheres, apenas para as da alta sociedade e pertencentes a alguma ordem. Esses mesmos sacerdotes, que as julgavam, expuseram na natureza feminina três vícios maiores: a vaidade, a insubmissão e a luxúria”. (DUBY, 2001, p.13)

Ainda sob os estudos de Duby, nesse ponto, especificamente a respeito do amor cortês e do tratado escrito por André Capelão, o amor cortês no tratado problemático “[...] um tratado burlesco, que coloca Alienor ocupando o centro de

---

<sup>15</sup> Título honorífico de alguns dignitários eclesiásticos (como, p.ex., bispos, abades, provinciais, etc.)

uma corte de amor, como legisladora imaginária e risível dos preceitos da cortesia”.<sup>16</sup>

Através desse jogo controverso de André Capelão baseado na mentalidade da sua época, podemos fazer uma constatação que, a mulher antes elevada nos poemas, não era a mesma mulher da realidade. A relação escrita e realidade poderiam ser distintas e opostas. A mulher, antes posta em um pedestal, agora é rebelde, falsa, coscuvilheira e movida por um instinto maléfico.

Para Barros 2011:

“O Amor Cortês seria um jogo produzido por uma sociedade misógina, e a mulher seria mero pretexto ou engodo para encaminhar uma relação entre homens de posições sociais diferenciadas. Ao servir aparentemente à Dama, era ao senhor feudal que o jovem cavaleiro empobrecido realmente servia. Adicionalmente, o ritual cortês ainda servia como uma espécie de sistema educativo, de sucessão de provas que preparavam o jovem cavaleiro para uma sociedade feudal que abandonava a selvajaria em favor da civilidade, ao mesmo tempo em que este jogo também escamoteava as tensões sociais que permeavam esta nobreza cindida entre grandes senhores feudais e nobres dependentes.” (BARROS, 2011, p. 209).

Uma vez idealizado, o código do amor cortês se tornou a norma do comportamento desses cavaleiros. A figura do paladino, que simbolizava o herói galante e corajoso, se tornou um dos mais importantes representantes desse novo ideal. Progressivamente, o amor cortês passou a ser visto como uma forma de expressar as mais nobres qualidades de um cavaleiro, como: a lealdade, a honra e a gratidão. A devoção à dama era apenas um mais item a ser cumprido. Os três arquétipos<sup>17</sup> cavaleirescos a serem seguidos são: a função bélica; amor e cortesia; religião, como se observa no trecho a seguir:

“El caballero literario está diseñado tomando en cuenta estos tres lineamientos de manera más creativa: la guerra está representada mediante la aventura y el uso de las armas para cumplir sus obligaciones caballerescas, con el propósito principal de ganar fama y honra; la cortesía está encauzada hacia el amor incondicional hacia una dama y, por último, la religión se refleja desde rituales cotidianos hasta búsquedas de orden místico. A cada uno de estos tres aspectos, reflejados en intereses y actitudes que los autores destacaron en sus caballeros protagonistas, les he llamado eje de comportamiento, ya que el personaje está diseñado para que sus características mostradas

---

<sup>16</sup> Duby, Georges. *Heloísa, Isolda e outras damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>17</sup> “Arquétipos são sistemas de prontidão para a ação e, ao mesmo tempo, imagens e emoções. São herdados junto com a estrutura cerebral – constituem, de fato, o seu aspecto psíquico (...) São, por definição, fatores e motivos que ordenam os elementos psíquicos em determinadas imagens, caracterizadas como arquetípicas, mas de modo que podem ser reconhecidas somente pelos efeitos que produzem.” JUNG (apud, SHARP, 1996, pp. 28-29)

a partir de acciones, sentimientos e incluso anhelos giren en torno a estos tres intereses.” (OSORIO, 2008, p.70)

Em outras palavras, a nossa falsa ideia de um amor proibido presente nos poemas corteses da sociedade medieval eram, na verdade, uma ponte entre os homens, mais especificamente, elogios do servo ao seu senhor. E, quando muito, essa exaltação às mulheres também poderia fazer parte do treinamento do cavaleiro, um mecanismo de exercício para alcançar a polidez. Nas poesias eram exaltadas às claras, na sombra eram espancadas.

Barros, ao relatar sobre o amor cortês, deixa a entender que havia uma vida dupla das mulheres na sociedade: uma escrita e uma real. A dama idealizada retratada por homens escritores como os trovadores do Amor Cortês, e, a dama que era inferiorizada no mundo real. A esse respeito, Barros diria que:

“Encorpando o ruidoso concerto de éticas amorosas que o refinado cantar cortês encobria, é preciso citar ainda o contraponto entre esta literatura de sonho e evasão e o mundo concreto, às vezes rude, das relações entre homens e mulheres da Idade Média. Não estava muito longe aquele tempo em que, como observa Norbert Elias, parecia haver um hábito tradicional do cavaleiro de, ao enraivecer-se, socar o nariz da esposa.” (BARROS, José, 2011 p. 201)

A situação não termina em uma agressão apenas sentida, mas no ofício da mulher em concedê-la. Aqui identificamos um protótipo esperado da mulher e do homem: a que serve e o que é servido, respectivamente. Um dos exemplos pode ser lido nesse fragmento de Elias:

“Parecia ser um hábito, quase tradicional do cavaleiro, enraivecendo-se, socar a esposa no nariz até o sangue correr. ‘O rei ouviu isso e a raiva coloriu-lhe o rosto; erguendo o punho, atingiu-a no nariz com tal força que tirou quatro gotas de sangue. E a senhora disse: ‘Meus mais humildes agradecimentos. Quando lhe aprouver, pode fazer isso novamente’.” (ELIAS, 1993, p. 75-6)

Observamos neste trecho o poder da mentalidade de uma sociedade e as proporções que ela atinge. Um homem que desconta a sua raiva na esposa como um objeto qualquer para acalmar, e, uma mulher que imagina que esse é o seu papel natural. Poderíamos então dizer que havia pelos menos 2 mulheres que compunha o entorno das mulheres medievais: a mulher na mentalidade da sociedade e a mulher representada nas poesias.

Apesar dessa mentalidade, devemos levar em consideração as mulheres que conseguiram agir para além dela. O nosso empenho é por essas mulheres, é trazer as suas obras à luz, como notam os autores abaixo mencionados:

“Desde a antiguidade propagou-se a inferioridade da mulher em relação ao homem. No entanto, de acordo com Pernoud (1996), apesar de a Idade Média ter sido apontada como altamente misógina, percebe-se o aparecimento de mulheres que dominaram o campo das letras de forma significativa. Para a autora citada, as mulheres na Idade Média foram aquelas que inspiraram.” (PERNOUD; apud FERREIRA; DEPLAGNE, 2017. p.20)

Em todos os períodos houve mulheres de destaque: Cleópatra, rainhas, mães, escritoras que plantaram sementes para o desenvolvimento e reconhecimento feminino. No nosso trabalho, como já informado, as mulheres do passado a se fazerem presentes são: Christine de Pizan e Juana Inés De La Cruz.

## **2.5. A vida feminina na colônia**

A vida de Juana Inés de La Cruz possui traços claros do imaginário medieval. Por sua vez, a teoria da Residualidade de Roberto Pontes podemos compreender que “... na cultura e na literatura nada é original. Tudo é residual” (PONTES, s/d, p.1).

Para Le Goff (2015), o historiador deve compreender a lógica do tempo a partir de um formato contínuo e global sobre o passado. Para ele, as narrativas do passado são construídas e transmitidas de geração para geração. Ele defende a ideia de uma Longa Idade Média<sup>18</sup>, na qual, é possível encontrar nos movimentos e séculos posteriores ao medievo traços e marcas medievais. Sendo assim, Le Goff afirma que:

“É preciso esperar o fim do século XVIII para que a ruptura se produza: a revolução industrial na Inglaterra, depois a Revolução Francesa nos domínios político, social e mental trancam com chave o fim do período medieval. A Idade Média se situa entre uma lenta mutação, que judiciosamente de algum tempo para cá se chama de ‘Antigüidade tardia’, denominação melhor do que Alta Idade Média (aquela que

---

<sup>18</sup> O desenvolvimento dos estudos sobre a Longa Idade Média de Le Goff sofreu influência dos estudos de Fernand Braudel. de Cf. BRAUDEL, Fernand. História e Ciências sociais: A Longa Duração. In: Ibidem. Escritos sobre a História. São Paulo: Perspectiva, 1992, pp. 41-77. A primeira edição desse artigo foi, em 1958, na revista dos Annales E.S.C.. BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales. La longue durée”. In: Écrits sur l'histoire. Paris : Flammarion, 1969. p. 76. (1ª ed. – Annales E. S. C., nº 4, octobre-décembre 1958, Débats et Combats, p. 725- 753.)

começa mais tarde, por volta dos séculos de VI a VIII), e uma revolução no fim do século XVIII. Entretanto, como a história conserva sempre uma parte de continuidade, fragmentos da Idade Média sobrevivem durante o século XIX.” (LE GOFF, 2008, p. 14-15)

A própria América tornou-se berço para o medieval e, especificamente, no México a reprodução foi em grande escala. Sobre isso, Le Goff aponta que:

“Com a Conquista, é o mundo medieval que toma pé deste lado do Atlântico, de modo que é apenas um pouco exagerado afirmar que a Idade Média constitui a metade das raízes históricas do México. (...). Uma visão histórica mais global deveria, inevitavelmente, reconhecer o peso de uma dominação colonial surgida da dinâmica ocidental, que conduz à transferência e à reprodução de instituições e de mentalidades europeias, mas sem ignorar que uma realidade original, irreduzível a uma repetição idêntica, toma forma nas colônias do Novo Mundo.” (LE GOFF, 2008, p. 32)

A ideia de criar um novo mundo perfeito não considerava os direitos das mulheres. As repetições de determinados ideais medievais, em relação à mulher, foram reproduzidas, principalmente pelo intenso papel da igreja. Podemos então dizer que, atrelado ao desejo pelo o novo veio enraizado a mentalidade medieval, de maneira que, abriu-se um espaço para o mito fundador de Eva ganhar lugar, como veremos com La Malinche.

A história entre os autóctones do México com os espanhóis começa com a chegada de Hernán Cortés, em Veracruz. Em sua chegada, além dos supostos presentes que recebeu dos nativos, recebeu 20 mulheres, entre elas está Malinche<sup>19</sup>.

“Sistemáticamente, los indígenas ofrecen a Cortés y a su ejército presentes en señal de alianza. Entre esos regalos figuran siempre mujeres. Los caciques de Tabasco le ofrecerán 20, entre ellas la famosa Malinche, que servirá de intérprete a Cortés y que desempeñará un papel de primer plano en la conquista; [...]“ (DUVERGER, 1993, p. 18).<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> A escritora literária Laura Esquivel (2006) escreveu um romance, no qual, relaciona Cortés a Adão e Malinche/Malinalli a Eva. Trata-se de uma releitura do mito fundador à cultura americana. ESQUIVEL, Laura. Malinche. México: Suma de letras, 2006

<sup>20</sup> Sistemáticamente, os nativos ofereciam presentes a Cortés e seu exército como sinal de aliança. Entre esses presentes sempre haviam mulheres. Os caciques de Tabasco lhe ofereceram 20, entre a famosa Malinche, que serviria como intérprete de Cortés e teria um papel preponderante na conquista; (Tradução nossa).

Por um lado, através desse primeiro contato, já conseguimos compreender que as mulheres serviriam, nesse Novo Mundo, como um objeto a mais para o uso masculino. Por outro lado, verificamos que La Malinche não era uma mulher sem instrução, ela foi capaz de aprender o castelhano em pouco tempo, o que a permitiu ajudar na comunicação das duas culturas. Isto é, a inteligência das mulheres era para o benefício masculino, assim como observa Torres na citação adiante:

“En situaciones de tratos con los caciques, ella está presente como traductora, pero también como partícipe de las grandes y pequeñas decisiones de Cortés y sus asuntos políticos. Fue a través de ella que él pudo descifrar el mundo posible de su conquista y futura gloria, le mostró secretos, rivalidades, magias, rituales, costumbres, creencias, fracturas, temores de los pueblos indígenas.” (TORRES, 2021, p.9)<sup>21</sup>

Montezuma, o líder que estava no comando da civilização Asteca, que deveria proteger o seu povo e que teve papel decisivo para a conquista dos espanhóis sobre os mexicas, é interpretado e reconhecido como uma vítima inocente dos europeus. Mas, Malinche que funcionou como intérprete e não tinha como atribuição a proteção dos seus conterrâneos, é apresentada por muitos, como traidora do povo mexica. Sobre esse aspecto da figura feminina, Torres percebe que:

“Mujeres temibles, seres inquietantes y amenazantes: así aparecen la temeraria Lilith, la irreverente Eva, la traidora e inteligente Malinche. Frente a ella, la abnegada y dulce María, paradigma de ternura, abnegación y sacrificio. Los cuerpos femeninos sexuados, representados por las figuras de Lilith y Eva, se erigirán a emblema de la mujer pecadora, hechicera, bruja, maga y tentadora. O, según las latitudes, asumirán otro semblante, como en la mexicana Malinche.” (TORRES, 2021, p.2)<sup>22</sup>

Observamos que o julgamento não condizia com a ação de um membro, mas que a mentalidade da época fez de Malinche um bode expiatório. Se

---

<sup>21</sup> Nas situações de trato com os caciques, ela está presente como tradutora, e também como participante das grandes e pequenas decisões de Cortés e de seus assuntos políticos. Foi através dela que ele conseguiu decifrar o mundo possível de sua conquista e futura glória, ela lhe mostrou segredos, rivalidades, magias, rituais, costumes, crenças, fraturas, medos dos povos indígenas. (Tradução nossa).

<sup>22</sup> Mulheres temíveis, seres perturbadores e ameaçadores: assim aparecem a temerária Lilith, a irreverente Eva, a traiçoeira e inteligente Malinche. À sua frente, a abnegada e doce Maria, paradigma de ternura, abnegação e sacrifício. Os corpos femininos sexuados, representados pelas figuras de Lilith e Eva, serão erguidos como emblema da mulher pecadora, feiticeira, bruxa, maga e sedutora. Ou, dependendo das latitudes, assumirão outra face, como na Malinche mexicana. (Tradução nossa).

julgássemos Moctezuma como o líder que era e Malinche como a serva subjugada que a fizeram, veríamos que ela se aproxima mais de uma sobrevivente que de uma traidora. FARFÁN (2006, p.123) “[...] una condición noble a la de esclava, abandonada y negada por su padre, pasando a muy temprana edad a manos de desconocidos, violada por los invasores castellanos en la pubertad.”<sup>23</sup>

Através de Malinche compreendemos que a história feminina no México ganha vida na dualidade de Eva e Ave<sup>24</sup>, mais uma vez uma sociedade parece não saber o que fazer com a mulher. Graças a estudos recentes como o de Antonio Farfán (2006) e Antonia Torres (2021) Malinche também se tornou um símbolo de resistência à opressão, já que ela foi capaz de sobreviver em um ambiente hostil e usar sua inteligência para sobreviver.

Avançando no tempo do Barroco Mexicano, Janice Theodoro (1992) argumenta que a colonização da América foi barroca, através dele o México pôde confluir em suas várias identidades. Para Oviedo (1995, p.233), o Barroco fomentou o modelo do sábio crioulo:

“Hubo siempre erudición y ansia de conocimiento en las letras americanas; pero en esa época se produce una suerte de condensación de esa actitud intelectual que la convierte en otra cosa: un saber creativo, que asimila los más heterogéneos influjos y los de vuelve cambiados; una inflexión docta, pero animada por una idea de goce y abierta a los olores y colores locales. La clase criolla, que siempre se sintió rezagada en el acceso al bienestar y al trato justo, pudo sentir, en estos años, que su talento natural, su fuerza creativa y su habilidad para aprender y enseñar, había alcanzado un punto que le permitía competir en un pie de igualdad con la metrópoli.” (OVIEDO, 1995, p.233)

Nesse sentido, o Barroco atendeu a emergência de uma identidade intelectual e cultural própria nas terras americanas, um momento em que a América Latina começa a encontrar sua voz e a se afirmar como um centro de produção intelectual e criativa.

---

<sup>23</sup> “uma condição nobre à de uma escrava, abandonada e negada pelo pai, passando muito jovem para as mãos de estranhos, violada pelos invasores castelhanos na puberdade.” (Tradução nossa).

<sup>24</sup> Essa dualidade entre Eva e Ave simboliza duas imagens contrastantes da mulher na tradição cristã. Eva é frequentemente associada ao pecado original, à desobediência e à queda da humanidade, enquanto Maria é vista como símbolo de pureza, virtude e redenção. Duby explora como essas representações da mulher ao longo da história refletem as atitudes sociais e culturais em relação às mulheres, suas funções e status na sociedade.

No tocante ao sexo feminino as mulheres do século XVII parecem estar resumidas a poeta mexicana, conforme Oviedo não há exemplo melhor que ela, Juana Inés de la Cruz. As fontes sobre as mulheres da América colonial são escassas, principalmente se estamos falando de mulheres intelectuais. Embora ela fosse uma das poucas mulheres proeminentes no reino intelectual da Nova Espanha, sua influência e sua luta pela igualdade de gênero ressoam até hoje, ao que Mercado comenta:

“En lo que respecta a la Nueva España, la ausencia casi absoluta de científicas y estudiosas en dichos procesos fue denunciada a través de una voz solitaria, pero con potente eco: la de Juana de Asbaje y Ramírez de Santillana, Sor Juana Inés de la Cruz.” (MERCADO, 2015, p.188)<sup>25</sup>

Ainda que as fontes sobre as mulheres intelectuais do século XVII possam ser escassas, é importante reconhecer que essas mulheres existiram e fizeram contribuições significativas para a cultura e a literatura do México e América colonial. Algumas mulheres indígenas se destacaram como líderes em suas comunidades, usando suas habilidades e conhecimentos para ajudar suas comunidades e resistir à opressão.<sup>26</sup> Outras mulheres espanholas, especialmente aquelas de famílias abastadas, podiam ter acesso à educação e se envolver em atividades culturais, literárias e filantrópicas.

É importante notar que as experiências das mulheres durante o período colonial podem variar consideravelmente dependendo de sua origem étnica, status socioeconômico e localização geográfica. As mulheres nas áreas rurais e nas cidades coloniais tinham experiências diferentes, assim como as mulheres de diferentes grupos étnicos.

Para entender como funcionaram os séculos que circundaram o século XVII de Juana Inés tomamos como base OCA (2015). Na descrição de Cristina Oca podemos tecer a ideia que, pelas opressões sofridas pela poeta, as mulheres do seu tempo estavam imergidas na mesma situação do período anterior, como se pode notar na citação seguinte:

---

<sup>25</sup> “No que diz respeito à Nova Espanha, a ausência quase absoluta de mulheres cientistas e estudiosas nesses processos foi denunciada por uma voz solitária, mas com um eco poderoso: a de Juana de Asbaje y Ramírez de Santillana, Sor Juana Inés de la Cruz.” (Tradução nossa).

<sup>26</sup> GUARDIA, Sara Beatriz. Historia de las mujeres en América Latina. Murcia: Departamento de historia Moderna, 2002. 115 p.

“La difícil situación de la mujer novohispana entre el término del siglo XVIII y el principio del XIX se observa en el desamparo encubierto por una “paternidad protectora” que la hacía presa fácil de abusos y explotaciones: dependía de la autoridad, primero del padre, luego de los hermanos y, una vez casada, del esposo y de los hijos. Su participación en la vida activa, social, política y religiosa estaba supeditada a la aprobación del hombre. Se consideraba que las mujeres poseían un cerebro pequeño, por lo que eran menos inteligentes y nada diestras para dirigir ninguna empresa que no fuera su casa. Su papel era, básicamente, el de madre, apoyo del esposo, consuelo de su familia y guía de los hijos. En resumen, tenían dos opciones: la vida en matrimonio o la vida conventual.” (OCA, 2015, p.47)<sup>27</sup>

De maneira geral, podemos afirmar que, as mulheres barrocas tinham, na maioria das vezes, as mesmas duas alternativas que as mulheres medievais: o casamento ou o convento. As duas opções ressaltam e reforçam o carácter serviçal do sexo feminino pretendido pelas mentalidades antecessoras. Muitas delas, assim como a Fénix da América<sup>28</sup>, escolhiam o convento para se livrar das obrigações do matrimônio. Segundo Octavio Paz, a escolha era como exercer uma profissão, como fica claro na citação seguinte:

“La mayoría de los críticos católicos piensan que Juana Inés escogió la vida religiosa por auténtica vocación, es decir, porque escuchó el llamado de Dios. Es evidente que Juana Inés era una católica sincera. No está en duda su ortodoxia. Pero olvidar que en esa época la vida religiosa era una ocupación como las otras sería mucho olvidar. Los conventos estaban llenos de mujeres que habían tomado el hábito no por seguir un llamado divino sino por consideraciones y necesidades mundanas; su caso no era distinto al de las muchachas que hoy buscan una carrera que les dé al mismo tiempo sustento económico y respetabilidad social. La vida religiosa en el siglo XVII era una profesión.” (PAZ, 1982, p. 149).<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> “A difícil situação das mulheres da Nova Espanha entre o final do século XVIII e o início do século XIX é vista no desamparo encoberto por uma “paternidade protetora” que a tornava presa fácil de abusos e explorações: ela dependia da autoridade, primeiro do pai, depois dos irmãos e, uma vez casada, do marido e dos filhos. Sua participação na vida ativa, social, política e religiosa estava sujeita à aprovação do homem. As mulheres eram consideradas como tendo cérebros pequenos, tornando-as menos inteligentes e menos hábeis em administrar qualquer negócio que não fosse o lar. Seu papel era basicamente o de mãe, amparo do marido, consolo da família e guia dos filhos. Em suma, tinham duas opções: a vida conjugal ou a vida conventual.” (Tradução nossa).

<sup>28</sup> O apelido Fênix da América veio do seu triunfo em sempre se reerguer dentro de suas possibilidades. O apelido foi posterior a sua morte e graças aos estudos que deram valor aos seus esforços dentro de um mundo desfavorável às mulheres.

<sup>29</sup> A maioria dos críticos católicos pensa que Juana Inês escolheu a vida religiosa por uma vocação autêntica, ou seja, porque ouviu o chamado de Deus. É evidente que Juana Inés era uma católica sincera. Sua ortodoxia não está em dúvida. Mas esquecer que naquela época a vida religiosa era uma ocupação como as outras seria demais para esquecer. Os conventos

O que faz da escritora medieval e da barroca diferentes é o fato que ambas se recusaram a se submeter às normas sociais que limitavam as mulheres. Elas conseguiram com certa ajuda e ousadia ir além do matrimônio e dos conventos.

Juana Inés foi a representante máxima do Barroco mexicano, além de escrever sobre questões filosóficas e teológicas. Christine de Pizan foi a primeira mulher a se tornar uma escritora profissional na Europa, escrevendo sobre questões de gênero, direitos das mulheres e questões políticas. Embora ambas tenham enfrentado inúmeros obstáculos, elas conseguiram se destacar e ser reconhecidas como valiosas figuras femininas no mundo das letras, como provam os estudos de Calado (2003), Paz (1998), Pastor (1995).

Antes de introduzir as obras das autoras, os seus pensamentos utópicos e sede de justiça que as representam, vamos, no capítulo a seguir, discorrer sobre as teorias que alicerçam o nosso trabalho, são elas: a teoria da residualidade de Roberto Pontes; o novo medievalismo de Jaume Aurell; as utopias medievais segundo Hilário Franco.

---

estavam cheios de mulheres que haviam tomado o hábito não por um chamado divino, mas por considerações e necessidades mundanas; o caso dela não era diferente do das meninas que hoje buscam uma carreira que lhes dê ao mesmo tempo sustento econômico e respeitabilidade social. A vida religiosa no século XVII era uma profissão.

### 3. CAPÍTULO II - O PENSAMENTO UTÓPICO E RESIDUAL

#### 3.1. A residualidade segundo Roberto Pontes

Um dos motivos que pode explicar os pensamentos utópicos similares entre as duas autoras alvo neste trabalho é a noção de longa Idade Média defendida por Le Goff e a teoria da Residualidade segundo Roberto Pontes.

Reportando ao que já foi mencionado previamente, a noção de longa Idade Média é trabalhada por Le Goff dentro da Teoria da periodização, na qual, o historiador busca dividir a história em períodos definidos com base em características sociais, culturais, econômicas e políticas, no entanto, sua teoria se difere da tradicional de dividir o tempo em período acabados, no momento que ele entende que um período é a continuação do anterior ou anteriores. Segundo Le Goff a passagem de um período não significa o rompimento com o período antecedente. Nesta mesma linha o medievalista Aurell defende as novas noções de periodização:

“De hecho, la historiografía no ha avanzado nunca a través de drásticas rupturas o revoluciones metodológicas, sino de nuevas corrientes que se han impuesto con el tiempo porque han sabido compaginar lo mejor de la tradición con la revitalización de las nuevas propuestas.” (AURELL, 2006, p.815)<sup>30</sup>

De acordo com Le Goff, a periodização histórica é um processo dinâmico e não deve ser considerado como uma sequência linear e inevitável. Além disso, ele enfatiza que as fronteiras entre os períodos são fluidas. “O tempo histórico encontra, num nível muito sofisticado, o velho tempo da memória, que atravessa a história e a alimenta.” (LE GOFF, 1090, p.14). Le Goff entende que ela é necessária, mas que esta deve levar em consideração as diversidades e complexidades de cada período, em lugar de apenas simplificá-la em categorias fixas e isolados.

Apesar da necessidade de uma estruturação que considere as complexidades dos períodos, faz-se necessário que o historiador/pesquisador

---

<sup>30</sup> De fato, a historiografia nunca avançou através de rupturas drásticas ou revoluções metodológicas, mas por novas correntes que se impuseram ao longo do tempo porque souberam combinar o melhor da tradição com a revitalização de novas propostas. (Tradução nossa).

tenha limites entre a relação passado/presente, uma distância equilibrada para evitar um anacronismo.

“Ela é inevitável e legítima, na medida em que o passado não deixa de viver e de se tomar presente. Esta longa duração do passado não deve, no entanto, impedir o historiador de se distanciar do passado, uma distância reverente, necessária para o respeitar e evitar o anacronismo.” (LE GOFF, 1990, p.26)

Analisando um texto desde o ponto de vista de Le Goff, podemos entender que, o historiador deve estar atento às preocupações e perspectivas do presente, mas sem deixar que elas dominem ou distorçam sua análise do passado para evitar anacronismos e garantir uma análise mais objetiva e fiel à realidade histórica.

Se por um lado Le Goff invoca cuidado do pesquisador do que chamamos de preterismo, por outro lado Aurell argumenta que a interpretação histórica é sempre influenciada por nossas próprias premissas e perspectivas, e que a história, da mesma maneira que defende Le Goff, não é uma ciência neutra e objetiva. Sob a perspectiva de Aurell, o presentismo, como já apresentado no capítulo, é significativo para dar sentidos aos estudos históricos, e, em nosso caso, literário. Porém, assim como o excesso de valorização do passado como citado por Le Goff, a sobreposição do presente também pode resultar em um anacronismo.

“Este es, desde luego, un efecto muy saludable del presentismo, que nos ayuda a identificarnos con el tiempo analizado, por muy lejano que sea, y a comprenderlo mejor. Pero, indudablemente, el presentismo tiene también el posible efecto perverso de analizar esa época lejana aplicándole anacrónicamente los parámetros de la cultura actual.” (Aurell, 2006, p.828)<sup>31</sup>

Diante das atribuições de ambos historiadores podemos concluir que, o pesquisador ou historiador deve estar atento às preocupações e perspectivas do presente, mas sem deixar que elas dominem ou distorçam sua análise do passado. É um equilíbrio delicado, porém, essencial para um resultado livre de anacronismo. Afirmar, por exemplo, que Christine de Pizan e Juana Inés foram

---

<sup>31</sup> “Este é, naturalmente, um efeito muito saudável do presentismo, que nos ajuda a identificarmos com o tempo analisado, por mais distante que esteja, e a compreendê-lo melhor. Mas, sem dúvida, o presentismo também tem o possível efeito perverso de analisar aquela época distante aplicando anacronicamente os parâmetros da cultura atual.” (Tradução nossa).

feministas em todo o sentido do que hoje entendemos sobre o termo e esperar que elas agissem como uma mulher do século XXI, seria um presentismo acompanhado de um anacronismo.

O fato de Christine de Pizan aceitar se casar ainda na adolescência por intermédio do seu pai, e, passar a comercializar os seus escritos apenas após o falecimento do seu marido Etiénne Du Castel, seria uma concordância com o patriarcado, ação passível de questionamento em nossa sociedade ocidental atual. Porém, vale ressaltar que, na época, as mulheres não tinham muitas escolhas em relação ao casamento, de modo que eram consideradas propriedades dos pais e, posteriormente, dos maridos.

“Para a sociedade da época, o matrimônio era uma das maneiras de arrecadar riquezas, conquistar poder, bens ou até para preservar o patrimônio dentro da mesma família, o que tornava comum os casamentos “arranjados”. Em média, as mulheres viviam até 36 anos e após os sete anos de idade podiam optar pelo mosteiro ou pelo casamento, sendo que, em regra, aos 12 anos casavam-se. Muitas vezes, a diferença de idade entre os cônjuges era gritante, normalmente de dez, vinte ou mais anos.” (LIMA, 2009, p.43)

A expectativa de vida era bastante inferior à de hoje. Vale recordar que a obrigação de contrair matrimônio não recaía apenas no sexo feminino, os homens, em muitos casos, também estavam obrigados a casar como uma maneira de garantir a sobrevivência econômica familiar, de maneira que, precisavam da aprovação do pai.

“Aquello que se casaban sin el consentimiento de los padres podían ser desheredados por éstos o por la familia. Estos casos se refieren fundamentalmente a jóvenes varones, una prueba de que dicha política familiar y matrimonial autoritaria podía afectarles negativamente.” (DUBY e PERROT, 2018, p.304)<sup>32</sup>

Diante das constatações dos pesquisadores acima, podemos acordar que o casamento era uma instituição para além das mulheres, embora estas fossem as mais prejudicadas. Principalmente dentro das famílias mais abastadas havia um jogo de interesses, nos quais os jovens envolvidos eram peças de manobras. Frente a contextualização, seria no mínimo irresponsável afirmar que, o fato de

---

<sup>32</sup> “Aqueles que se casassem sem o consentimento dos pais poderiam ser deserdados pelos pais ou pela família. Esses casos referem-se principalmente a homens jovens, prova de que uma política familiar e matrimonial tão autoritária pode afetá-los negativamente.” (Tradução nossa).

Christine de Pizan aceitar de bom grado o seu casamento a tornou menos feminista. Da mesma maneira, não podemos afirmar que Juana Inés foi débil ao parar de escrever nos seus últimos dois anos no convento, posto que, a pressão religiosa era bem mais acentuada que hoje.

Em busca de um caminho para balancear o ontem e o hoje, encontramos a teoria na Residualidade. A entendemos como um estudo relevante para tentar manter um equilíbrio entre o presente e o passado. Através dela podemos encontrar fontes que nos unem ou nos separam de outro ou outros períodos históricos. A ideia do novo é apenas uma invenção para suscitar em nós a sensação de únicos, inovadores e diferentes, no entanto, tudo é a continuação de algo. A ideia de ciclo pode ser encontrada no livro mais traduzido e difundido: a bíblia.

“O que foi, isso é o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; de modo que nada há novo debaixo do sol. Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo? Já foi nos séculos passados, que foram antes de nós. Já não há lembrança das coisas que precederam; e das coisas que hão de ser também delas não haverá lembrança, nos que hão de vir depois.” (BÍBLIA, Eclesiastes, 1:9-11)

A passagem bíblica condiz com as questões e conflitos que enfrentamos hoje em relação a literatura, tecnologia, casamento, assim como, a tensão entre tradição e individualismo, a luta por igualdade de gênero, profissões, educação e todos os temas que cercam a nossa sociedade. Alguns podem interpretar isso como uma visão pessimista da vida, enquanto outros podem encontrar conforto na ideia de que a humanidade já enfrentou e superou desafios e situações semelhantes no passado. Tudo que há é a continuação de algo, mesmo objetos e termos julgados como atuais sempre terão uma célula no passado.

Vimos nos primeiros capítulos dessa dissertação que, o tratamento para com as mulheres não surgiu do nada, ele foi sendo construído ao longo dos anos. A teoria da Residualidade nos ajuda a compreender esse processo social e literário, além de contribuir para a identificação de arquétipos. Porém, retomando a passagem bíblica, e, se imaginamos que tudo vem de algo, não seria necessária uma teoria para apenas afirmar que o que vivemos é cíclico, de maneira que os nossos descendentes também viverão neste círculo. No entanto, antes de qualquer indagação a esse respeito, a teoria da Residualidade tem o seu valor no momento que conseguimos identificar de onde vem os acertos e

erros de uma ação atual, ou seja, como essa descoberta nos ajudará com o hoje, seja desmitificando um fato, seja exaltando um nome, seja achando a raiz do problema.

Na medicina há algo chamado “doenças hereditárias,” enfermidades essas que com uma árvore genealógica bem definida ajudará o médico a identificar as possíveis patologias de um paciente. Teste genéticos estão ganhando fama atualmente com o intuito de informar aos usuários quais as suas possíveis doenças hereditárias. Consideramos, portanto, que são os resíduos de uma geração anterior em outra. Ter conhecimentos dessa informação ajudará aos pacientes e usuários a se precaver e a tratar seus males.

O mesmo raciocínio acima poderá ser aplicado à literatura. Um exemplo conhecido é o uso equivocado para se referir a Idade Média: Idade das trevas, que, graças a historiadores e literários, foi perdendo espaço. Para defender o medievo, os medievalistas e estudiosos identificaram que o próprio Humanismo, que muitas vezes, menosprezava a Idade Média, era, na verdade, um produto e uma continuação do período anterior. O humanismo renascentista, por exemplo, foi, em muitos aspectos, um retorno ao estudo e à valorização das obras antigas, assim como a valorização do homem como o centro do universo. No entanto, não significa dizer que na Idade Média o tema, o sentimento antropocêntrico, humanístico não tenha existido.

“Considerado por muchos críticos como un pre-humanista, la figura de San Francisco anticipa, junto con otras personalidades importantes de su tiempo, un periodo de nuestra historia que, en una revitalización de carácter antropocéntrico, va a estremecer las bases de occidente y va reorientar muchos de los postulados vigentes hasta hoy.” (LÓPEZ, 2018, p.1)<sup>33</sup>

Conforme o pesquisador Juan López, o antropocentrismo já estava presente na Idade Média na figura de São Francisco. O religioso suscitou temas recorrentes do Renascimento. De fato, ele enfatizou a importância do ser humano dentro da criação divina, promovendo uma visão mais humanista e menos teocêntrica

“A admiração, o amor e a exaltação de Francisco pelo mundo sensível incorpora a contemplação da natureza material e influencia os artistas

---

<sup>33</sup> “Considerado por muitos críticos como um pré-humanista, a figura de São Francisco antecipa, juntamente com outras personalidades importantes do seu tempo, um período da nossa história que, numa revitalização de cunho antropocêntrico, vai abalar os alicerces do Ocidente e reorientar muitos dos postulados vigentes até hoje.” (Tradução nossa).

que introduzem na iconografia o retrato e a paisagem, semeando os primórdios da arte do Renascimento.” (ROCKENBACH, 2018, p.649)

São Francisco era conhecido por sua devoção à criação e sua profunda conexão com a natureza. Ele via em cada criatura um reflexo do divino e considerava todas as formas de vida como irmãs e irmãos. Dessa forma, o Renascimento floresceu como uma época de redescoberta e valorização do mundo sensível, moldado pelas influências inspiradoras do religioso e sua visão única sobre a natureza, isto é, uma nova abordagem artística, onde a natureza e a realidade seriam abraçadas e retratadas com uma beleza nunca antes vista<sup>34</sup>.

Outras figuras semelhantemente a Francisco de Assis também tiveram a sua importância na propagação da razão e contribuição das ciências<sup>35</sup> ainda na Idade Média, como por exemplo, San Agostinho de Hipona. Para Samanta Paula, a percepção sensorial é a base para a formação do conhecimento.

“Segundo a reflexão agostiniana o primeiro conhecimento compreende o que provém dos sentidos, proporcionando meios que são trazidos à memória e formados pelo indivíduo. O segundo, ao contrário, não é proveniente dos sentidos, e sim, das coisas inteligíveis; é percebido pela mente humana na medida em que há o processo de reflexão interior. Assim, o indivíduo procede com ideias que já subsistem na memória, tais como os juízos de valores e as relações matemáticas, que não podem ter sido gravados pelos sentidos, pois, não têm cor, nem cheiro, nem gosto, tampouco são táteis.” (PAULA, 2008, p. 03)

Através dos sentidos, as pessoas entram em contato com o mundo exterior e recebem informações sobre ele. Essas informações são então retidas na memória e processadas pela mente. Vale salientar que, como filósofo e religioso, ele buscava, sempre que possível, fazer uma relação entre o ser humano e o divino, de maneira que o ser humano é o centro em relação aos demais seres vivos pela sua faculdade.

“[...] assim sendo, qual é, pois, o princípio que constitui a excelência do homem, de modo que animal algum consiga

---

<sup>34</sup> Uma boa representação desse modelo é a obra de Giotto di Bondone: Estigmatização de São Francisco. Nela o artista representa São Francisco rodeado de elementos naturais e conectado a eles.

<sup>35</sup> Santo Agostinho foi, na Idade Média, o representante da ciência que veio a se chamar Semiótica. O religioso contribuiu e fez constatações semióticas na sua obra A Doutrina Cristã.

exercer sobre ele sua força, ao passo que o homem exerce seu poder sobre muitos deles? Não será por aquilo que se costuma denominar razão ou inteligência?” (AGOSTINHO, 1995, p. 44).

Enquanto os animais são guiados por seus instintos e necessidades básicas, o ser humano possui a capacidade de pensar, raciocinar e tomar decisões com base em princípios morais e éticos. Um exemplo disso é a ideia do "domínio humano", derivada da narrativa bíblica do Gênesis, em que Deus deu aos seres humanos o poder e a responsabilidade de dominar a Terra e todas as suas criaturas. Essa interpretação enfatizava o papel central dos seres humanos no mundo natural e justificava a exploração e o uso dos recursos naturais para atender às necessidades humanas.

“Sendo assim, o Senhor modelou, do solo, todos os animais selvagens e todas as aves do céu e, em seguida, os trouxe à presença do homem para ver como este os chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse precisamente seria seu nome. E, desse modo, o homem nomeou a todos os animais: os rebanhos domésticos, as aves do céu e a todas as feras.” (Gênesis,2:19-20)

Por ser religioso, Santo Agostinho tinha um conhecimento prévio das Escrituras e conseguiu, a partir dos seus conhecimentos, exaltar as faculdades humanas, bem como, a inteligência e razão. Estas eram os instrumentos para buscar a verdade, conhecer a si mesmo e buscar uma conexão mais profunda com Deus.

Historiadores como Johan Huizinga (2021) e Marc Bloch (2005), por exemplo, argumentaram que a Idade Média era um período de grande criatividade e progresso cultural. Eles destacaram o desenvolvimento da arquitetura gótica, a produção de manuscritos iluminados, os avanços nas ciências, a formação das primeiras universidades e o florescimento da filosofia escolástica como exemplos do legado positivo da Idade Média.

Hoje em dia, grande parte dos historiadores reconhecem que a Idade Média foi um período complexo e plurifacetado, com seus próprios desafios e realizações. O estudo acadêmico mais atualizado sobre esse período busca compreender suas nuances, evitando generalizações simplistas ou visões distorcidas. Partindo desse retorno à Idade Média, foi graças aos estudos dos últimos séculos que o impacto significativo na arte do Renascimento, especialmente no que diz respeito à representação da natureza e à inclusão de

elementos paisagísticos foram reconhecidos. Constatções desse tipo só foram possíveis em virtude do reconhecimento de que um período é a continuação de outro, de maneira que, em um período X estão presentes resíduos de um período Y. “Aquilo que remanesce de uma época para outra e tem força de criar de novo toda uma obra, toda uma cultura” PONTES (2006, p.1). Em outras palavras, para o autor da teoria da Residualidade, os resíduos que remanescem de uma época para outra e tem a capacidade de influenciar a criação de uma nova obra ou a cultura.

Dentro da teoria, Roberto Pontes define outras nomenclaturas, de maneira que nos auxilia a compreender melhor como a cultura acontece em nosso meio. O estudioso elenca cada uma delas:

“O conceito principal é o da residualidade; e se eu tivesse de fazer uma escolha por grau de importância, colocaria este conceito em primeiro lugar; em segundo a cristalização; em terceiro a mentalidade; em quarto o hibridismo cultural. Essas coisas podem ser investigadas tanto separadamente quanto em conjunto, porque uma implica na outra e ajuda a esclarecer ao mesmo tempo o objeto investigado. É o que em teoria chamamos conceitos operativos, ou operacionais, isto é, indispensáveis à operação do esclarecimento.” (PONTES, 2006, p. 5)

Por exemplo, a hibridação Cultural: uma cultura nutrida por outra, um modelo disto por ser o movimento antropofágico do modernismo brasileiro de Oswald de Andrade. Tal movimento preconizava que deveríamos comer da literatura existente, colher seus nutrientes para construir a nossa própria. “Uma consciência participante. [...] contra os importadores de consciência enlatada” (ANDRADE, 1990, p. 47-48) ou o próprio mundo globalizado.

A Cristalização é resumidamente, o passado adaptado naturalmente ao presente. Já o resíduo é o próprio passado no presente. O Imaginário, embora possa ser confundido com Mentalidade, é a imagem mental de uma sociedade ou grupo social. Enquanto a Mentalidade é o próprio modo de viver, reagir, o que vai além da história. Segundo Roberto Pontes em uma entrevista à Universidade Federal do Ceará na Jornada da Residualidade, a sua teoria estuda as manifestações culturais através do conceito de mentalidades, pois segundo ele, na mentalidade, sempre há uma tensão entre o antigo e o novo.

“A mentalidade tem a ver não só com aquilo que a pessoa de um determinado momento pensa, mas um indivíduo e mais outro indivíduo e mais outro indivíduo, a soma de várias individualidades redonda numa mentalidade coletiva. E essa mentalidade coletiva se transmite através da História. Por meio da mentalidade dos indivíduos a

mentalidade coletiva se constrói. Esta última, desde épocas remotíssimas, é transmitida a épocas recentes.” (PONTES, 2006, p.3)

A mentalidade coletiva é moldada pela interação entre os indivíduos em uma comunidade e pelas influências culturais, sociais, políticas e econômicas presentes em um determinado período histórico. A sua transmissão se dá por meio da história, seja por meio de registros escritos, tradições orais, obras de arte, manifestações culturais e outros meios de expressão humana. A mentalidade coletiva de épocas remotas pode influenciar e moldar a mentalidade de épocas mais recentes. As ideias, valores e visões de mundo desenvolvidos no passado têm o potencial de afetar as perspectivas e atitudes das pessoas no presente, seja para dar continuidade, seja para refutá-la.

É significativo ressaltar que outro termo afim da teoria é o da intertextualidade que, embora parecido, é diferente da residualidade. Existem diferentes formas de intertextualidade. Uma delas é a citação direta, na qual um texto reproduz trechos ou referências literais de outro texto. Isso pode ser feito de forma explícita, com indicação da fonte, ou de forma implícita, deixando ao leitor a tarefa de identificar a referência.

A paródia é outra forma de intertextualidade, na qual um texto imita ou satiriza outro texto conhecido, subvertendo seu estilo ou conteúdo. A paródia geralmente envolve humor e crítica, utilizando elementos do texto original de forma irônica ou transformando seu significado.

As alusões são referências indiretas a outros textos, figuras históricas, mitos ou eventos culturais. Essas referências podem ser sutis e requerem conhecimento prévio por parte do leitor para serem identificadas.

“O próprio Ariano Suassuna em trabalho publicado no livro Literatura popular em verso, v. I, editado pela Casa de Rui Barbosa, fala sobre o assunto e afirma que só depois, muito depois de haver escrito o Auto, veio a tomar ciência de que havia aproveitado matéria proveniente da cultura árabe. Ele escreveu sem saber, porque havia assimilado o episódio culturalmente. Este é a diferença fundamental do resíduo relativamente à intertextualidade, pois o residual aparece na obra sem que o autor tenha consciência do aproveitamento do material utilizado.” (PONTES, 2006, s/p.)

Partindo da narrativa de Ariano Suassuna, na intertextualidade, o autor faz referência consciente a outros textos ou culturas, incorporando-os de forma intencional e planejada em sua obra. No caso do resíduo, o autor pode ter

absorvido esses elementos culturalmente, sem estar ciente do uso específico deles em sua escrita. Essa noção de resíduo sugere que a cultura e as influências culturais são internalizadas pelos escritores de forma não necessariamente consciente, e esses elementos podem emergir posteriormente na criação literária, mesmo que o autor não os tenha utilizado de forma intencional ou planejada.

Pontes continua: “Isso assim ocorre porque a residualidade se dá no plano da mentalidade e não no simples texto.” (ibid. s/p) Em outras palavras, enquanto a Intertextualidade é executada conscientemente, a Residualidade não. Esta vai além dos escritos.

“[...] aquilo que resta de alguma cultura. Mas não resta como material morto. Resta como material que tem vida, porque continua a ser valorizado e vai infundir vida numa obra nova. Essa é a grande importância do resíduo e da *residualidade*. Não é reanimar um cadáver da cultura grega, da cultura medieval, e venerá-lo num culto obtuso de exaltação do antigo, do morto, promovendo o retorno ao passado, valorizando a melancolia e a saudade, como fizeram os portugueses durante a fase do Saudosismo literário; não é isso. A gente apanha aquele remanescente dotado de força viva e constrói uma nova obra com mais força ainda, na temática e na forma.” (PONTES, 2006, p. 9).

Nesse contexto, o resíduo cultural não é apenas resgatar elementos do passado e reverenciá-los sem questionamento. Pelo contrário, é pegar esses remanescentes e usá-los como base para criar algo novo e poderoso, tanto em termos de temática quanto de forma. É uma forma de recontextualizar e revitalizar elementos culturais, dando-lhes uma nova vida e significado.

Para finalizar essa primeira etapa de argumentações, o que devemos ressaltar é, a teoria da Residualidade não está desprovida de significados, ela busca significados, busca o porquê de algo. Através dessa teoria podemos reconhecer o passado e nos identificar nele. A teoria da residualidade busca entender, recuperar e reconhecer quem somos.

“[...] apontar em determinada época certos vestígios de um período anterior. Assim, alguns aspectos de comportamento e cultura vivos, tidos como pertencentes a um dado período, são dados passíveis de serem retomados por uma pessoa ou por um determinado grupo de forma consciente ou inconsciente em outra época. Entretanto, a Residualidade não se propõe apenas a identificar vestígios; de certo, se assim fosse, não teria status de teoria. Ela vai além, pois procura explicar de que forma os modos de agir, de pensar e de sentir de determinado(s) indivíduo(s) foram parar noutras formações culturais e literárias em tempo posterior” (LEITÃO, 2013, p.89).

Um exemplo disso está no capítulo um dessa dissertação: partimos de um ponto específico: a pré-história procurando informações sobre um tema específico: a construção das mulheres na literatura, como foram se formando os arquétipos femininos ao longo das épocas até o Barroco Mexicano e, de certa maneira, contextualizar com o nosso hoje, agora. Pensando neste sentido, a teoria está ancorada no tempo, espaço e sentido.

Em resumo à teoria de Roberto Pontes, fazemos uma analogia a Le Goff "o tempo dos Poetas oscila entre o fascínio do passado e o impulso para a salvação futura - tempo de decadência e de esperança" (LE GOFF, 1994, p.209). É nessa revisitação ao passado presente que o poeta, o escritor e o pesquisador faz as suas constatações e projeções como é o caso dos textos utópicos.

Na Europa, Umberto Eco também trabalhou a residualidade de maneira indireta em seu livro "A Idade Média: Bárbaros, cristãos e Muçulmanos". Ele argumenta que a cultura contemporânea deve à cultura medieval, pois os elementos residuais da cultura passada continuam a ser reapropriados e reinterpretados de diferentes maneiras. Para Eco, os resíduos culturais são elementos que permanecem vivos e ativos, capazes de infundir nova vida em obras e manifestações culturais.

“A Idade Média tem uma ideia da tradição e da inovação diferente da nossa. Como se verá, considera que somos «anões aos ombros de gigantes», isto é, que vemos algo mais do que os nossos predecessores, mas só porque nos baseamos no seu discurso precedente.” (ECO, 2010, p.24)

Na figura retórica de Eco, os "gigantes" representam os grandes pensadores e sábios do passado, cujas obras e ideias fornecem uma base sólida para o desenvolvimento do conhecimento atual. Os "anões" são as gerações posteriores, que, embora sejam menores em comparação aos gigantes, conseguem enxergar mais longe devido à base estabelecida pelos seus antecessores.

A ideia acima ressalta a importância da continuidade do conhecimento ao longo do tempo e a valorização da herança intelectual e cultural. Na perspectiva medieval, a inovação não era vista como algo completamente separado do passado, mas sim como uma construção gradual sobre as fundações estabelecidas pelos predecessores, muitas vezes imaginadas como repetições, no entanto, de acordo com Umberto Eco “a cultura medieval tem o sentido da

inovação, mas procura entendê-la sob as vestes da repetição (ao contrário da cultura moderna que finge inovar mesmo quando repete) ” (ECO, 2010, p. 14). Eco critica a ideia de que a cultura moderna sempre busca inovar, argumentando que, muitas vezes, a suposta inovação é apenas uma repetição disfarçada, no entanto podemos deduzir que a sua crítica está em uma determinada época não reconhecer o valor de outras e da sua própria.

A maneira de finalização desse subcapítulo, as palavras de Le Goff sobre a Longa Idade Média resumem bem como ela se perpetua para além do tempo calendário, ela viveu e vive no amanhã:

“As mudanças não se dão jamais de golpe, simultaneamente em todos os setores e em todos os lugares. Eis porque falei de uma longa Idade Média, uma Idade Média que – em certos aspectos de nossa civilização – perdura ainda, e às vezes desabrocha bem depois das datas oficiais.” (LE GOFF, 2002: p. 66)

Em seu ponto de vista, a história não é uma narrativa linear e isolada, mas sim um processo contínuo, no qual os eventos e as ideias do passado podem ter repercussões duradouras e influenciar o presente. É também uma maneira de reconhecer a complexidade e a interconexão entre diferentes períodos históricos e a necessidade de considerar as influências mútuas entre eles. Perfilhar este fato, nos ajuda a olhar para o medieval com mais sinceridade e reconhecimento.

Na mesma linha de um tempo constante, iniciamos no seguinte subcapítulo com o conceito de Novo Medievalismo de Jaume Aurell, no qual, o pesquisador argumenta que o Medievalismo não se restringe apenas ao período histórico em si, mas também pode ser encontrado em diferentes manifestações culturais e sociais ao longo do tempo.

### **3.2. O novo medievalismo segundo Jaume Aurell**

Assim como na teoria da Residualidade, o Novo Medievalismo não é apenas uma nostalgia pelo passado como foi o saudosismo ou uma tentativa de recriar a Idade Média com precisão histórica, mas sim uma forma de reapropriação e reinvenção do imaginário medieval para atender às necessidades e interesses do presente.

A diferença da teoria da Residualidade, o conceito de Novo Medievalismo tem o objetivo específico de estudar e compreender a Idade Média, além de fazer relação ao mundo moderno, ou seja, é visto como uma forma de releitura da Idade Média que reflete as mudanças e os desafios do mundo atual. Ele destaca como o passado medieval continua a exercer influência e a ser reinterpretado em concordância com as perspectivas e preocupações do presente. É uma ponte entre o medievo e a contemporaneidade.

“[...] la corriente conocida como «el nuevo medievalismo», que es la concreción del postmodernismo aplicado a los estudios medievales... los textos históricos medievales, partiendo de ejemplos entresacados de las crónicas francesas, castellanas y catalanas: el texto histórico considerado como artefacto literario; la lógica social del texto histórico; la función de las genealogías; las relaciones entre el pasado, el presente y el futuro y el influjo del presentismo;” (AURELL, 2006, p.810-811)<sup>36</sup>

É possível reconhecer que o nosso tempo e as nossas preocupações contemporâneas influenciam como interpretamos e usamos o conhecimento medieval. No entanto, vale salientar que é preciso estar atento a esses vieses presentistas e adotar uma abordagem crítica para entender o passado em seu próprio contexto histórico, como dito anteriormente, manter a balança entre o passado e o presente. Segundo o conceito de presentismo e preterismo apresentado por Jaume Aurell (2006), é importante que os pesquisadores tenham consciência de sua própria contemporaneidade e evitem impor visões anacrônicas ao analisar o passado. Reconhecer as diferenças culturais, sociais, políticas e intelectuais entre as épocas é fundamental para evitar julgamentos injustos e induzidos, para ele uma consciência interdisciplinar é essencial para evitar distorções.

Por um lado, o preterismo é a abordagem que analisa uma época passada abusando do passado, faz uso exacerbado das genealogias e crônicas. Baseia-se no princípio de que a melhor maneira de compreender qualquer passado é entendendo-o à luz das suas próprias crenças e valores. O presentismo procura

---

<sup>36</sup> “A corrente conhecida como “o novo medievalismo”, que é a concretização do pós-modernismo aplicado aos estudos medievais... os textos históricos medievais, a partir de exemplos retirados de crônicas francesas, castelhanas e catalãs: o texto histórico considerado como artefato literário; a lógica social do texto histórico; o papel das genealogias; as relações entre passado, presente e futuro e a influência do presenteísmo;” (Tradução nossa).

entender as culturas antigas com seus próprios termos e categorias, sem tentar forçá-las a encaixar-se nas nossas, no posterior. Essa abordagem permite que os pesquisadores compreendam melhor as práticas, as crenças e os valores das sociedades antigas, e evita a tendência de julgar o passado conforme os padrões culturais atuais, ou seja, o presentismo. Embora, como dito, uso excessivo pode desconectar esse passado com o presente, tornando-se assim um estudo limitado no tempo e no espaço.

Por outro lado, o presentismo refere-se à tendência de interpretar e avaliar eventos e pessoas do passado com base em valores, normas e conhecimentos contemporâneos. É uma abordagem que pode distorcer a compreensão e o julgamento adequados das épocas passadas. O autor argumenta que costumamos tratar o ontem como um espelho.

“O presentismo domina sobre o *preterismo*, porque somos capazes de identificar o medieval mais como um espelho que como um objeto mais próximo. Este é, certamente, um efeito muito salutar do presentismo, que nos ajuda a nos identificar com o tempo analisado, por mais distante que seja, e a compreendê-lo melhor.” (Aurell, 2006 p. 200-201)

Os conceitos são praticamente opostos, contudo, dentro do Novo Medievalismo é possível manejar as duas formas de abordagem para uma melhor compreensão da época. A referência ao passado como um espelho, como mencionado por Jaume Aurell, sugere uma abordagem que busca compreender o passado em seus próprios termos, buscando entender a mentalidade, os valores e os contextos da época estudada, em outras palavras, ver o passado como um espelho implica em olhar para ele sem impor nossas próprias concepções contemporâneas, mas sim permitindo que ele revele sua própria complexidade e singularidade. Nessa perspectiva se reconhece que cada época histórica possui sua própria lógica e dinâmica, e é importante apreciar essas especificidades ao interpretar o passado.

A teoria de Aurell é ampla e permite ao pesquisador a autonomia de usar os mecanismos de forma autêntica e completa, posto que, dentro dessa teoria, a visão poliédrica dos fatos é bem-vinda. Aurell, (apud López, 2006, p.386) a visão poliédrica nos ajuda a percorrer no tempo de forma ampliada:

“A visão poliédrica, postulada pelo Novo Medievalismo, nos ajuda a viajar no tempo com o auxílio de outras disciplinas como a história, a sociologia ou a paleografia, entre outras, e é na junção desses saberes que as ricas manifestações literárias ganham novas interpretações,

com a sua equilibrada dose de preterismo e de presentismo como observa Aurell.” (Lopez, 2020, p.213).

Dessa maneira, a visão poliédrica nos permite considerar diversos eventos históricos de forma mais abrangente. Ao realizar uma análise poliédrica, podemos considerar as perspectivas de diversos agentes sociais envolvidos, como a cultura, a política, a economia, a religião, a tecnologia e outros fatores. Isso nos permite ter uma visão mais profunda do passado e nos ajuda a entender as complexidades da história.

Considerar a interdisciplinaridade, o presente e o passado, não significa que podemos usá-los de maneira desmedida. Aurell (2015) entende que deve haver um equilíbrio entre o presentismo e o preterismo. “Entretanto, sem dúvida, o presentismo tem também o possível efeito perverso de analisar esta época distante, aplicando-lhe de forma anacrônica os parâmetros da cultura atual.” Por exemplo, o preterismo pode nos ajudar a entender o contexto histórico, enquanto o presentismo pode nos ajudar a compreender melhor as implicações dos eventos históricos. O equilíbrio entre esses dois paradigmas é essencial para se ter um olhar completo sobre a história.

Tomamos, portanto, a palavra utopia usando o nosso presente (presentismo), de maneira que, o termo não existia na época de Pizan, porém, o pensamento que o termo suscita estava presente em Christine de Pizan e até em figuras anteriores a ela. O sentimento do outro lugar, do sonho, do desejo distante naquela época, da esperança faz parte do sentir humano. O sentido do presentismo está presente em nosso trabalho pelo uso da palavra utopia, termo posterior a escritora medieval, e o preterismo, por considerar o seu tempo sem uma comparação deteriorada em relação a nossa contemporaneidade.

### **3.3. A utopia segundo Thomas More e Hilário Franco**

No senso comum, a palavra "utopia" é frequentemente usada para descrever algo que é considerado irreal, inatingível ou muito idealista. Neste contexto, as ideias utópicas são frequentemente associadas a sonhos ou visões idealizadas que parecem muito distantes da realidade. A expressão "é uma utopia" costuma ser usada para se referir a uma ideia ou proposta que

parece boa, mas dificilmente se concretizará devido a obstáculos práticos, políticos, econômicos ou sociais.

Desde Aristóteles a palavra, utopia existe, contudo não com toda a definição que lhe atribuímos hoje. Ele discutiu em sua obra "Política" a ideia de uma cidade ideal, embora não tenha utilizado o termo "utopia" para idealizá-la, a ideia de futuro e a busca pela felicidade de uma sociedade estavam presentes, ao que Amaral argumenta:

“É verdade que o conceito platônico de “cidade ou regime melhor” acolhe o carácter noético da dimensão individual e comunitária da existência humana, mas esquece o filão histórico, e por isso é utópica (não no sentido anatópico do lugar “inatingível”, mas no sentido diagógico do nível “ainda não atingido”);” (AMARAL, 2008, p.29)

Aristóteles reflete sobre a construção de uma cidade ideal ajuizando sobre os aspectos que a constitui como: a partilha de bens, a felicidade, as propriedades, a família, o senhor e o escravo, a justiça distributiva.... Ao dizer que o conceito é utópico, não significa que ele é inatingível, mas sim que ele se encontra em um nível ainda não alcançado ou realizado, está, como em Aristóteles, na imaginação, no desejo. A utopia, portanto, pode ser interpretada como uma visão de um mundo melhor e possível, mas que ainda não foi completamente alcançado, não como algo inatingível.

No mesmo sentido de Aristóteles, Platão, em *A República*, também imagina uma cidade perfeita, Kallipolis. Nela dela haver quatro virtudes fundamentais: sabedoria, coragem, temperança e justiça.

“Temos assim três virtudes que foram descobertas na nossa cidade: sabedoria, coragem e moderação para os chefes; coragem e moderação para os guardas; moderação para o povo. No que diz respeito à quarta, pela qual esta cidade também participa na virtude, que poderá ser? É evidente que é a justiça.” (PLATÃO, 1949, p.427)

Ele afirma que a quarta virtude deve estar presente em todos os níveis da sociedade, desde os governantes até o povo. Podemos observar que, assim como Aristóteles, Platão também acredita que a justiça é um princípio fundamental para a construção de uma sociedade justa e equitativa, em que cada indivíduo pode alcançar a felicidade e o bem comum. Como veremos adiante, a justiça também aparecerá fortemente representadas nas obras das autoras corpus do nosso trabalho. A justiça parece ser o motor para o pensamento utópico.

Em 1516, o humanista Thomas More deu um passo mais e, usando o termo utopia como título da sua obra, a definiu com um 'não lugar', 'em nenhum lugar', 'lugar do nunca'. A ideia de utopia de More era apresentar uma sociedade ideal, justa e igualitária, em contraponto à sociedade europeia da época, marcada pela desigualdade, pela corrupção e pela guerra. É conveniente notar que a obra foi publicada cerca de três décadas após a chegada dos europeus à América, um momento de grande expansão colonial e de contato com novas culturas e sociedades. A ilha utópica poderia estar na América, como sugere Guillaume Budé em carta a Thomas Lupset.<sup>37</sup>

“Cumprimente More também, outra vez, como já disse, com uma mensagem ou com palavras. Penso, e repito muitas vezes, que Minerva há muito registrou o seu nome no álbum mais seletivo; eu o reverencio e o quero bem no grau mais elevado, pelo que escreve sobre Utopia, essa ilha do Novo Mundo.” (BUDÉ, apud Moro, 2004, p.152)

Embora não haja uma unanimidade em relação às referências que Thomas More teve para escrever Utopia, se entende que, pela aproximação de tinha com Erasmo de Rotterdam, que foi baseada nos relatos de viagens do seu amigo. De todas as formas, a influência que More sofreu não nos interessa agora, o que de fato tem relevância é o valor agregado ao termo utopia que encontrou lugar em obras anteriores e posteriores a dele, e, na mesma direção, chegou ao então chamado *Mundus Novus*.<sup>38</sup>

De fato, a América Latina foi construída baixo a utopia do paraíso e se consideramos os estudos de Edmundo O’Gorman (1992) a visão idealizada da América que não correspondia à realidade. O’GORMAN (1992, p.68) “A América foi inventada antes de ser descoberta”. Em concordância ao tema, Janice THEODORO (1991, p.11) considera, “A América, mesmo antes de ser descoberta, fazia parte da ficção. A visão de outro mundo muito distante e difícil de ser alcançado cristalizava-se, como o passar dos anos, em imagens.” Essa visão ficcional da América contribuiu para a exploração e colonização das Américas pelos europeus, já que eles tinham a expectativa de encontrar um

---

<sup>37</sup> A utopia Morus, Thomas Utopia I Thomas More; Prefácio: João Almino; Tradução: Anah de Melo Franco. - Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004. Disponível em <https://funag.gov.br/loja/download/260-Utopia.pdf>. Último acesso em 23 de abril de 2023.

<sup>38</sup> Em uma de suas cartas, Vespúcio se refere a essas terras como "Mundus Novus" (Novo Mundo), e o termo acabou sendo adotado pelos europeus para se referir às Américas.

paraíso exótico e repleto de riquezas. Essa expectativa influenciou a forma como eles trataram os povos nativos e exploraram os recursos naturais da região. Em conclusão ao efeito utópico na América, LOPEZ (2019), assegura:

“En la última década del siglo XV y principalmente durante la primera mitad de la siguiente centuria este Nuevo Mundo será el palco ideal para la puesta en práctica de muchas de las aspiraciones y deseos que desde la Edad Media venían forjándose en Europa. Utopía, milenarismo o providencialismo, entre muchos otros, serán términos que encontrarán en las tierras recién descubiertas una proyección muchas veces de forma más acentuada que en su lugar de origen.” (LOPEZ. 2019, p.2)<sup>39</sup>

Como podemos verificar nas palavras de Lopez, a utopia do paraíso também estava presente na Idade Média, de maneira que, o descobrimento da América foi visto como a concretização de muitas das aspirações e desejos forjados na Europa durante a Idade Média. Em outras palavras, O Novo Mundo imaginado pelos Europeus seria a concretização, a volta de um sonho que a baixa Idade Média não havia superado.

Talvez a América tenha sido, para os europeus, o que mais se aproximou da utopia do Paraíso tipificada por Hilário Franco (2001, p.116). A utopia do Paraíso representa a busca pela perfeição perdida, uma condição anterior à queda do homem. “Enquanto o mito relembra a perda do Paraíso, a utopia buscava sua recuperação” (FRANCO JR., 1992, p. 144). É uma utopia completa, que envolve não só aspectos materiais, mas também espirituais e morais. A América Latina, em sua construção, foi vista como um lugar que se aproximava dessa utopia, principalmente devido às suas riquezas naturais e à sua cultura.

Ao definir a utopia, Hilário Franco considera que é o momento que o homem se enxerga, em suas palavras, FRANCO (1992, p. 7) “Utopia é a negação de um presente medíocre e sufocante, é espaço futuro e sem limites, sustentada pelo desejo, é sonho apaziguador de regresso à perfeição das origens é o reencontro do homem consigo mesmo. ”. Entendemos que para o autor, a utopia vai além do desejo pelo amanhã, nela o indivíduo utópico se

---

<sup>39</sup> “Na última década do século XV e principalmente na primeira metade do século seguinte, este Novo Mundo será o cenário ideal para a realização das muitas aspirações e desejos forjados na Europa desde a Idade Média. Utopia, milenarismo ou providencialismo, entre tantos outros, serão termos que as terras recém-descobertas encontrarão uma projeção muitas vezes mais acentuada do que o seu local de origem.” (Tradução nossa).

restitui. Nas obras de Christine de Pizan e Juana Inés, por exemplo, há uma releitura da posição das figuras do Jardim do Éden.

“E quando foi da sua santa vontade criar Adão do limo da terra, na cidade de Damasco, ele o fez, levando-o então ao paraíso terrestre, que era e permanece o lugar mais digno nesse mundo baixo. Nele, fez Adão adormecer e, com uma de suas costelas, formou o corpo da mulher, significando com isso que ela devia estar ao seu lado como uma companheira, e de maneira alguma aos seus pés como uma escrava, devendo amá-la como sua própria carne.” (PIZAN, 2006, p.138)

Na releitura de Christine de Pizan da história da criação de Eva significa uma volta ao princípio para encontrar-se em uma posição mais justa, negando então a visão tradicional (arquetípica) de que as mulheres são inferiores aos homens, uma tentadora que leva o homem a pecar e a ser expulso do paraíso. Na visão de Pizan, as mulheres são vistas como um complemento do homem e uma figura importante na criação e manutenção da vida na terra. Pizan ressignificou os acontecimentos do paraíso e alimentou o pensamento de justiça.

Em seu livro “As utopias Medievais”, Hilário Franco trabalha as utopias de maneira separada, embora isso não queira dizer que os pensamentos utópicos não se interliguem, cada capítulo de sua obra está relacionado a uma utopia, são eles: a utopia da abundância; a utopia da justiça ou do milênio; a utopia do sexo ou androginia; a utopia da matriz, a do paraíso. Em nosso trabalho a que tem mais relevância é a utopia da justiça. Ao trabalhá-la, ele deixa claro que na Idade Média apenas quem fazia parte do corpo social tinha voz, logo, tinha privilégios, do outro lado estavam a massa e as mulheres. A única opção que restava para esse público é a concretização da justiça em seus pensamentos, ou seja, pensamentos utópicos. Em muitos casos a esperança na chegada do Milênio, o qual trará consigo a atmosfera de justiça.

“Em outros termos, o Milênio é um período de justiça, paz e fartura, recuperação do Paraíso Terrestre, antecipação do Reino Celeste. É o fim de um certo tempo, anunciando o Fim de todos os tempos. É uma interrupção na História que prepara o fim dela. É uma negação da História por parte daqueles que se sentem esquecidos pela História.” (FRANCO 1992, p. 77-78)

Partindo das palavras do autor, a utopia da justiça pode ser vista como uma tentativa de antecipar o que seria o mundo perfeito, um lugar em que as injustiças e as desigualdades não existiriam mais, e em que todos poderiam viver em paz e felicidade. Essa visão idealizada do mundo pode ser encontrada em

diferentes momentos da história, tanto no âmbito religioso como no âmbito filosófico e político, e tem sido objeto de estudo e reflexão por muitos pensadores ao longo dos séculos. Na literatura, que abrange todos os âmbitos, não será diferente, o anseio por um mundo melhor e mais justo encontra nela o seu espaço.

Seguiremos trabalhando a utopia em seu sentido geral e de acordo com Hilário Franco nos próximos dois capítulos, no entanto, antes de analisar propriamente as obras de Christine de Pizan e Juana Inés, faz-se necessário apresentá-las e apontar o que as une e as separam, após essa etapa, poderemos por fim debruçar-nos propriamente nas obras.

## **4. CAPÍTULO III – UTOPIA: CHRISTINE DE PIZAN E SOR INÉS DE LA CRUZ**

### **4.1. Christine de Pizan e Juana Inés de la Cruz: encontros e desencontros**

A fim de relembrar o que foi dito no capítulo um desta dissertação, destacamos: Christine de Pizan e Juana Inés são duas importantes escritoras que viveram em épocas diferentes e em contextos culturais distintos, mas compartilham algumas características em comum. Ambas são conhecidas por suas obras literárias e reflexões sobre questões sociais, políticas e culturais, desempenhando um papel significativo na história da literatura e da cultura de seus respectivos países.

Christine de Pizan foi uma escritora francesa que viveu no final do século XIV e início do século XV. Ela é conhecida por suas obras literárias, que englobam poesia, prosa e ensaios, bem como suas reflexões sobre direitos das mulheres, justiça social e educação. Christine foi uma das primeiras mulheres na Europa a viver da escrita, e suas obras tiveram um impacto significativo na literatura e cultura medieval.

Por sua vez, Juana Inés de la Cruz foi uma escritora e filósofa mexicana que viveu no século XVII, durante o período colonial espanhol. Ela é reconhecida por suas obras literárias, que abrangem poesia, teatro e prosa, e por suas reflexões sobre questões religiosas, políticas e culturais. Juana Inés foi uma das primeiras mulheres a se destacar na literatura da América Latina, e suas obras são consideradas uma importante expressão da cultura e identidade mexicanas.

Embora tenham vivido em épocas diferentes e em contextos culturais distintos, Christine de Pizan e Juana Inés compartilham algumas características em comum. Ambas foram mulheres que se destacaram na literatura em períodos em que a escrita era dominada pelos homens, utilizando suas obras para refletir sobre questões sociais e culturais de suas épocas. Além disso, tanto Christine quanto Juana Inés foram criticadas por suas ideias e por desafiar as normas estabelecidas. Suas obras desempenharam um papel importante na abertura de caminho para outras mulheres na literatura e na cultura.

Conforme mencionado anteriormente, Christine de Pizan e Juana Inés trilharam caminhos diferentes dos que lhes eram esperados. Desde o nascimento até o falecimento das autoras, há encontros e desencontros. A

sociedade em que ambas viveram era regida pelo poder monárquico e clerical, o que contribuiu, de certa forma, para a reprodução da mentalidade medieval europeia nas terras americanas.

Os dois grupos que perpetuaram a imagem inferiorizada das mulheres medievais, aristocratas e religiosos, também desempenharam um papel significativo no México. Como Paz (1998, p.74) afirma: "Minoritária, douta, acadêmica, profundamente religiosa não num sentido criativo, mas dogmático, e, por fim, hermética e aristocrática, a literatura novo-hispânica foi escrita por homens e para ser lida por homens." Podemos observar que, apesar da passagem do tempo, a literatura continuava sendo dominada pelo sexo masculino.

Nesse contexto, o fato de Christine e Juana Inés terem se destacado na literatura e conquistado reconhecimento por seus trabalhos é uma prova de sua excepcional habilidade e talento literário. Isso torna ainda mais notável o sucesso dessas autoras. Sobre Juana Inés, Paz exalta:

"Por isso é realmente extraordinário que o escritor mais importante da Nova Espanha tenha sido uma mulher: sóror Juana Inés de la Cruz. [...] Nem a universidade nem outras instituições de ensino estavam abertas às mulheres. A única possibilidade que tinham de penetrar no mundo fechado da cultura masculina era esgueirar-se pela porta entreaberta da corte e da Igreja. Embora pareça surpreendente, os lugares em que os dois sexos podiam unir-se com propósitos de comunicação intelectual e estética eram o locutório do convento e os estrados do palácio. Sóror Juana combinou ambos os modos, o religioso e o palaciano." (Ibidem, 1998, p. 74-75).

Juana Inés foi criticada por suas ideias e pelo fato de que, por ser mulher, estava se intrometendo em assuntos que tradicionalmente eram considerados de domínio masculino. No entanto, ela não se deixou abater pelas críticas e continuou a escrever, deixando um legado importante na literatura e na cultura mexicanas. Em relação aos apontamentos de Paz, é notável sua habilidade ao entrar primeiramente no palácio e conquistar a simpatia dos vice-reis Antonio Sebastián de Toledo e sua esposa Leonor Carreto. A marquesa de Mancera foi essencial para Juana Inés trilhar seu caminho como poetisa. A marquesa sempre a defendia em relação aos estudos e à vida poética, e também divulgava publicamente os recitais de Juana Inés. Vale ressaltar que o acesso às bibliotecas era proibido para as mulheres. No entanto, além de ler os livros da

biblioteca do palácio, Juana Inés teve acesso à biblioteca de seu avô quando ainda era criança.

Após sua mãe se casar com outro homem, Juana Inés foi morar com seus tios, sua tia materna María Ramirez e seu esposo Juan de Mata, que a apresentaram aos vice-reis. Durante sua estadia na corte, ela se destacou por sua inteligência e educação, sendo muito apreciada pela rainha, que a considerava como a "filha que nunca teve". Além disso, ela era frequentemente convidada para participar de discussões intelectuais com os principais pensadores da época. Nessas ocasiões, Juana Inés aprendeu e debateu uma ampla variedade de assuntos, incluindo literatura, filosofia e matemática.

“A corte, centro e auge da sociedade, torna inteligível esta imagem e lhe confere sentido. A corte não só teve uma influência decisiva na vida política e administrativa, como também foi o modelo da vida social. Sem a corte não podemos compreender nem a vida nem a obra de sóror Juana; não só viveu nela no início de sua juventude, mas sua vida pode ser vista como a história de suas relações, ao mesmo tempo íntimas, frágeis e instáveis, com o palácio do vice-rei.” (PAZ, 1998, p. 47)

Durante a sua estadia na corte, que durou em média 4 anos, Juana Inés foi aplaudida e também posto à prova. Segundo Calleja 1700, o marquês de Macera chamou 40 intelectuais, entre teólogos, matemáticos, humanistas e filósofos para testar os seus conhecimentos. Após a sabatina, o Marques conclui: “à maneira de um galeão real [...], se defenderia de alguns barquinhos que sobre ela investiram, assim se desembaraçava Juana Inés das perguntas, argumentos e réplicas que tantos, cada um em sua classe, lhe propuseram” (CALLEJA, D. *Aprobación*, 1700).

No caso de Christine de Pizan, seu principal influenciador foi seu próprio pai. Após seu nascimento, seu pai, Thomas de Pizan, aceitou uma nomeação para a corte de Carlos V da França como astrólogo, alquimista e médico do rei. Na corte, a filha de Thomas pôde desenvolver seus interesses intelectuais, tendo acesso à biblioteca e à educação.

“Tu padre, gran sabio y filósofo, no pensaba que por dedicarse a la ciencia fueran a valer menos las mujeres. Al contrario, como bien sabes, le causó gran alegría tu inclinación hacia el estudio. Fueron los prejuicios femeninos de tu madre los que te impidieron durante tu juventud profundizar y extender tus conocimientos, porque ella sólo

quería que te entretuvieras en hilar y otras menudencias que son ocupación habitual de las mujeres” (PIZÁN, 2001, p. 199)<sup>40</sup>

Ao que os estudos de Régine Pernoud apontam uma curiosidade relacionado a relação da jovem escritora e o seu pai, de acordó com Régine ele não apenas a apoiou como se identificou com ela. PERNOUD (2000, p.13) “A su padre le hubiera gustado tener un hijo varón; tuvo dos despúes de Cristina, pero ni Aghinolfo ni Paolo se le parecían tanto como su hija.”<sup>41</sup>

Thomas de Pizan a incentivou a desenvolver suas habilidades literárias e a escrever seu primeiro poema quando ela tinha apenas 10 anos. Como resultado desses estímulos, ela desenvolveu um grande interesse pela filosofia, ciência e astronomia. Não há dúvidas de que seu pai desempenhou um papel importante em sua vida, tanto no aspecto intelectual quanto no de escritora e poeta.

[...] quando sua filha tinha três anos, a família se transferiu para Paris, e desde então a pequena Cristina começou a ter contato com a Corte, com a família real e com a burocracia de palácio, tendo acesso a grande biblioteca do mesmo e a produção de livros que se realizavam para o monarca. Ali conheceu não só os clássicos, senão que as primeiras traduções ao francês de alguns autores que posteriormente exerceriam grande influência em suas obras, como foi o caso de Boccaccio. Assim, pois, a infância e adolescência de Cristina de Pizan transcorreram em meio a este ambiente erudito, tendo como respaldo a influência e ajuda de seu pai, que a colocou em contato com os círculos intelectuais da época, ainda que sem o consentimento de sua mãe.” (ARAUZ MACEDO, 2005, p. 215)

A vida na corte fomentou a escrita e deu uma terceira opção a essas mulheres. É válido lembrar que, assim como na época de Juana Inés, as opções comuns para as mulheres medieval eram o casamento ou o convento. Na corte, as mulheres podiam ter acesso a um ambiente intelectual e cultural mais amplo, ter contato com pessoas influentes e ter a oportunidade de desenvolver suas habilidades literárias e artísticas.

---

<sup>40</sup> Seu pai, grande sábio e filósofo, não acreditava que ao se dedicar à ciência as mulheres se tornariam menos valorizadas. Pelo contrário, como bem sabe, sua inclinação aos estudos lhe trouxe grande alegria. Foram os preconceitos femininos de sua mãe que durante sua juventude impediram que você aprofundasse e expandisse seus conhecimentos, pois ela apenas desejava que você se ocupasse com atividades triviais, como fiar e outras trivialidades que são costumeiramente associadas às mulheres. (Tradução nossa).

<sup>41</sup> Ao seu pai teria sido apazível ter um filho varão; teve dois depois de Cristina, mas nem Aghinolfo nem Paolo se assemelhavam tanto a ele quanto sua filha. (Tradução nossa).

“Muitas das jovens pertencentes às famílias nobres elegiam a vida no monastério ou se viam conduzidas a ela; o convento, de fato, oferecia a muitas delas a possibilidade de receber uma educação e de alcançar um sentido de responsabilidade e independência de outro modo impensável: entre os séculos X e XII alguns monastérios femininos se tornaram famosos como centros de cultura, e pelo nível de instrução que podiam garantir.[...] a parte destacadas exceções, as mulheres que conseguiram conquistar um lugar de destaque na história da literatura latina medieval viveram toda sua vida, ou a maior parte dela, entre os muros de um convento.” (BERTINI, 1991, p. 21)

O convento não era visto apenas para cultivar a Deus e estudar teologia, era um espaço de oportunidades mais além das tarefas domésticas e religiosas. Algumas mulheres conseguiam ser influentes fora das portas dos conventos e das igrejas, como se pode ver no trecho de Pernoud:

[...] certas mulheres desfrutaram na Igreja, e devido à sua função na Igreja, dum extraordinário poder na Idade Média. Algumas abadessas eram autênticos senhores feudais, cujo poder era respeitado de um modo igual ao dos outros senhores; algumas usavam báculo, como o bispo; administravam muitas vezes vastos territórios com aldeias, paróquias.” (PERNOUD, 1978. p. 95)

Em um primeiro momento, Christine de Pizan elege enveredar pelo campo do casamento, casa aos quinze anos com Étienne Du Castel. Através das palavras de Ana Sinsino (2019), podemos identificar que Pizan teve um casamento tranquilo e que o seu marido também foi um positivo incentivador.

“Aos quinze anos casou com Étienne du Castel, um nobre – notário de profissão – nove anos mais velho, que acabara de ser nomeado secretário do rei. Étienne, sendo ele próprio um intelectual, incentivou Christine a prosseguir a instrução. Tiveram um casamento feliz que se prolongou por dez anos, ao longo dos quais nasceram três filhos, uma menina e dois meninos, tendo o mais novo morrido ainda pequeno.” (SONSINO, 2019 p. 3)

Em contrapartida, Juana Inés não escolhe o matrimônio, mas após perceber que os vice-reis não estariam sempre presentes para protegê-la, decide ir para um convento com o intuito de dar seguimento aos seus estudos, como afirma Piaia:

“É bastante provável que Sor Juana optou pela vida monástica dentro da busca por segurança como já mencionado, sua única casa era o palácio e ali ela sabia que não teria estabilidade para sempre, os vice-

reinados não eram de grande duração, logo os Marqueses iriam ser mandados de volta para seu país natal e Juana não seria mais protegida da coroa. "(PIAIA, 2020, p.36)

O convento na Idade Média, como visto acima, e o convento na contemporaneidade da poeta mexicana serviam como válvula de escape para as mulheres, ainda nas palavras de Piaia:

"As Igrejas e principalmente os conventos eram além de instituições poderosas diante da realidade da colônia, uma válvula de escape para a realidade mundana, muitos procuravam a vida religiosa como uma fuga ao matrimônio indesejado ou até mesmo como uma maneira de garantir sustento econômico." (PIAIA, 2020, p.36)

Na época de Juana Inés, o convento era visto como uma forma de libertar as mulheres da opressão. Ela buscou refúgio no convento para se dedicar as suas atividades intelectuais e artísticas. Embora a vida no convento possa ser vista como limitada, para a escritora foi um lugar seguro para seguir desenvolvendo sua criatividade e intelectualidade. Nesse sentido, o trecho de Tabosa expressa o que foi dito anteriormente:

"Sor Juana sempre teve repulsa total ao matrimônio e mesmo tendo experimentado a vida na corte (1664), não se demoveu desse posicionamento. Quando foi dama de honra da vice-rainha, a esposa do Marquês de Mancera (Don Sebastián de Molina y Salazar), a então Juana de Asbaje marcou sua temporada na corte por revelar sua sabedoria. Desde muito cedo, ela afirmava desejar que nada, nem ninguém, atrapalhasse a tranquilidade de suas leituras/escrituras. Determinada, então, decidiu-se pela reclusão ao claustro religioso, entrando para a ordem do Convento das Carmelitas Descalças em 1667. O alto rigor dessa instituição fez com que Sor Juana optasse pela ordem do Monastério de São Jerônimo em 1669." (TABOSA, 2009, p.17)

Fora da área de um convento e exercendo o seu papel de boa esposa, Christine De Pizan perde o seu marido. A viuvez, na Idade Média, geralmente permitia que as mulheres tivessem mais autonomia na gestão de sua casa, pois não estavam mais sujeitas à autoridade de um marido, mas receber as heranças deixadas não eram muito simples, principalmente, porque algumas mulheres, assim como Christine de Pizan, não tinham conhecimentos sobre os bens que a família possuía.

Embora, muitas mulheres conseguiram desenvolver a sua própria carreira ou assumir os negócios do marido em sua ausência. Casado, 2021, p.296 observa que "[...] muchas mujeres actuaban en el ámbito del comercio y

suscribían obligaciones solas o junto a sus esposos por tener cierto sentido y deseo de emprendimiento.”<sup>42</sup> Essa não foi a situação de Pizan, ela foi além!

No caso de Christine de Pizan, ela conseguiu usar sua liberdade para se engajar mais nos estudos e na escrita, fato que lhe deu a oportunidade para ser considerada uma das principais intelectuais femininas da baixa Idade Média. Além de sua dedicação à escrita, Christine viu-se obrigada a se sustentar, assim como a seus filhos e a sua mãe. Segundo Lucimara Leite (2008, p.12): “de filha e esposa, agora dela depende o provimento da família: sua mãe, seus dois irmãos e seus três filhos”. Christine de Pizan tornou-se, como já mencionado, a primeira mulher a escrever profissionalmente na Europa. Ela abriu caminho para as mulheres que desejavam se aventurar no mundo da literatura.

Após sua vida como escritora profissional, aos 54 anos, Christine de Pizan decide abrigar-se em um convento devido à guerra civil. Durante esse período, o único trabalho dela como escritora que temos conhecimento é um poema celebrando o triunfo dos franceses sobre os ingleses, liderados por Joana d'Arc, em 1429.<sup>43</sup>

A Fênix da América, nos últimos dois anos de sua existência, também diminui a sua produção escrita, ela passa a se dedicar as causas da Igreja, não se sabe se por decisão própria ou se por alguma imposição, como sugerem Carlos Moreno e Lourdes Moreno:

“A monja sofre profundas críticas e constantes pressões do alto clero da Nova Espanha, o que a leva interromper suas atividades poéticas que até aquele momento conciliara com suas responsabilidades religiosas. Se reconcilia com o Bispo Núñez de Miranda e, sob o risco da inquisição, fora aconselhada por ele, a abandonar seus estudos e leituras.” (MORENO; MORENO, 2014, p.52)

Apesar de ambas as escritoras terem vivido de maneira diferente da maioria das mulheres, de terem conseguido escrever e serem lidas, elas

---

<sup>42</sup> “Muitas mulheres atuavam no ramo do comércio e assinavam obrigações sozinhas ou em conjunto com seus maridos por terem certo senso e vontade de empreender” (Tradução nossa).

<sup>43</sup> “No poema: Le ditié de Jeanne D’ Arc (PISAN, 1429), com que ela se despede da vida, e na contramão das tendências em vigor, a escritora ainda empresta a palavra a Jeanne D’Arc (1412-1431), que não terá voz nem vez para se defender e, com mentiras e ignomínias do interesse político, seria condenada à morte no simulacro do julgamento que não houve. Christine falou por ela.” (APOLONIA,2015, p 230).

PERNOUD (2000, p.162) exprime “Cristina decidió tomar de nuevo la pluma cuando supo que el rey Carlos había sido coronado en Reims, que el delfín de Bourges se había convertido en rey Carlos VII. Once años de silencio, pero ahora las estrofas se apiñan de nuevo bajo su pluma. [...] Escribió de un tirón cincuenta y seis estrofas, cuatrocientos cuarenta y ocho versos llenos de emoción y de entusiasmo;”

seguiram baixo a mentalidade de sociedades desfavoráveis às mulheres. É indiscutível que a vida na corte e no convento foram efetivas oportunidades de refúgio e escrita para as autoras. Tanto Christine de Pizan como Juana Inés, fizeram bom uso das oportunidades para tornarem-se escritoras, de maneira que as suas escritas serviram de pontapé para que outras mulheres seguissem o mesmo caminho. Elas conseguiram através da escrita indagar e denunciar a sociedade na qual viveram.

As autoras sabiam que a escrita vai além delas mesmas e que é um instrumento poderoso, elas também sabiam que os seus desejos para um mundo melhor e mais justo para as mulheres não seriam bem aceitos em suas respectivas épocas, dessa maneira, Pizan e De la Cruz escrevem *A cidade das damas* e *Resposta a Sor Filotea de la Cruz*, ou seja, textos com um sonho para o futuro alimentados por uma espécie de pseudônimo. Assim, não respondiam elas próprias pelas denúncias e inquietudes expressas, eram lidas apenas como escritas de desejos distantes.

Em seu livro "*A cidade das damas*", corpus desse trabalho, a autora-franco italiana recorre ao seu pensamento utópico para criar uma cidade justa para as mulheres. Juana Inés em "*Hombres necios*" e na obra "*La respuesta*" também mostra uma sede de justiça para com as mulheres, de maneira que, tal sentimento expresso entra no que Hilário Franco define como utopia da Justiça.<sup>44</sup>

O que chama a atenção é que ambas utilizam, além da utopia, um mecanismo singular: recorrem a mulheres representativas, algumas das quais possuem um caráter excepcional, para conferir mais significado e força às suas obras.

"En dicha obra, Sor Juana cita a muchas mujeres históricas, mitológicas y bíblicas para apoyar su defensa de las mujeres. En "*La Cité*" de Christine aparecen muchas de las mismas mujeres, a las cuales ella también cita para apoyar su defensa femenina. Dentro de ambas obras se encuentran algunos de los mismos temas como la importancia de la educación de la mujer y la afirmación de su igualdad intelectual y espiritual." (EVANS, 2003, p. 106)<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> FRANCO, Hilário. *As utopias medievais*. 1ªed. SP, Brasiliense, 1992

<sup>45</sup> "Nesta obra, Juana Inés cita muitas mulheres históricas, mitológicas e bíblicas para apoiar sua defesa das mulheres. Em "*La Cité*" de Christine aparecem muitas das mesmas mulheres, que ela também cita em apoio à sua defesa das mulheres. Dentro de ambas as obras se encontram alguns dos mesmos temas, como a importância da educação das mulheres e a afirmação de sua igualdade intelectual e espiritual." (Tradução nossa).

As autoras viveram em épocas diferentes, mas ao mesmo tempo sentiram inquietações similares, as quais registraram em seus textos utópicos. É importante ressaltar que a utopia pode ser interpretada como ideologia dependendo de quem a lê, pois pode ser considerada impossível para um indivíduo em determinado momento, porém pode se tornar totalmente real e possível em outro período. Sobre a utopia em Pizan, Calado assegura que:

“Desejar o impossível, fazer o impossível: tal foi o caminho perseguido por Christine de Pizan, na construção de uma obra e vida tão singulares, tão fora de lugar, tão utópicas. Essa escritora do século XIV transformou traços de sua vida, que a colocariam naturalmente em desvantagem (mulher, viúva, estrangeira)', em armas eficazes, por meio das quais ascende a uma condição até então inatingida pelas mulheres: a conquista de ser a primeira mulher a sobreviver do ofício de escritora.” (CALADO. 2003. p. 17-18)

A utopia contribuiu para que essas duas mulheres sobrevivessem em um mundo desfavorável ao sexo feminino, permitindo que seus escritos resistissem à inquisição e à passagem do tempo. Além disso, possibilitou que mulheres pudessem sonhar e desejar um mundo mais justo, como será visto com maior detalhamento a seguir. Somado a isso, elas denunciaram, alertaram e estimularam outras mulheres a repensar a sua condição.

#### 4.2. A cidade das damas e a busca por justiça

Como mencionado anteriormente, o anseio por um mundo mais justo é intrínseco ao ser humano. No entanto, o que pode causar confusão é o fato de que o que é interpretado como justiça por um indivíduo pode não ser o mesmo para outro, dependendo de sua faixa etária, gênero, língua, nacionalidade ou cor. Em outras palavras, para Aristóteles, as mulheres eram consideradas instáveis, mais fracas e com pouca capacidade racional, o que justificava a restrição delas a papéis domésticos, excluindo-as de cargos públicos. No contexto medieval, podemos relembrar o caso de André Capelão, cuja obra "De Amore" retrata as mulheres medievais de forma ambígua: inicialmente como figuras nobres e dignas de adoração, mas posteriormente como alvo de críticas e desvalorização.

Opiniões e obras que desmereciam e ajustavam as mulheres eram comuns, e favorecidas pelo fato de que as mulheres não tinham direito a resposta, não tinham tampouco a oportunidade de estudar e escrever. A falta de acesso à educação e às oportunidades de escrever e publicar afetou significativamente a capacidade das mulheres de se engajarem no discurso público e de apresentarem suas perspectivas e conhecimentos. Muitas mulheres talentosas e intelectuais foram sub-representadas ou ignoradas nos círculos literários e acadêmicos, o que contribuiu para uma narrativa dominada por pontos de vista masculinos e estereótipos negativos em relação a elas.

Entretanto, apesar dessas dificuldades históricas, houve mulheres notáveis que conseguiram superar essas barreiras e fazer contribuições significativas, uma delas é Christine de Pizan. Ela aproveitou a oportunidade que seu pai lhe dera e fez de suas obras um marco importante na história do feminismo, escritas que abriram caminho para o avanço dos direitos e da igualdade das mulheres. Uma das suas principais obras é a *A epístola ao deus do amor*, escrita antes do livro *A cidade das damas*.

“É nesse largo panorama em que o conhecimento é objetivo a atingir que emerge a escrita de *A epístola ao deus do amor*, como réplica contra o *Romance da rosa*, de Guillaume de Lorris (1200-1238) e Jean de Meun (1240-1305), que se pauta por uma visão diminuída da mulher. A produção literária de Christine de Pizan não é um verso solto: integra o conjunto de obras e pronunciamentos de cunho pedagógico que, na França, desde o período carolíngio, tiveram o intuito de civilizar o comportamento rude, por vezes bárbaro, do homem com relação à mulher.” (APOLONIA, 2015, p.222)

A epístola que foi produzida quase um século depois da publicação do poema “*Romance da rosa*”, lírica escrita por Guilherme de Lorris na década de 1230 e continuado por volta de 1280 por Jean de Meung que suscitou em Pizan incômodo e o desejo de justiça por meio das palavras.

“A partir de *Roman de la rose* (*Romance da Rosa*) [...] anunciou a transformação. Os intelectuais da Universidade concretizaram-na. A imagem da mulher, vilipendiada no *Roman* continuava a ser objeto de chacota. No início do século XV, Cristina atacou o conteúdo da obra [...], na primeira polêmica literária da história ocidental e no primeiro posicionamento público de uma mulher em defesa das demais.” (MACEDO, 2002, p. 94)

Christine de Pizan questionou as visões misóginas e estereotipadas das mulheres presentes no “*Roman de la Rose*”. Ela argumentou em defesa das

mulheres, rejeitando os estereótipos negativos e afirmando a igualdade intelectual e moral entre homens e mulheres. Com essa obra, Christine desafiou abertamente a visão depreciativa das mulheres na literatura e estabeleceu um dos primeiros posicionamentos públicos de uma mulher em defesa das demais mulheres. É importante notar que a epístola acentuou o movimento *Querelle des Femmes*, atividade que teve lugar durante o final da Idade Média e o início do Renascimento.

“Foi líder do famoso movimento literário no medievo que ficou conhecido pelo nome de *Querelle des Femmes*, em reação a literatura misógina da época, que teve como estopim o famoso poema *Roman de la Rose* (Romance da Rosa), escrito por Jean de Meung, em 1280.” (COSTA, 2021, p.6-7)

No movimento *Querelle des Femmes* as discussões em relação ao tratamento recebido pelo sexo feminino ganharam forma. Nele, Christine de Pizan foi uma das principais personagens em defesa do sexo feminino. A sua produção literária em defesa das mulheres segue em construção com o livro corpus da nossa dissertação: *A cidade das damas*. No texto de 1405, Pizan imagina uma cidade utópica, ela a constrói metaforicamente, para isso, recorre a biografias de mulheres virtuosas ao longo dos séculos.

A obra apresenta ainda um forte tom crítico aos homens que desprezam as contribuições das mulheres e que a representam como seres inferiores e seres submissos. Pizan repudia essa visão e mostra ao longo das biografias que as mulheres foram responsáveis por grandes atos, desde a construção de cidades até a escrita de obras literárias de renome. Provavelmente, teve como base a obra *Mulheres ilustres* de Boccaccio, autor citado recorrentemente nessa obra de Pizan.

“O recorte das mulheres integrantes de sua enciclopédia de mulheres ilustres, como no caso da *Cité des Dames*, recebeu influência marcante da obra de Boccaccio, *De mulieribus claribus*. Tal influência, apesar de notória, não limitou a obra de Christine em simples empréstimos ou cópias, como pretendiam alguns críticos, mas ao contrário, soube guardar sua independência e originalidade, em relação à autoridade e ao gênero.” (CALADO, 2006, p.69)

No próprio livro, em um diálogo entre Retidão e o eu-lírico de Pizan, há uma clara referência à obra de Boccaccio. No contexto desse diálogo, a alusão a Boccaccio pode ser utilizada para ressaltar a importância de reconhecer e

valorizar as mulheres ilustres ao longo da história. Essa referência à obra do autor italiano demonstra a influência e o diálogo entre as escritoras da época, bem como a forma como Christine de Pizan utilizou diferentes fontes e referências para construir sua argumentação e defender a igualdade e o valor das mulheres.

“Esta obra, *La Ciudad de las damas* (1404-1405), que se presenta hasta cierto punto como una reescritura de *De claris mulieribus* de Boccaccio (1361) que circulaba en traducción francesa ya en 1401 (*Des Cleres et Nobles Femmes*), construye una imagen de la mujer y de la feminidad a partir del modelaje de un pensamiento forjado en diálogo con la cultura, la de los hombres, claro, pues no había otra, tanto la cortés como la clerical, pero sorprendentemente diferente. Y la diferencia estriba en que quien habla, quien escribe, es una mujer.” (PIZAN, 1995, p.6) <sup>46</sup>

Ao se basear em obras anteriores, como a de Boccaccio, Christine de Pizan aproveitou as ideias e exemplos presentes nessas fontes para fortalecer sua própria visão e defender as mulheres contra a misoginia e os estereótipos negativos predominantes na época. Assim como, demonstrou que as mulheres têm uma longa história de realizações e virtudes que merecem ser reconhecidas e valorizadas. Ela recontextualizou essas referências dentro de seu próprio argumento, construindo uma imagem positiva e ativa das mulheres.

Apesar da intertextualidade, Christine de Pizan não se limitou a simplesmente copiar ou emprestar ideias de Boccaccio ou de outras fontes. Em "A cidade das Mulheres", Christine constrói uma alegoria da cidade ideal, povoada por mulheres notáveis da história e da mitologia, destacando suas virtudes, talentos e realizações. Uma obra singular!

“O livro *La cité des Dames* é acima de tudo uma verdadeira enciclopédia das mulheres, um resgate de várias personagens femininas, da história à mitologia, da Antiguidade à Idade Média, das letras às ciências, destacando nelas, ora suas qualidades pretensamente masculinas, como a coragem, a ousadia, a bravura, seus feitos históricos, ora suas qualidades reconhecidas como femininas, como a sensibilidade, a dedicação, a solidariedade.” (CALADO, p.102)

---

<sup>46</sup> Esta obra, *La Ciudad de las Dama* (1404-1405), que se apresenta até certo ponto como uma reescrita de "De claris mulieribus" de Boccaccio (1361), que circulava em tradução francesa já em 1401 ("*Des Cleres et Nobles Femmes*"), constrói uma imagem das mulheres e da feminilidade a partir do molde de um pensamento forjado em diálogo com a cultura, a dos homens, é claro, pois não havia outra, tanto a cortês quanto a clerical, mas surpreendentemente diferente. E a diferença reside no fato de que quem fala, quem escreve, é uma mulher. (Tradução nossa).

Na obra, se destaca a amplitude e a relevância da obra de Christine de Pizan, que resgata e celebra as mulheres em todas as suas diversidades, apresentando-as como agentes de mudança, repletas de qualidades e habilidades que transcendem as limitações impostas pelo gênero. Ao criar essa cidade imaginária e ao destacar as contribuições das mulheres, Christine desafia os estereótipos negativos e as visões depreciativas que eram comuns na sociedade medieval. Ela defende a capacidade intelectual e moral das mulheres, e enfatiza sua importância na construção de uma sociedade justa e equilibrada. Portanto, embora Christine de Pizan tenha sido influenciada por obras como "*De mulieribus claris*", ela foi capaz de trazer sua própria perspectiva e visão original à sua enciclopédia de mulheres ilustres.

No livro "A cidade das damas", a história é organizada em torno do encontro dialético entre Christine, a personagem que representa a autora, e as damas. A autora é visitada por três figuras celestiais que se apresentam como Razão, Retidão e Justiça, são inseridas como guias e mentoras para Christine. As damas a convidam a criar um refúgio seguro para mulheres, conhecido como A cidade das damas. As três figuras alegóricas acompanham Christine ao longo da narrativa, orientando-a e incentivando-a a desafiar as normas sociais e a construir um ambiente adequado para as mulheres. Elas representam ideais e virtudes que a autora acredita serem essenciais para a transformação da posição das mulheres na sociedade.

Cada uma delas ajuda em um ponto da construção; a dama Razão, por exemplo, representa a inteligência, a lógica e o discernimento. Ela auxilia Christine a questionar e compreender os estereótipos e preconceitos que restringem as mulheres na sociedade. Razão incentiva a busca pelo conhecimento e a valorização das virtudes femininas.

"[...] vês-me carrega como emblema esse espelho resplandecente, que seguro na mão direita, em lugar de um bastão. Precisas saber que, na verdade, quem quer que nele se olhe – qualquer seja sua natureza – verá a funda de sua alma. Oh! Qual não é a virtude do meu espelho! Não é sem motivo que o vês constelado de pedrarias, pois através dele se conhecem as essências, as qualidades, as relações e medidas de todas as coisas, e nada se conduzirá bem sem ele." (PIZAN, 2006, 124)

A dama Retidão personifica a honestidade, a ética e a integridade. Retidão guia Christine na construção de um abrigo seguro para as mulheres. Ela incita

Christine a buscar a virtude e a agir com retidão em todas as suas ações. Ela representa os princípios éticos e morais que devem guiar a conduta das mulheres e da sociedade como um todo.

“Frequento os justos e os encorajo a fazer o Bem, a dar a cada um aquilo que o pertence no melhor de seu poder, a dizer e a defender a verdade, a defender o direito dos pobres e dos inocentes, a nunca se apossar do bem do outro, a provar a inocência dos caluniados. ”  
(PIZAN, 2006, p.128)

A dama Justiça encarna a busca pela justiça e a defesa dos direitos das mulheres. Justiça ressalta a importância de lutar contra as injustiças e discriminações enfrentadas pelas mulheres na sociedade, é a filha predileta de Deus. Ela incentiva Christine a construir um espaço onde as mulheres sejam valorizadas e seus talentos sejam reconhecidos.

“Amiga Cristina, eu sou Justiça, a filha predileta de Deus, e minha essência procede diretamente da sua pessoa. [...]. Meu único dever é julgar, distribuir e dar a cada um o que ele merece. Eu defendo a ordem de cada Estado, e nada dura sem mim. Estou em Deus e Deus está em mim, pois somos, digamos assim, uma única e mesma coisa.”  
(PIZAN, 2006, p.126)

Assim como na antiguidade o desejo por um mundo melhor está fincado na justiça, tudo converge nela, esta possui lugar de destaque na narrativa. Em Pizan, a justiça é uma entidade sagrada e fundamental para a existência e ordem do mundo. Na citação, a justiça aparece como uma espécie de manifestação divina na qual o seu poder e autoridade derivam do próprio Deus. Embora, vale salientar que a justiça não está desassociada das demais virtudes, isso quer dizer que, para alcançar a construção da cidade utópica, assim como na República de Platão, as demais virtudes devem estar presentes.

“Dama Justiça veio a mim com todo o seu esplendor e disse-me: “Minha cara, na verdade, vejo como trabalhaste bem, com muita força, dando o melhor de ti, para, com a ajuda das minhas irmãs, finalizar a construção da Cidade das Damas, que tu havias tão bem começado. ”  
(PIZAN, 2006, p.318)

O diálogo com as damas serve como um despertar intelectual e uma fonte de inspiração para Christine para construir um mundo mais justo. Durante as conversas, Christine passa por um processo de questionamento, reflexão e autoafirmação. Ela se sente encorajada a rejeitar as ideias misóginas e a lutar pela igualdade de gênero. As damas reforçam sua autoconfiança, mostrando que ela tem o poder e a capacidade de construir uma sociedade melhor para as

mulheres. Entretanto, alcançar uma justiça de gênero naquele instante não era possível, dessa forma, a autora recorre a utopia para eternizar os seus desejos de um futuro melhor para as mulheres.

“A contribuição que foi reservada a Christine é o papel de proteger as mulheres das injustiças de todos os tempos, aquelas do passado, as do seu presente e as que virão. Nesta perspectiva, a autora tem a uma visão linear do tempo, como a visão utópica, de acreditar na melhoria futuro de seu presente.” (CALADO, 2006, p.86)

A partir da constatação de Luciana Calado, podemos observar que Christine possui uma visão linear do tempo, o que significa que ela acredita em um progresso contínuo e em uma melhoria futura em relação à situação das mulheres. Essa visão utópica sugere que Christine acredita na possibilidade de alcançar uma sociedade mais justa e igualitária para as mulheres ao longo do tempo, superando as injustiças do passado e do presente.

O caráter utópico surge do seu desejo de que todas as mulheres desfrutem de uma vida livre das restrições impostas pela mentalidade da época. Esse desejo utópico é direcionado à sociedade de Pizan. O "não lugar" da cidade imaginada por Pizan é uma cidade de refúgio. Nessa cidade, com a ajuda de três damas (Dama Razão, Dama Justiça e Dama Retidão), a narradora constrói uma cidade ideal com o propósito de proteger as mulheres das ameaças representadas pelo patriarcado. Portanto, Christine de Pizan assume a responsabilidade de construir a Cidade Utópica.

“Desse modo, bela filha, foi a ti concedido, entre todas as mulheres, o privilégio de projetar e de construir a Cidade das Damas. E, para realizar essa obra, apanharás água viva em nós três [Dama Razão, Dama Retidão e Dama Justiça], como uma fonte límpida; nós te entregaremos materiais tão fortes e mais resistentes do que o mármore fixado com cimento. Assim, tua Cidade será de uma beleza sem igual e permanecerá eternamente neste mundo.” (PIZAN, 2012, p. 67)

A própria personagem dita que é uma cidade guardada, deixando a entrever que é um desejo sem a pretensão de uma execução imediata, é um refúgio para a mente feminina. Uma cidade na qual houvesse razão, retidão e, não menos importante, justiça. Tomando como base a definição de utopia de Hilário Franco, o termo refere-se à inquietação causada pelo presente miserável, é uma forma de lançar as expectativas para o futuro.

"De fato utopia é a negação de um presente medíocre e sufocante, é o espaço futuro sem limites, sustentado pelo desejo, é sonho apaziguador de regresso a perfeição das origens, é reencontro do homem consigo mesmo. [...] De qualquer maneira, a imaginação

utópica é um produto da História que nega a História [...] A utopia é nostálgica, busca a harmonia edênica, é, portanto, um mito projetado no futuro." (FRANCO, 1992, p. 12,13)

Para Hilário Franco, a utopia não é uma verdade, mas uma ficção que permite às pessoas sonharem, pois não se trata de uma fantasia realizável, mas sim de um desejo de felicidade para aqueles que sofrem. A utopia é, portanto, um conceito ambíguo e multifacetado. Por um lado, é uma visão do futuro cheia de possibilidades infinitas, a realização de um sonho de perfeição. Por outro lado, é uma negação de um presente desfavorável e injusto, evocando um mundo ideal que nunca existiu, mas que pode servir como inspiração para buscar mudanças e melhorias.

Ao longo dos séculos, a busca por um mundo mais justo também motivou Juana Inés de Asbaje. Ela também instigou as mulheres a despertarem sua consciência sobre as desigualdades sociais e de gênero, estimulando a reflexão e a busca por mudanças. Ela criticava as normas sociais que limitavam as oportunidades das mulheres e defendia a igualdade intelectual e educacional entre homens e mulheres.

#### **4.3. A resposta a Sor Filotea de La Cruz e a busca por justiça**

Antes de tudo, é pertinente lembrar que no período Barroco mexicano certas restrições medievais em relação às mulheres estavam presentes, tais como o acesso limitado à educação, a restrição à vida profissional e as limitações nas relações matrimoniais. A mentalidade medieval ainda prevalecia na sociedade da escritora mexicana, de modo que suas reivindicações se assemelhavam às de Christine de Pizan. Entendemos que isso se deve aos arquétipos femininos que atravessaram os períodos históricos.

Da mesma forma que existiram mulheres medievais, como Pizan, que não se conformavam com as injustiças praticadas contra o sexo feminino, no século XVII, do outro lado do oceano, também viveram mulheres, como Juana Inés, que redefiniram o conceito de ser mulher. Consideramos que as semelhanças entre as referências a mulheres ilustres e a defesa das mulheres surgem a partir das vivências e leituras das autoras. No entanto, conjecturamos que não há uma intertextualidade direta entre as duas obras, mas uma ressonância, pois, como

já mencionado, ela se baseia nas mentalidades e não nas várias formas de intertextualidade.

Até o momento de nossa pesquisa, não encontramos nenhum relato de que Juana Inés tenha lido ou tido contato com as obras de Christine de Pizan, tampouco que soubesse falar francês, embora ela tenha aprendido outros idiomas:

“Aprendeu nahuatl, uma língua nativa, com os escravos da fazenda do avô, onde se plantava milho e mandioca. Aprendeu latim escutando as aulas que eram dirigidas às suas irmãs. Na Nova Espanha existiam dois caminhos para a educação: o dos clérigos e membros da Igreja; e o das universidades.” (MORENO; MORENO, 2014, p.13)

Além da sua língua nativa, o espanhol, ela aprendeu dois idiomas mais: o nahuatl e o latim, no entanto, o fato dela não saber francês ou não ter lido a obra medieval, não anula que ela não tivesse conhecimento de que na Idade Média havia mulheres intelectuais ou tivesse ouvido algo sobre Pizan, porém diante das informações nos inclinamos ao não contato direto de Juana Inés e as obras de Pizan, já que, a tradução da *Cidade das damas* para o latim e para espanhol foram realizadas após o falecimento da escritora mexicana.

“A primeira tradução, em flamengo, foi encomendada em 1475, por um *bourgmestre* (espécie de prefeito) belga, Louis de Bainster (British museum, Add. Ms. 20698). No século seguinte, apareceu a tradução inglesa *The boke of the Cyte of the Ladies*, por Brian Ansalay. E, apenas no século XX, o livro é traduzido para outras línguas e as traduções inglesa e holandesa são atualizadas: a inglesa, em 1982; holandesa, em 1984; as traduções francesa e alemã, em 1986; e nos anos 90, *La Cité* foi traduzida para o catalão, em 1990, espanhol, em 1995; e em italiano, 1997.” (CALADO, 2006, p.24)

De todas as formas, as obras *La cité des dames* e *La Respuesta a Sor Filoteia*, parecem dialogar, nas duas obras aparecem os mesmos nomes de mulheres ilustres, como veremos no próximo subcapítulo, além de usarem mecanismos similares para dar autoridade as suas obras e indagar sobre temas relevantes para as mulheres como: educação e profissão. Compartilhamos a mesma posição de Garretas (2019, p.27), em relação ao contato de Juana Inés e as Beguinias “Sería interesante saberlo, pero no importa”.<sup>47</sup> Garretas segue, “El saber y el conocimiento del alma se transmiten por otras vías, además de las textuales, iconográficas y del inconsciente colectivo junguiano.” Ainda assim, se

---

<sup>47</sup> Seria interessante saber, mas não importa.

faz possível encontrar a relação da poeta barroca com as medievais, Garretas (2019) “Alma, protagonista del sueño, es una figura destacadísima de mucha mística feminina medieval, siendo un ejemplo eminente el *Espejo de las Almas Simples* de la beguina y teóloga en la lengua materna Margarita Porete.”<sup>48</sup>

A obra "*Resposta a Sor Filotea de la Cruz*" é uma das obras mais conhecidas de Juana Inés de la Cruz. Foi escrita em 1691 como uma resposta a uma carta anônima que criticava Juana Inés por seu envolvimento intelectual e por buscar conhecimento em uma sociedade que esperava que as mulheres se dedicassem apenas a assuntos religiosos, em especial após a escrita da *Carta Atenagórica*. Alguns estudiosos apontam para uma possível conexão entre A poeta mexicana e Teresa D'Ávila, a religiosa e mística espanhola do século XVI.

“Nesse sentido, compreendo que Sor Juana articulou suas leituras anteriores, em especial Santa Tereza e Nicolau de Cusa, para usar a inferiorização de si mesma como um modo de se qualificar como uma pessoa dotada de humildade, qualidade necessária para se contrapor a um grande sábio.” (FERNANDES, 2022, p.147)

Reconhecemos que sim, é possível que, a poeta mexicana tenha feito uso dos ensinamentos de Teresa D'Ávila e utilizado seus textos como base retórica para construir sua própria obra sob um estilo e tom mais humilde. Nas argumentações da *Resposta a Sor Filotea de la Cruz*, a poeta mexicana adota um caráter acusador, mas ao mesmo tempo modesto. A habilidade de Juana Inés em adotar um tom acusador sem perder a essência de sua identidade literária permite que ela dê voz a suas convicções e posicionamentos com firmeza e sensibilidade. Ao que Fernandes esclarece:

“É o próprio estado de inferioridade construído ao longo dos textos que a tornava capaz de enfrentar seus interlocutores, pois permitiria que fosse dotada de humildade, o que um grande sábio nunca poderia provar pela sua grandeza, se reconheceu que sua atitude era atrevida, maior ainda teria sido o atrevimento de Vieira em criticar grandes doutores de Igreja Católica, como havia feito o jesuíta em seu sermão, de modo que o objetivo de Sor Juana era defendê-los.” (FERNANDES, 2022, p.142)

Em "*Resposta a Sor Filotea de la Cruz*", Juana Inés não defende seu direito e o direito das mulheres em geral de buscar o conhecimento e se envolver nas atividades intelectuais sem antes preparar o campo para que seus

---

<sup>48</sup> Alma, protagonista do sonho, é uma figura proeminente na mística feminina medieval, sendo um exemplo eminente o "Espelho das Almas Simples" da beguina e teóloga em língua materna Margarita Porete.

argumentos sejam aceitos, ela o faz usando a estratégia mencionada por Fernandes. Através da simulação de combate ao Padre Vieira, a poeta consegue chegar ao seu principal objetivo: argumentar que a educação não pode estar restrita ao gênero e que as mulheres têm o mesmo potencial intelectual que os homens. A décima musa<sup>49</sup> usa argumentos teológicos, filosóficos e históricos para sustentar sua posição e defender a importância da educação para as mulheres, em outras palavras, ela constrói um texto altamente filosófico histórico.

“Enquanto triunfava *Primer Sueño*, a Soror Juana era encomendada uma carta para que tratasse de sua opinião acerca do Sermão do Mandato do padre Antonio Vieira; enquanto alcançavam sucesso popular nas igrejas da colônia seus villancicos, a carta era publicada à sua revelia e a ela titularam Carta Athenagórica – igualmente à revelia da autora; enquanto se alvorçavam no convento as irmãs de caridade contemporâneas da musa pelos escritos de *El divino Narciso*, a poeta da América adocece e escreve sua *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz*, sua autodefesa pelo alvoroço causado pela publicação da Carta Athenagórica.” (TABOSA, 2020, p. 92).

Ao responder as críticas direcionadas a ela e às mulheres, a escritora barroca, mesmo sabendo que não existe nenhuma Filotéia ao seu redor, direciona a carta em nome desse pseudônimo. Segundo Octavio Paz (1982) não há um nome único para o remetente da carta, há uma hipótese que a crítica foi elaborada por vários religiosos, o que faria da poeta ainda mais especial, pois ela conseguiu responder majestosamente cada crítica que a incomodou.

“No han llegado hasta nosotros sino ecos de esa polémica y unos cuantos documentos directos; sin embargo, por lo que nos cuenta la *Respuesta*, sabemos que intervinieron varios clérigos y que algunos la atacaron con saña y sin miramientos por su doble calidad de mujer y de religiosa.” (PAZ, 1982, p.534)<sup>50</sup>

Embora Paz tenha sugerido a participação de vários clérigos no escrito, há outras hipóteses também abordadas por ele que, a pessoa por trás das imposições direcionada a poeta é o bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz. Este era o bispo de Puebla na época em que a carta foi escrita, e

---

<sup>49</sup> De início, Sor Juana é concebida como musa, termo coerente com suas inclinações literárias. Cada publicação sua é recebida com elogios hiperbólicos, algo natural em uma época em que aclamações superlativas são lugar-comum da cortesia. De musa vai à pitonisa, de pitonisa à Fênix e, portanto, de peça de museu a monstro. (PEDROSA, 2016, p.85)

<sup>50</sup> Não nos chegaram senão ecos dessa polémica e alguns poucos documentos diretos; no entanto, pelo que nos conta a "*Resposta*", sabemos que vários clérigos intervieram e que alguns a atacaram de forma implacável e sem restrições, devido à sua dupla condição de mulher e religiosa. (Tradução nossa).

ele tinha uma postura conservadora em relação às mulheres e à educação feminina.

“¿quién era el destinatario de la Carta de sor Juana? Un contemporáneo de los hechos respondería: “por sabido se calla”. En efecto, era un secreto a voces: sor Filotea de la Cruz y el destinatario de la Carta eran una sola y la misma persona, el obispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz. Él también fue el autor de la *Aprobación* del escrito. Sólo el destinatario podía divulgar la Carta y sólo un destinatario que tuviese el alto rango del obispo podía atreverse a publicarla. La razón de esconderse bajo un pseudónimo femenino aparecerá dentro de poco.” (PAZ, 1982, p.520)<sup>51</sup>

O fato de o bispo ser o principal suspeito da carta, não significa que ele não tenha se aconselhado com outros clérigos para melhorar os seus argumentos em resposta à carta Atenagórica. Após os estudos de Paz, outros teóricos da poeta julgam a autoria de acordo com Paz.

“El origen de la Respuesta es el siguiente: el obispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz, anunciándole que <<he visto la carta de V. md. En que impugna las finezas de Cristo que discurrió el Reverendo Padre Antonio de Vieira en el Sermón del Mandato... Para que V. md. Se vea en este papel de mejor letra, le he impreso>>.” (BOIXO, 1997, p.14).<sup>52</sup>

Apesar das conjeturas, é importante ressaltar que a identidade do autor da carta não foi confirmada de forma conclusiva. A carta foi escrita anonimamente, e há debates e diferentes interpretações entre os estudiosos sobre quem a teria escrito. A discussão em torno da identidade do autor da carta não diminui a importância da resposta de Juana Inés de la Cruz.

Paz aponta que a escolha do pseudónimo é oriundo da obra “*Filotéia*” de São Francisco de Sales<sup>53</sup> que foi escrita para ser uma espécie de guia espiritual

---

<sup>51</sup> Quem era o destinatário da Carta de Sor Juana? Um contemporâneo dos eventos responderia: “O conhecido mantém silêncio”. De fato, era um segredo aberto: Sor Filotea de la Cruz e o destinatário da Carta eram uma única e mesma pessoa, o bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz. Ele também foi o autor da Aprovação do escrito. Somente o destinatário poderia divulgar a Carta e somente um destinatário com a alta posição do bispo poderia se atrever a publicá-la. A razão para se esconder sob um pseudónimo feminino será revelada em breve. (Tradução nossa).

<sup>52</sup> A origem da Resposta é a seguinte: o bispo de Puebla, Manuel Fernández de Santa Cruz, informando que <<vi a carta de Vossa Mercê na qual contesta as sutilezas de Cristo que o Reverendo Padre Antônio Vieira discorreu no Sermão do Mandamento... Para que Vossa Mercê possa se ver neste papel em letra melhor, eu a imprimi>>”. (Tradução nossa)

<sup>53</sup> Francisco de Sales foi um teólogo e escritor conhecido por suas obras sobre espiritualidade e vida cristã. Ele desempenhou um papel importante na história da Igreja Católica, sendo um defensor da contrarreforma, o movimento que procurava revitalizar e reformar a Igreja como resposta às críticas e desafios do protestantismo. “Filoteia” é o título de uma das principais obras de Francisco de Sales, chamada “Filoteia ou Introdução à Vida Devota”, escrita em 1608. Neste livro, ele aborda a espiritualidade e a vida cristã para todos os fiéis, não apenas para os religiosos.

que aborda a vida devota e a busca pela santidade no cotidiano. O livro é escrito em forma de diálogo entre Filotéia, que representa a alma em busca de Deus, e Francisco de Sales, o diretor espiritual. “Dirijo minhas palavras a Filotéia, porque Filotéia significa uma alma que ama a Deus e é para essas almas que escrevo.” (SALES, 1959, p.16). A interação entre Filotéia e São Francisco de Sales aborda uma ampla gama de tópicos relacionados à vida espiritual, incluindo a importância da oração, o cultivo das virtudes, a superação dos desafios espirituais, a reconciliação com Deus e a busca do amor divino. Dessa maneira, podemos interpretar que a escolha do pseudônimo não foi casual.

A intenção dos clérigos era orientar Juana Inés a viver como Juana Inés, uma religiosa dedicada às tarefas do convento (BOIXO, 1997, p.14). “El resto de la misiva del obispo es una reconvención a SJ para que se aplique al estudio de las letras divinas en vez de a las humanas.”<sup>54</sup> A carta era uma tentativa de impor limitações a poeta e incentivá-la a abandonar seus estudos e escritos, dedicando-se exclusivamente à vida religiosa. No entanto, vale lembrar que Juana Inés ingressou no convento com a intenção de escrever sem tantos obstáculos, uma escolha frequente desde a Idade Média.

“Com relação à escolha por uma forma de vida em que o centro dos interesses fosse de cunho religioso, esta era uma prática muito frequente no período medieval [...]. As razões para estas escolhas poderiam ser as mais diversas, dentre elas, por exemplo, o possível desejo de um exercício intelectual sem que exigências da vida secular fossem um entrave. Neste contexto (o dos possíveis entraves) estavam situados o casamento, a dificuldade de acesso aos estudos, a necessidade de gerir propriedades ou de assumir um ofício, a participação direta nos campos de guerra, entre outras. Vicência tão comuns à época. Com o passar do tempo, a opção de ingresso em um convento tornou-se uma possibilidade muito buscada, especialmente pelas mulheres.” (LIMA, 2014, p.23)

Ingressar em um convento oferecia às mulheres a oportunidade de buscar uma vida espiritual mais dedicada, de acesso à educação e ao conhecimento, e de se envolver em atividades intelectuais, assim como na Idade Média europeia, a mesma escolha eram feitas pelas mulheres americanas do período posterior. Essa escolha de vida religiosa também oferecia às mulheres um certo grau de autonomia e liberdade em relação às estruturas patriarcais da sociedade da

---

<sup>54</sup> "O restante da carta do bispo é uma repreensão a SJ para que se dedique ao estudo das letras divinas em vez das humanas."

época. Apesar de ainda estarem sujeitas às regras e regulamentos impostos pelas autoridades eclesiásticas.

À medida que os escritos de Juana Inés de la Cruz ganharam mais visibilidade e circulação além dos limites do convento, ela passou a enfrentar maiores observações e críticas. Sua notoriedade como escritora e intelectual despertou a atenção de autoridades eclesiásticas e intelectuais, levando a uma intensificação da vigilância e dos ataques contra ela. Apesar dessas pressões e do aumento das críticas, a décima musa não se deixou abater. Pelo contrário, ela usou sua retórica e habilidades intelectuais para se defender e responder às acusações e críticas que lhe eram dirigidas.

Sua obra "*Resposta a Sor Filotea de la Cruz*" é um exemplo claro disso, onde ela elabora argumentos sólidos e eloquentes para defender seu direito à busca do conhecimento e à atividade intelectual. Sor Juana demonstrou grande coragem e determinação ao confrontar as restrições impostas às mulheres da época, desafiando as normas sociais e religiosas que buscavam limitar sua participação no mundo intelectual. Ela utilizou sua retórica e escrita como armas poderosas para defender suas ideias e direitos, mesmo enfrentando oposição e censura. Ela relata, inclusive, que seu desejo pelas letras surgiu desde muito cedo.

“Prosiguiendo en la narración de mi inclinación, de que os quiero dar entera noticia, digo que no había cumplido los tres años de mi edad cuando enviando mi madre a una hermana mía, mayor que yo, a que se enseñase a leer en una de las que llaman Amigas, me llevó a mí tras ella el cariño y la travesura; y viendo que la daban lección, me encendí yo de manera en el deseo de saber leer, que, engañando, a mi parecer, a la maestra, la dije que mi madre ordenaba me diese lección. Ella no lo creyó, porque no era creíble; pero, por complacer al donaire, me la dio.” (CRUZ, 2006, p.4)<sup>55</sup>

Como defesa, ela argumenta que sua inclinação vai além dela, é algo divino. Com isso, defende a ideia de que as habilidades intelectuais não são exclusivas dos homens, mas são dadas por Deus a todas as pessoas, independentemente de seu gênero. Ao afirmar que sua inclinação intelectual é

---

<sup>55</sup> Continuando na narrativa da minha inclinação, da qual desejo dar-lhes uma notícia completa, digo que eu ainda não havia completado três anos de idade quando minha mãe enviou uma das minhas irmãs mais velhas para aprender a ler em uma das escolas chamadas de "Amigas". Eu fui levada junto com ela por afeto e travessura; e ao ver que estavam dando lição a ela, acendi em um desejo de saber ler de tal maneira que, enganando, aos meus olhos, a professora, disse-lhe que minha mãe ordenava que me desse a lição. Ela não acreditou, pois não era crível, mas para agradar ao capricho, me deu a lição. (Tradução nossa).

divina, Sor Juana busca reivindicar sua vocação como uma dádiva de Deus e, portanto, algo que não deve ser suprimido ou desvalorizado.

“El escribir nunca ha sido dictamen propio, sino fuerza ajena; que les pudiera decir con verdad: Vos me coegistis. Lo que sí es verdad que no negaré (lo uno porque es notorio a todos, y lo otro porque, aunque sea contra mí, me ha hecho Dios la merced de darme grandísimo amor a la verdad) que desde que me rayó la primera luz de la razón, fue tan vehemente y poderosa la inclinación a las letras, que ni ajenas reprensiones --que he tenido muchas--, ni propias reflejas --que he hecho no pocas--, han bastado a que deje de seguir este natural impulso que Dios puso en mí.” (CRUZ, 2006, p.3-4)<sup>56</sup>

Ela utiliza esse argumento para defender sua busca pelo conhecimento e sua dedicação às atividades intelectuais, apesar das críticas e restrições. Sor Juana desafia as normas sociais e religiosas que limitavam o papel das mulheres na esfera intelectual, reafirmando sua própria postura e dignidade como mulher intelectual. Ela sustenta que seu chamado para o conhecimento é um reflexo do propósito divino em sua vida e, portanto, merece ser respeitado e encorajado.

Em sua retórica ela deixa claro que o fato dela se dedicar à leitura e à escrita, não significa que ela tenha abandonado o seu exercício como mulher esperado pela mentalidade da sua época. Essa abordagem de Sor Juana desafia as expectativas tradicionais sobre o papel das mulheres em sua época, defendendo sua capacidade de se dedicar à busca do conhecimento e às atividades intelectuais sem se afastar de sua feminilidade e das responsabilidades associadas a ela. (CRUZ, 2006 ,p.5) “Teniendo yo después como seis o siete años, y sabiendo ya leer y escribir, con todas las otras habilidades de labores y costuras que deprenden las mujeres, oí decir que había Universidad y Escuelas en que se estudiaban las ciências.”<sup>57</sup>

Além de conhecer e praticar atividades domésticas interpretadas como femininas, na vida adulta e religiosa ela também se defende argumentando que

---

<sup>56</sup> "Escrever nunca foi uma escolha própria, mas uma força externa; eu poderia dizer a vocês com sinceridade: 'Vocês me forçaram.' O que é verdade, e não negarei (um porque é notório para todos, e o outro porque, mesmo contra mim, Deus me fez o grande favor de me dar um profundo amor pela verdade), é que, desde que a primeira luz da razão me tocou, a inclinação pelas letras foi tão intensa e poderosa que nem repreensões alheias - das quais tive muitas - nem autorrepreensões - das quais tive não poucas - foram suficientes para me fazer abandonar esse impulso natural que Deus colocou em mim."

<sup>57</sup> "Quando eu tinha cerca de seis ou sete anos, e já sabendo ler e escrever, juntamente com todas as outras habilidades de trabalhos e costuras que as mulheres aprendem, ouvi dizer que havia uma Universidade e Escolas onde se estudavam as ciências." (Tradução nossa).

não deixa de lado os afazeres religiosos. “Y esto es continuamente, porque como los ratos que destino a mi estudio son los que sobran de lo regular de la comunidad, esos mismos les sobran a las otras para venirme a estorbar;” Juana Inés usa o seu tempo de descanso para estudar, enquanto algumas irmãs o usam ao seus gostos, como por exemplo, incomodá-la. (CRUZ, 2006, p.8).

Na obra, Sor Juana Inés de la Cruz demonstra um poder argumentativo impressionante. Ela utiliza uma variedade de estratégias retóricas para elaborar argumentos sólidos e persuasivos em defesa de sua busca pelo conhecimento e sua prática da escrita. Para isso, recorre a citações de autores renomados, referências bíblicas e exemplos da tradição intelectual para reforçar suas afirmações e demonstrar sua erudição. A sua retórica se assemelha muito a de Christine de Pizan, ambas chegam a citar, em alguns momentos, os mesmos nomes e exemplos, a fim de defender as mulheres intelectuais.

No próximo subcapítulo apresentaremos algumas semelhanças entre "*La respuesta*" e "*A cidade das damas*", as quais desafiaram as normas sociais e as restrições impostas às mulheres em suas respectivas épocas. Ambas as autoras utilizam argumentos e exemplos convincentes para reivindicar a igualdade de gênero, destacando a capacidade intelectual e o potencial das mulheres.

#### **4.4. Aproximações entre A cidade das damas e A resposta**

Como dito anteriormente, Christine de Pizan foi uma das primeiras mulheres a ter a escrita como profissão, através de seu trabalho, Christine de Pizan defendeu ativamente a capacidade das mulheres de se envolverem com a escrita e o conhecimento intelectual. Não muito distante de consciência, mas cronologicamente e geograficamente distantes, Juana Inés, assim como Pizan, torna-se pioneira em debates públicos sobre o papel das mulheres na sociedade. Conforme CALADO (2015) ambas autoras foram percussoras do feminismo em seus continentes. A partir do movimento "*Querelle des femmes*", protagonizado por Christine de Pizan, a América também o vivenciou com a escrita e postura de Juana Inés.

Na "*Querelle des femmes*", Pizan questionou os estereótipos e preconceitos contra as mulheres e se argumentou a favor de sua igualdade intelectual e social. Ela defendeu a capacidade das mulheres de se envolverem

na escrita e no conhecimento intelectual, e suas obras foram fundamentais para promover a conscientização e a mudança nas atitudes em relação às mulheres em sua época. Da mesma forma, Sor Juana Inés de la Cruz, na América Latina do século XVII, também se destacou por suas contribuições literárias e por sua defesa da igualdade de gênero. Ela desafiou as normas sociais que limitavam as mulheres e reivindicou seu direito de buscar o conhecimento e se envolver nas atividades intelectuais. Ambas as autoras tinham inquietações e retórica suficiente para defender o gênero feminino, principalmente, no quesito da vida intelectual.

As semelhanças entre as obras são abundantes, desde o ambiente das escritas até a retórica apresentada. No entanto, para não nos estendermos muito, vamos apontar pelo menos três semelhanças: a importância da educação para as autoras, as menções às mulheres feitas pelas autoras e a autoridade das obras das escritoras.

Ambas as autoras reconheciam a importância da educação para as mulheres, não apenas como um meio de ampliar suas perspectivas pessoais, mas também como uma forma de desafiar as normas sociais e lutar por igualdade de oportunidades. Suas preocupações em relação aos estudos das mulheres refletiam uma consciência aguda sobre as restrições e desigualdades enfrentadas por elas em suas respectivas sociedades. Elas viam o acesso à educação como algo justo, de maneira que não deveria ser reservado apenas aos homens. Juana Inés, por exemplo, afirmava que nem todo ser estava apto para usar a educação com sabedoria:

“[...] los hombres, que con sólo serlo piensan que son sabios, se había de prohibir la interpretación de las Sagradas Letras, en no siendo muy doctos y virtuosos y de ingenios dóciles y bien inclinados; porque de lo contrario creo yo que han salido tantos sectarios y que ha sido la raíz de tantas herejías; porque hay muchos que estudian para ignorar, especialmente los que son de ánimos arrogantes, inquietos y soberbios.” (CRUZ, 2006, p.15)

Com essa afirmação, Sor Juana está questionando a visão exclusivista e autoritária dos homens em relação à interpretação das escrituras e destacando a importância de uma abordagem mais educada, virtuosa e humilde na busca do conhecimento religioso. Ela está sugerindo que a pretensão intelectual e a falta de virtude podem levar a interpretações distorcidas e à propagação de ideias

heréticas difundida por homens que acreditam ser sábios. Uma constatação que a autora expõe mais de uma vez, como podemos revisualizá-la no poema *Grande duquesa de Aveyro*:

“claro honor de las mujeres,  
de los hombres docto ultraje,  
que probáis que no es el sexo  
de la inteligencia parte;”  
(CRUZ,1997,p.186)<sup>58</sup>

Além da denúncia, ao criticar a suposta superioridade intelectual masculina baseada apenas no gênero, Sor Juana desafia as normas sociais e questiona o sistema de desigualdade que restringe o acesso das mulheres ao conhecimento. Sua posição reflete uma consciência aguda das injustiças enfrentadas pelas mulheres em sua época e é um exemplo poderoso de sua postura combativa em defesa dos direitos das mulheres e da igualdade de gênero.

Ela, como mulher, precisou provar inúmeras vezes que merecia o acesso à educação, testes que não eram realizados comumente com os homens da sua época. Desde a corte, como mencionado no capítulo um desta dissertação, antes do seu ingresso ao convento, ela teve os seus conhecimentos testados, as suas respostas apenas confirmaram a sua capacidade intelectual em áreas consideradas específicas de intelectuais, como a matemática e a filosofia.

No tocante a escritora franco-italiana, esta apresentava uma concepção de uma educação ampla, segundo Calado (2006, p.87), uma educação que poderia estar para além do ensino. A própria nomeação das personagens alegóricas: Razão, Retidão e Justiça, corroboram para uma ideia de educação superior. Ao nomear essas personagens alegóricas, Christine de Pizan reforça a importância de uma educação que vai além do mero acúmulo de conhecimentos. Ela destaca a necessidade de cultivar o pensamento crítico, a retidão moral e o senso de justiça como elementos fundamentais para o crescimento intelectual e pessoal das mulheres. Essa visão de educação superior proposta por Christine de Pizan reflete seu compromisso em promover a igualdade de gênero e a valorização das mulheres como seres pensantes e

---

<sup>58</sup> Claro honra das mulheres, /dos homens, ultraje culto, /que demonstrais que o sexo /não é parte da inteligência;

capazes de contribuir para a sociedade por meio de sua educação e conhecimento.

“Tudo isso é consequência de não aprender, apesar de que, como já disse, entre os homens e entre as mulheres, uns são mais inteligentes do que outros. Para ilustrar a tese de que a inteligência das mulheres é semelhante a dos homens, te citarei algumas mulheres de profundo saber e de grandes faculdades intelectuais.” (PIZAN, 2006, p.177)

Segundo Santos (2021, p.801) Pizan buscava explicar em *A cidade das damas* a falta de mulheres nas universidades e os porquês de uma ausência intelectual feminina. Em Juana Inés, também há uma defesa das mulheres e uma denúncia sobre a proibição do acesso das mulheres às universidades, sendo está de acesso apenas para o gênero masculino.

“Oí decir que había Universidad y Escuelas en que se estudiaban las ciencias, en Méjico; y apenas lo oí cuando empecé a matar a mi madre con instantes e importunos ruegos sobre que, mudándome el traje, me enviase a Méjico, en casa de unos deudos que tenía, para estudiar y cursar la Universidad; ella no lo quiso hacer, e hizo muy bien, pero yo despiqué el deseo en leer muchos libros varios que tenía mi abuelo, sin que bastasen castigos ni reprensiones a estorbarlo;” (CRUZ, 2006, p.3)

Sor Juana Inés de la Cruz, de fato, tinha plena consciência de suas próprias habilidades intelectuais e de seu potencial como mulher no campo acadêmico. Ela reconhecia que o principal obstáculo para ela acessar o espaço universitário não estava em sua capacidade intelectual, mas sim nas restrições sociais e de gênero da época e, de certa maneira, expôs a irracionalidade nas regras presentes na mentalidade da época, em outras palavras, assim como Joana D’Arc, ela poderia haver burlado o sistema apenas mudando a sua aparência feminina.<sup>59</sup>

As escritoras constroem as suas obras sob uma defesa constante das mulheres, e para isso usam exemplos de mulheres reais para corroborar as suas justificações. Na obra "*A cidade das damas*", apresenta uma série de exemplos de mulheres virtuosas e notáveis da história, literatura e mitologia, destacando suas realizações e habilidades. Ela utiliza esses exemplos para mostrar que as

---

<sup>59</sup> Neste sentido, outro caso que chama a atenção é o de Catalina de Erauso. Esta se fugiu do convento na Espanha em direção a América transvestida de homem para conquistar a liberdade que o sexo oposto gozava. (MAIA, 2013, p.2)“No início do século XVII, uma “mulher”, de aproximadamente 15 anos –hoje a chamaríamos de adolescente –, “travestida” de homem ousou fugir de um convento no qual havia sido internada desde os quatro anos de idade, para se tornar um dos mais valentes e sanguinários soldados do Império Espanhol nas Américas.”

mulheres são capazes de grandes feitos e que têm o potencial de alcançar a excelência em diversos campos.

“Se alguns estavam querendo dizer que as mulheres não tinham entendimento suficiente para aprender as leis, a experiência prova justamente o contrário. Como será dito depois, tem-se conhecimento de numerosas mulheres do passado e do presente, que foram grandes filósofas e aprenderam ciências bem mais difíceis e nobres do que as leis escritas e os estatutos dos homens. Por outra parte, se estavam querendo afirmar que as mulheres não têm nenhuma vocação natural para a política e a ordem pública, poderia citar-te exemplos de várias mulheres ilustres que reinaram no passado.” (PIZAN, 2006, 147)

Da mesma forma, Sor Juana Inés de La Cruz também recorre a exemplos de mulheres fora dos arquétipos tradicionais. Em "*La Respuesta a Sor Filotea de la Cruz*" aparecem mulheres da Bíblia, da história e da mitologia para ilustrar a importância e a contribuição das mulheres ao longo do tempo. Esses exemplos servem como evidência para sua defesa da igualdade de gênero e para desafiar as visões tradicionais que limitavam as mulheres em sua busca pelo conhecimento e realização intelectual.

“Porque veo a una Débora dando leyes, así en lo militar como en lo político, y gobernando el pueblo donde había tantos varones doctos. Veo una sapientísima reina de Sabá, tan docta que se atreve a tentar con enigmas la sabiduría del mayor de los sabios, sin ser por ello reprendida, antes por ello será juez de los incrédulos. Veo tantas y tan insignes mujeres: unas adornadas del don de profecía, como una Abigail; otras de persuasión, como Ester; otras, de piedad, como Rahab; otras de perseverancia, como Ana, madre de Samuel; y otras infinitas, en otras especies de prendas y virtudes.” (CRUZ, 2006, 14)

Em algumas dessas defesas o intuito das citações é o mesmo: defender a mulher como um ser pensante e sábio, assim como, contestar os arquétipos negativos sobre as mulheres. Nesta defesa, há momentos em que as autoras coincidem na escolha de certas figuras femininas que exemplificam as capacidades intelectuais e conquistas das mulheres. Tais exemplos incluem mulheres da história, mitologia, literatura ou mesmo figuras religiosas. Ao citar esses nomes femininos, as autoras buscam mostrar a diversidade de mulheres talentosas e influentes ao longo do tempo.

Pizan e De la Cruz, relembram que na mitologia romana a representação da sabedoria era uma mulher: Minerva. A referência à figura mitológica de Minerva (Atenas na mitologia grega) funciona como uma representação da sabedoria associada às mulheres. “E Minerva, também graças à sua sabedoria,

forneceu à humanidade tantas coisas necessárias, como as vestes de lã, que antes todos andavam apenas com peles de animais.” (PIZAN, 2006, p.192). No mesmo tom de Pizan, de la Cruz aponta algo que o Barroco conhecia e aceitava: as mitologias, mas não aplicavam em sua sociedade. “Vejo adorar por diosa de las ciencias a una mujer como Minerva, hija del primer Júpiter y maestra de toda la sabiduría de Atenas.” (CRUZ, 2006, p.14)

Ao mencionar Minerva, tanto Pizan quanto De la Cruz destacam a presença histórica e mitológica de figuras femininas associadas à sabedoria, refutando assim a ideia de que as mulheres são intrinsecamente desprovidas de intelecto ou não são capazes de alcançar a sabedoria. A menção de uma mulher mitológica, demonstra que as autoras tinham vasto conhecimento sobre o seu gênero, conhecimento esse desde a antiguidade.

Elas também mencionaram mulheres reais da história que desafiaram as convenções e contestaram homens. Essas referências são uma forma de destacar a presença de mulheres corajosas e intelectualmente engajadas, que não se conformaram com os papéis tradicionalmente atribuídos a elas e buscaram uma igualdade de oportunidades e reconhecimento. Um dos exemplos presentes nas duas obras é o de Leoncia. “Poderei falar-te durante muito tempo sobre outras mulheres de grande erudição: a grega Leonzio, por exemplo, foi uma filósofa tão hábil que resolveu repreender e refutar com argumentos claros e justos o filósofo Teofrates, tão ilustre em seu tempo.” (PIZAN, 2006, p.181). O que nos chama atenção é o fato dessa obra de Leonzio para Pizan ou Leoncia para Juana Inés não ser muito conhecida e que esta tenha tido conhecimento do episódio. “A una Leoncia, griega, que escribió contra el filósofo Teofrasto y le convenció.” (CRUZ, 2006, p.14).

Atualmente, com todos os mecanismos de pesquisa que possuímos não é fácil encontrar informações sobre a grega que refutou um filósofo renomado. Este fato apenas testifica que tanto Pizan como De la Cruz tinham um conhecimento profundo sobre a história, uma história além da convencional, podemos afirmar que elas não apenas liam e escreviam, elas eram pesquisadoras.

Em seus escritos igualmente aparecem mulheres bíblicas como Ester e Débora. Em Pizan, Ester e Débora aparecem como salvadoras, mulheres que libertaram o seu povo da escravidão. “Deus escolheu mais uma mulher, a nobre

e sábia rainha Ester, para libertar o seu povo da escravidão do rei Assuero.” (PIZAN, 2006, p. 252) e Débora como profetiza: “Débora, profetiza no tempo dos Juízes de Israel. O povo de Deus, que havia vivido vinte anos de escravidão sob o julgo do réu de Canaã, conseguiu livrar-se pelo senso prático daquela mulher.” (2006, p. 214)

Em CRUZ (2006 p.14), Ester é apresentada como uma mulher dotada de persuasão e Débora como intelectual, “Porque veo a una Débora dando leyes, así en lo militar como en lo político, y gobernando el pueblo donde había tantos varones doctos.” (CRUZ, 2006, p.14). A partir das palavras da autora, podemos verificar que além da exaltação dos feitos da personagem, de la Cruz busca esclarecer que Débora agiu majestosamente entre homens.

Ao referir-se a Ester, as autoras destacam a capacidade das mulheres de exercer poder e influência, contrariando a ideia de que elas são passivas ou incapazes de assumir um papel ativo na sociedade. Na mesma linha, ao citar Débora, Pizan e De la Cruz ressaltam a presença de mulheres na esfera política e na tomada de decisões, refutando a ideia de que as mulheres são inadequadas para tais funções.

Durante toda a obra "*A cidade das damas*" e "*Resposta a Sor Filotea de la Cruz*", as autoras mencionam nomes de mulheres que, em alguns momentos, coincidem e, em outros, mencionam mulheres que eram contemporâneas ou temporalmente mais próximas de suas obras. Por exemplo, Christine de Pizan cita "Isabel de Baviera, que reina no presente, pela graça de Deus. Nela, não se vê nenhuma marca de crueldade, extorsão ou qualquer outro vício, apenas amor e bondade para com os seus subordinados." (PIZAN, 2006, p.314). Já a escritora Barroca cita as virtudes de Paula. “Y para no buscar ejemplos fuera de casa, veo una santísima madre mía, Paula, docta en las lenguas hebrea, griega y latina y aptísima para interpretar las Escrituras.” (CRUZ, 2006, p.15)

É inegável que as autoras demonstraram um amplo conhecimento sobre mulheres históricas e contemporâneas em suas respectivas obras. Isso mostra que ambas as autoras se dedicaram a estudar e pesquisar a contribuição das mulheres ao longo da história, bem como a se manterem informadas sobre as mulheres de sua própria época. Essas menções além de promover reconhecimento e justiça para as mulheres das épocas, também deram autoridade aos seus escritos.

Tanto Christine de Pizan quanto Sor Juana Inés de la Cruz recorrem a autoridades e referências em suas obras para fortalecer seus argumentos e dar respaldo às suas ideias. Essa estratégia é comum nos textos de natureza argumentativa das autoras. Um dos pontos similares, como já vimos, foi recorrer a mulheres exemplares da história, seja real ou mitológica e a outra é suscitar nos textos um caráter divino.

Em Pizan as alegorias denotam um apropriado aspecto elevado. É certo que as três damas têm um ar superior, elas estão para além da personagem de Pizan, esta funciona apenas como uma serva daquela, a presença de três soberanas promove no texto uma certa autoridade.

“Afim tais damas seriam como um “exemplo concreto e modelo vivo para todas as mulheres, por que a posição de superioridade social que Deus lhes concebeu obriga-as [...] a um respeito mais rigoroso das normas morais” (CASAGRANDE, 1998, p. 108).

No entanto, a afirmação de que a Justiça está em Deus e Deus está nela sugere uma conexão íntima e inseparável entre os dois. Isso enfatiza a ideia de que a Justiça é um atributo divino e que sua aplicação correta é fundamental para uma sociedade justa. A figura que segura uma taça de ouro, na qual está gravada a flor-de-lis da Trindade, parece ser a mais enaltecida entre elas. Ao expressar uma ligação direta com o divino, ela se posiciona de forma especial e adquire autoridade.

A criação de damas elevadas e ligadas a um ser superior deu força aos questionamentos e argumentos apresentados por Pizan. É válido ressaltar que a ideia de autoria vem desde a Era clássica relacionada ao termo *auctoritas* (autoridade). Na Idade Média esta imagem em relação ao autor permanecia viva.

“A referência às *auctoritas* é parte integrante da estratégia narrativa de Christine de Pizan e traz à tona todo um processo que concorre para garantir a veracidade de sua obra. É necessário estar atento aos livros, às autoridades, e aos relatos dos antigos, exatamente da forma como Christine desenvolve sua obra. Esta tática retórica permite contar as histórias com o seu próprio status de criador de uma narrativa. Ainda inexistente, na Idade Média, a noção de autoria, como nós a conhecemos.” (SANTOS, 2018, p.42)

A competência de Christine de Pizan como escritora fez transparecer no texto o caráter desejado de autoridade, deu as suas palavras poder para suscitar no leitor a fantasia e a sensação que sim seria possível a construção de uma cidade para damas. Embora, intimamente, sabemos que é apenas uma cidade

utópica, um desejo de mudança e de justiça para com as mulheres. A obra foi e é significativa para a preservação e desenvolvimento da utopia como um ideal social que leva em consideração o sexo feminino.

“Nossa cidade está aqui construída e perfeita, na qual, com grande honra, todas vocês, que amam a glória, a virtude e a notoriedade, poderão hospedar-se; pois ela foi fundada e construída para todas as mulheres honradas – as do passado, as do presente e as do futuro.” (PIZAN, 2012, p. 338)

Podemos deduzir que ao se referir às mulheres honradas dos três tempos: presente, passado e futuro, um dos intuitos da obra foi reconhecer as mulheres do passado, despertar as do presente e projetar um mundo justo para as do futuro. Partindo ainda dessa passagem, na sua visão um mundo justo não pode ser alcançado simplesmente pela identidade de gênero, mas enfatiza a importância da capacitação, a citação destaca que a mulher precisa ter as ferramentas necessárias para se envolver plenamente na sociedade e ter seu potencial realizado, em outras palavras, não basta ser mulher, precisa ser capacitada, assim como as mulheres citadas na obra.

Da mesma forma, Sor Juana Inés de la Cruz estabelece uma conexão entre seu texto e o divino logo no início da carta. Como explanamos no início deste capítulo, De la Cruz se defende afirmando que a sua inclinação às letras está presente nela desde sua infância e é algo divino, uma espécie de missão, de dom. No transcorrer da obra ela reforça essa conexão:

“Si son culpa, por la misma razón creo que no la he tenido; mas, con todo, vivo siempre tan desconfiada de mí, que ni en esto ni en otra cosa me fío de mi juicio; y así remito la decisión a ese soberano talento, sometiéndome luego a lo que sentenciare, sin contradicción ni repugnancia, pues esto no ha sido más de una simple narración de mi inclinación a las letras.” (CRUZ, 2006, p.14)<sup>60</sup>

Ao afirmar que sua inclinação para as letras é apenas uma narrativa e que ela não confia cegamente em seu próprio julgamento, Sor Juana busca evitar conflitos ou oposição direta, ao mesmo tempo em que reafirma sua dedicação à busca do conhecimento e seu compromisso com a escrita. Da mesma maneira,

---

<sup>60</sup> Se são falhas, pela mesma razão creio que não as tive; no entanto, mesmo assim, vivo sempre tão desconfiada de mim que, nem nisso nem em outra coisa, confio em meu juízo. Portanto, deixo a decisão para esse soberano talento, submetendo-me ao que ele sentenciar, sem contradição ou repugnância, pois isso não passou de uma simples narrativa de minha inclinação às letras.

além de aludir o seu anseio a algo soberano ela também se exime de qualquer culpa.

Quando alegam que a sabedoria vem de Deus ou de um poder superior, elas colocam sua mensagem em um contexto espiritual e transcendente, dando-lhe um peso adicional. Isso também pode ser uma estratégia retórica para apelar àqueles que valorizam a religião e a autoridade divina, buscando legitimar suas ideias e convencer os leitores. Vale lembrar que aos leitores contemporâneos que as autoras eram, em sua maioria, religiosas. Como dito anteriormente o poder estava nas mãos da aristocracia e dos clérigos.

Neste subcapítulo, concluímos que a necessidade percebida pelas mulheres, como as autoras das obras que compõem este trabalho, é resultado de resíduos que foram perpetuados e outros reproduzidos em suas respectivas épocas. Esses resquícios, por vezes negativos e por vezes positivos, moldaram a sociedade e a produção literária das autoras. Essa residualidade permitiu que ambas as autoras enxergassem sua história no presente, baseando-se em seus conhecimentos adquiridos através das leituras e reflexões sobre o passado. Inconscientemente, elas sentiram as marcas desses resquícios no presente e, ao mesmo tempo, buscaram mitigar os aspectos negativos deles através da utopia, visando um futuro mais promissor e livre dessas “influências” indesejadas.

No próximo e último capítulo, continuaremos a discutir as obras "*Cidade das damas*" e incluiremos o terceiro corpus de Juana Inés intitulado "*Homens néscios*". Neste último capítulo, a utopia será o tema central em destaque. Exploraremos como as autoras abordaram e desenvolveram a ideia de utopia em suas obras, analisando as visões e críticas apresentadas em relação à sociedade e às normas estabelecidas.

## 5. Capítulo IV – A UTOPIA COMO ESCAPE E DENÚNCIA

### 5.1. Utopia literária

Antes de entrar propriamente no conceito de utopia literária, é necessário entender a distinção entre ideologia e utopia. Essa compreensão é fundamental para analisar as diferentes abordagens nas reflexões políticas e sociais. Enquanto a ideologia engloba um conjunto de ideias e valores que moldam a nossa compreensão da realidade atual, a utopia emerge como uma representação imaginária de um futuro idealizado, um horizonte de esperança e transformação. Nesse contexto, é importante refletir sobre as peculiaridades desses conceitos e o seu papel na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A ideologia está profundamente enraizada na realidade atual, fornecendo uma estrutura interpretativa que orienta nossas ações e percepções. Ela nos ajuda a compreender as relações de poder existentes, os interesses em jogo e as lutas sociais. No entanto, a ideologia também pode ser limitadora, reforçando ideias preconcebidas, perpetuando desigualdades e impedindo a visão de alternativas transformadoras. Assim, na concepção de MAZUCATO (2013) “Há uma identificação de ideologia com “conservação” e de utopia com “mudança”, ambas destorcidas da realidade, transcendendo-a, mas em conexão direta com a realidade do grupo dos sujeitos que as pensam. ” Isto não quer dizer que a ideologia não faz parte da sociedade, porém que não representa a sociedade em sua totalidade. Em defesa da história e em detrimento da ideologia, Marx e Engels declaram.

“A história da natureza, assim chamada ciência natural, não nos diz respeito aqui; já no que tange à história dos homens, nós teremos que encará-la de perto na presente obra, uma vez que a ideologia inteira se reduz ou a uma compreensão invertida dessa história ou à abstração total dela. A ideologia, ela mesma, é apenas um dos lados dessa história.” (MARX & ENGELS, 2007, p. 39)

A ideologia pode sofrer alterações pela utopia, mas dificilmente a utopia será mudada pela ideologia. Contudo, uma utopia pode ser criada a partir de uma ideologia. É notório que essa aproximação é tão íntima que, hoje, que já nascemos em uma sociedade construída por ideologias, torna-se difícil saber

quem surgiu primeiro. Distinguir uma da outra é um trabalho difícil e, em alguns casos, desde o nosso ponto de vista, impossível. Embora Karl Mannheim, escritor do livro *Ideologia e utopia*, aponte diferenças entre os termos, ele conclui que diferenciá-las é complexo:

“Ao observador que delas tenha uma visão relativamente externa, esta distinção teórica e completamente formal entre utopias e ideologias parece oferecer pouca dificuldade. Contudo, determinar concretamente o que em um dado caso seja ideológico e o que seja utópico é extremamente difícil.” (MANNHEIM, 1976, p. 219- 220).

A dificuldade em diferenciar ideologia e utopia está no fato de que as duas são extremamente próximas e, às vezes, se sobrepõem. Por exemplo, em alguns casos a ideologia pode incluir um elemento utópico, enquanto a utopia também pode ter uma base ideológica. Um exemplo disso foi o nazismo, no qual, Adolf Hitler e seus seguidores enxergavam o nazismo como um movimento salvador, capaz de resgatar a Alemanha das dificuldades pós-Primeira Guerra Mundial e da crise econômica, e estabelecer uma sociedade "perfeita".

Diante do exemplo, é possível ver que um sistema pode possuir características utópicas e ideológicas simultaneamente. É essa confusão de sentidos que causa controvérsias em relação a uma ação ser utópica ou ideológica. No caso de Christine de Pizan e Juana Ines as consideramos com pensamentos utópicos pelo momento no qual viveram, não ideológicos, embora, o termo feminismo, hoje, é interpretado como ideologia. Neste sentido, vale lembrar que a utopia é antecipadora, em outras palavras, as autoras podem sim ter sido precursoras em relação ao respeito e justiça para com as mulheres, ou seja, um protofeminismo.<sup>61</sup>

Trabalhamos os textos corpus como utópicos, não ideológicos. BAMMER (1991, p. 59) “A dimensão antecipadora é o que faz o feminismo utópico; sua ligação com a ação é o que o torna político.” A dimensão antecipadora é o que torna o feminismo utópico, é o que coroa Pizan e Cruz utópicas. Bammer ressalta a capacidade do feminismo de imaginar e vislumbrar futuros alternativos, nos quais a igualdade de gênero e a justiça social são alcançadas. Essa dimensão utópica do feminismo envolve a criação de ideias e concepções que

---

<sup>61</sup> O protofeminismo refere-se a movimentos, ideias ou pensamentos que surgiram antes do surgimento do movimento feminista moderno, mas que de alguma forma anteciparam ou prenunciaram algumas das questões e ideais centrais desse movimento.

transcendem as realidades atuais e buscam transformações profundas em termos de equidade de gênero. Ainda nesta perspectiva antecipadora da utopia, relembremos a afirmação de Hilário Franco sobre a conexão entre Utopia e ideologia, em toda ideologia há uma utopia:

“[...] no seu processo de formação a ideologia parte da realidade imediata, mas lançando mão de uma visão global, histórica, da sociedade, enfatizando as deficiências do presente e as virtudes de um passado longínquo, idealizado, e de um futuro que se propõe a recuperá-lo e mesmo aperfeiçoá-lo. Daí, sem reconhecê-lo, toda ideologia tem forte carga utópica.” (FRANCO JÚNIOR, 1992, p. 12)

O termo feminismo, como movimento social e político, ou seja, mais relacionado propriamente a uma ideologia, teve início apenas no século XIX, impulsionado por uma série de pensadores e ativistas que questionaram as desigualdades e injustiças sofridas pelas mulheres ao longo da história. Diversos estudiosos contribuíram para a construção dessa ideologia, fornecendo análises críticas e propostas de transformação social. Um dos principais nomes a serem mencionados é Mary Wollstonecraft, considerada uma das pioneiras do feminismo. Em sua obra "Reivindicação dos Direitos da Mulher", publicada em 1792, Wollstonecraft denuncia a opressão e a submissão feminina, argumentando que a educação e a igualdade de oportunidades são fundamentais para a emancipação das mulheres.

“Eis um texto escrito em fins do século XVIII que continua atual. Por sua defesa veemente da igualdade entre os gêneros, Reivindicação dos direitos da mulher pode ser considerado o documento fundador do feminismo. Publicado em 1792, em resposta à Constituição Francesa de 1791, que não incluía as mulheres na categoria de cidadãs, o livro denuncia os prejuízos trazidos pelo enclausuramento feminino na exclusiva vida doméstica e pela proibição do acesso das mulheres a direitos básicos, em especial à educação formal, situação que fazia delas seres dependentes dos homens, submetidas a pais, maridos ou irmãos.” (MORAES, apud woo, 2016, p.8)

Além do reconhecimento da obra como um marco documental, a postura adotada por Wollstonecraft em seu trabalho nos remete às atitudes pioneiras, profeministas de Christine de Pizan e Sor Juana Inés de la Cruz no que diz respeito à sensação de serem afetadas por uma negligência em relação às mulheres e à busca por justiça através da escrita. Outra escritora contemporânea que não é possível falar sobre feminismo literário sem citá-la é Virginia Woolf.

Em seu ensaio: *Um teto todo seu*, Woolf explora as razões pelas quais a literatura escrita por mulheres era escassa e menos valorizada em comparação

com a produção literária masculina. Ela argumenta que, historicamente, as mulheres foram impedidas de desenvolver plenamente seu potencial intelectual devido à falta de independência financeira e à ausência de um espaço privado para se concentrarem em suas criações. O próprio título do livro, simboliza a necessidade de liberdade financeira e espaço físico para que as mulheres pudessem se dedicar à escrita e à expressão artística. A sua preocupação envolve as mulheres em geral, embora na citação abaixo ela se direcione ao século XX.

“Eis-me aqui a perguntar por que as mulheres não escreviam poesia no período elisabetano, e nem tenho certeza de como eram educadas: se aprendiam a escrever; se tinham salas de estar próprias; quantas mulheres tiveram filhos antes dos vinte e um anos; o que, em suma, faziam elas das oito da manhã às oito da noite.” (WOOLF, 1928, p.58)

Virginia Woolf ressalta a necessidade contínua de questionar e superar estereótipos e preconceitos de gênero para promover a igualdade e a representatividade na produção cultural e artística. Em outras palavras, indaga a falta de escrita feminina e denuncia o arquétipo reducionista criado envolta das mulheres.

As quatro autoras compartilhavam preocupações similares, buscando uma sociedade mais justa para as mulheres. Seus ideais utópicos não se limitaram a meras concepções mentais, mas encontraram expressão pública através da escrita feminina, a qual elas tiveram que defender vigorosamente. Dito de outra maneira, a jornada de cada uma delas foi pautada por obstáculos e adversidades, exigindo uma defesa incansável de sua produção intelectual e de suas ideias revolucionárias.

A utopia também surge como uma força propulsora que desafia as limitações impostas pela realidade e projeta uma visão de um mundo melhor. (GALEANO, 1994) “Ela está no horizonte. [...] Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar.”<sup>62</sup>. Embora as palavras de Galeano sejam válidas e, de fato, a utopia pode ser um sonho que impulsiona, a mesma não deve ser confundida com uma mera fantasia ou escapismo. Ela desafia as estruturas vigentes,

---

<sup>62</sup> Eduardo Galeano citando a Fernando Birri (Diretor de cinema).

convida à reflexão crítica e estimula a ação transformadora. Embora não saibamos quais pensamentos utópicos viraram realidade, eles têm uma função naquele momento e um talvez para o futuro.

“Evidentemente, nem sempre se pode dizer num determinado estágio do desenvolvimento quais futuros são possíveis e quais impossíveis. Mas a invenção de futuros improváveis ou impossíveis em forma de utopias também pode cumprir alguma função. Tal como as descrições de futuros possíveis, elas são expressões dos sonhos, desejos e temores dos homens num determinado período.” (ELIAS, 1998, p. 16)

Como já direcionado no capítulo dois, as utopias são manifestações dos anseios e aspirações dos seres humanos, bem como das suas inquietações diante das circunstâncias vigentes. Ao imaginar futuros alternativos, os indivíduos são capazes de explorar possibilidades além dos limites impostos pela realidade presente. Essa capacidade de sonhar e vislumbrar horizontes diferentes é essencial para o progresso e a transformação social, tal aptidão está presente em Christine de Pizan e em Juana Inés. Elas são frequentemente associadas ao feminismo, estamos de acordo com a afirmação feita por alguns teóricos, como a exemplo de (DUBY 1991, p.465) “En efecto, el entusiasmo escéptico de las mujeres no ha dejado de crear problemas, más gravemente que el problema que había creado el compromiso feminista de Christine de Pizan.” No entanto, é válido reinterar que o termo não coexistia com as autoras, mas o pensamento utópico de um mundo mais justo para as mulheres sim. Dessa forma, esse ponto abre mais o caminho para tratarmos as autoras como revolucionárias e com um forte pensamento utópico.

Em relação a utopia em direção à literatura, retomamos as acepções de Norbet Elias. A dimensão antecipadora da utopia literária não confirma o futuro, em determinados momentos não saberíamos informar se o pensamento utópico presente na literatura terá força de execução ou ficará apenas na mente do escritor e nas folhas do escrito. Para Elias (1998), independentemente da possibilidade de execução, a utopia cumpre um papel como figurado na citação acima.

Desde esse juízo Norbet Elias configura que, ao criar futuros improváveis ou impossíveis, as utopias literárias estimulam a reflexão e a discussão sobre as questões sociais, políticas e culturais do presente. Elas proporcionam um espaço para questionar as estruturas estabelecidas, criticar as injustiças e inspirar a

busca por mudanças positivas. Dessa forma, as utopias literárias, assim como as descrições de futuros possíveis, desempenham um papel na expressão e no processamento dos anseios e receios da sociedade. Elas estimulam a imaginação e convidam os leitores a refletir sobre as condições atuais e a buscar transformações.

Aplicando o conceito a Christine de Pizan, especificamente na "A cidade das damas", a autora descreve a construção de uma cidade fictícia, habitada apenas por mulheres virtuosas e sábias. Nessa utopia literária, as mulheres são capazes de realizar grandes feitos intelectuais, artísticos e políticos, rompendo com os estereótipos de fragilidade e submissão que eram impostos a elas na época.

“A conjuntura social à qual recorre a autora marca o primeiro passo na busca de uma realidade idealizada na busca de uma Utopia, evocando, no livro, discussões, questionamentos que se contrapõem àquela realidade imposta.” (CALADO, 2003. p.23)

Através de discussões e questionamentos, a autora estabelece uma crítica à realidade imposta, apontando contradições e destacando a necessidade de buscar alternativas que promovam uma realidade mais justa e igualitária. Dessa forma, a utopia é apresentada como um caminho a ser percorrido, uma aspiração coletiva em direção a um estado de perfeição social.

Ao criar essa utopia feminina, Christine de Pizan desafia as normas sociais e questiona a posição inferiorizada das mulheres na sociedade medieval. Ela expressa seus sonhos e desejos por outra realidade na qual as mulheres sejam reconhecidas por suas capacidades e tenham igualdade de oportunidades. Essa inconformidade suscita, em algumas mulheres escritoras, o desejo de mudança que é trabalhada em um primeiro momento dentro de um pensamento utópico. No Barroco mexicano, o conflito vem por parte Juana Inés.

“Como Christine de Pizan en La ciudad de las damas, sor Juana construye su propia ciudad de las damas, en una *enumeratio ecléptica*, pero representativa de esta gongorina turba, no de nocturnas aves, sino de semejantes genéricas. La serie femenina sorjuanina resalta la condición de doctas, pero también de detentoras de poder, fama y reconocimiento público.”<sup>63</sup> (COLOMBI, Beatriz, 2022, p. 29)

---

<sup>63</sup> Assim como Christine de Pizan em "La ciudad de las damas", Sor Juana constrói sua própria "cidade das damas" em uma enumeração eclética, mas representativa dessa gongórica multidão, não de aves noturnas, mas de seres do mesmo gênero. A série feminina sorjuanina destaca a condição de mulheres instruídas, mas também detentoras de poder, fama e reconhecimento público. (Tradução nossa)

Na série de escritos femininos criada por Juana Inés, é evidenciada a condição de serem mulheres instruídas, bem como detentoras de poder, fama e reconhecimento público. Essa enumeração ressalta a importância das mulheres como figuras influentes e valorizadas na sociedade, desafiando as normas e expectativas patriarcais que limitavam a participação feminina no campo intelectual e no exercício do poder.

“La mexicana tiene redes diacrónicas con mujeres ilustres y sabias del pasado, pero también redes sincrónicas, las que fragua con mujeres del presente, como las virreinas, adornadas además por el poder que ejercen junto a sus maridos, todo un tópico que sor Juana desarrolla en su poesía.”<sup>64</sup> (COLOMBI, 2022, p. 29)

Além de reforçar a continuidade histórica do papel das mulheres na sociedade e destacar a herança intelectual e cultural transmitida ao longo do tempo, ela aponta o poder das mulheres dentro de uma sociedade que não as reconhece. Todo este conhecimento, também é encontrado em Christine De Pizan, de maneira que, as transformam em uma espécie de caixas abertas de pensamentos utópicos reveladores, denunciadores e revolucionários.

O carácter denunciativo da utopia está presente atualmente, não apenas em livros, mas segue o avanço tecnológico, o que pode reafirmar que ela está intrínseca aos seres humanos, embora o seu carácter é multável de acordo com cada indivíduo e dos resíduos com os quais conviveu.

“Produções audiovisuais podem também ser utopias reais, uma vez que não são meramente ficcionais, uma vez que são baseadas e produzidas no “mundo real”, edificando, a partir desse chão real, o mundo crítico, denunciador e representativo das utopias.” (PETRONI, 2016, p. 145)

A tecnologia mais avançada para divulgação de seus pensamentos era a escrita, assim a afirmação que são como caixas abertas ganha significado, no sentido que foram difundidos em suas respectivas sociedades. A partir do carácter utópico denunciativo em busca de justiça que damos início aos próximos dois subcapítulos.

---

<sup>64</sup> A mexicana possui conexões diacrônicas com mulheres ilustres e sábias do passado, mas também conexões sincrônicas, que ela forja com mulheres do presente, como as virreinas, adornadas pelo poder que exercem ao lado de seus maridos, um tema que Sor Juana desenvolve em sua poesia.

## 5.2. A cidade das damas e a utopia

Entende-se por utopia em Christine de Pizan o seu desejo por um mundo melhor para as mulheres. Ela desconhecia o termo, mas sentia o peso do seu significado quando buscava uma igualdade de gêneros quando ainda não se discutia profundamente sobre o tema. A utopia de Christine de Pizan foi baseada no princípio da igualdade e da justiça entre os sexos. Ela acreditava que as mulheres deveriam ter direito à educação, direito à propriedade e direito de trabalhar. As suas obras alcançam tanto homens como mulheres:

“Seu objetivo era fazer com que os homens saíssem de sua ignorância em relação às mulheres e também que os exemplos e conselhos apresentados em suas obras pudessem servir de espelho para outras mulheres. Christine luta contra o sentimento de misoginia existente na época com o objetivo de restabelecer a moral feminina.” (LEITE, 2008, p. 13-14).

Ela desafia a ignorância e luta contra a misoginia, Christine está, de certa forma, construindo uma utopia na qual as mulheres são reconhecidas e respeitadas em igualdade de condições com os homens, ao menos nesta cidade a justiça se faz presente. A utopia serviu como a concretização, em partes, do seu desejo:

“[...] pertenece al pensamiento racionalista en cuanto proyecta al hombre hacia el futuro y es un elemento decisivo de la dinámica histórica; en este aspecto, la utopía ayuda a la realización temporal del hombre y trata de impulsarle en el mejoramiento de sus condiciones concretas de vida.” (ABELLÁN, 1971, p.19)<sup>65</sup>

Conforme as palavras de Abellán<sup>66</sup>, a utopia não está restrita apenas a um devaneio de fuga, ela também é racional e, de certa maneira, dá vida ao seu desejo interno. Ela está intrinsecamente conectada à ação concreta e ao engajamento social. A busca pela concretização da utopia implica em esforços e transformações efetivas nas estruturas sociais, políticas e econômicas, visando à materialização dos ideais almejados. A prova que o pensamento de Pizan não ficou em uma “caixa fechada” são os trabalhos sobre os seus escritos

---

<sup>65</sup> Pertence ao pensamento racionalista, na medida em que projeta o homem em direção ao futuro e é um elemento decisivo na dinâmica histórica; nesse aspecto, a utopia auxilia na realização temporal do ser humano e busca impulsioná-lo na melhoria de suas condições concretas de vida.

<sup>66</sup> José Abellán concilia os conceitos de mito e utopia. Ele explora esses temas como formas de compreender a realidade e de proporcionar uma visão renovada do mundo. Essa visão oferece a possibilidade de criar um mundo melhor.

que ganharam força durante as últimas décadas e que conseguem identificar, trilhar e identificar-se nas marcas negativas de uma sociedade que existiu e, infelizmente, ainda existe baixo um forte carácter misógino.

A utopia constitui, por conseguinte, uma poderosa manifestação de resistência perante a iniquidade, esta é um impulso catalisador para a concretização de uma realidade mais justa e aprazível. Dessa forma, tanto a utopia como o legado de Christine de Pizan convergem na luta pela justiça e pela transformação social. Ambos representam um chamado à reflexão, à resistência e à busca por um futuro mais igualitário e inclusivo.

A utopia de Pizan é direcionada, especialmente, às mulheres, característica que, posteriormente, recebeu o nome de Ginecotopia.

“Ginecotopia: Espacio de mujeres. Tomó la forma de ciudad - la unidad política de la democracia de la Atenas clásica - a principios del siglo XV, cuando Cristine de Pizán escribió La Cité des Dames, una ciudad de hermanas y de amigas, no de familias. La ginecotopia ha atraído a muchas autoras, como Margaret Cavendish (1666), Charlotte Perkins Gilman (1915), Monique Wittig (1969) o Joanna Russ (1975).” (GARRETAS, 2000, p.97)

O conceito de ginecotopia também pode ser compreendido como uma forma de releitura de obras escritas pelo sexo masculino. Luciana Calado usa o termo em seu artigo sobre uma releitura do mito das Amazonas na *Cidade das damas* de Christine de Pizan e em *De Claris* de Boccaccio.

“[...] a força, a coragem, as atividades de guerra, etc [...] No entanto, tais características são apontadas de maneira positiva na obra, em que se justifica a necessidade de certos atos, podendo ser considerados de violência e, ao mesmo tempo, acrescentam-se ao perfil de guerreiras traços de mulheres amorosas, sentimentais, como ilustra o trecho sobre a origem dessa ginecotopia.” (DEPLAGNE, 2013, p.128).

Textos ginecotópicos tem por base a defesa das mulheres. São obras nas quais há uma criação de um mundo onde elas são respeitadas e exercem um papel reconhecido na sociedade. É a visão do próprio feminino, quando as mulheres passam da exclusão para o protagonismo. Um mundo utópico onde as mulheres serão bem-vindas, independente da sua classe social ou nação:

“E ela respondeu-me: “Cara amiga, parece-me ter cumprido bem meu dever na Cidade das Damas, que a construí com belíssimos palácios, residências e mansões e povoei de nobre damas, de toda condição social, das quais a Cidade já está cheia. Que isto te seja suficiente, e

que venha minha irmã Justiça para completar a obra.” (PIZAN, 2006, p.316).

A cidade não deve ser preenchida por qualquer mulher, não basta apenas ser mulher. Durante toda a obra, as três damas e Pizan ressaltam adjetivos como nobres, virtuosas, sábias e corajosas. Tais adjetivos sugerem que o mundo não foi feito para qualquer mulher, apenas para as que apresentam características positivas.

“[...] referindo-se em particular às mulheres nobres, santas, virtuosas de grandes qualidades. Não basta ser mulher, biologicamente falando, para Christine. O povoamento da <<Cidade>> foi concebido a partir justamente dessa distinção de valores.” (CALADO 2006, p.111)

Tal seleção criteriosa das mulheres que habitam a cidade das damas ressalta a visão de Christine de Pizan de que a igualdade e o empoderamento feminino não são alcançados apenas por meio da inclusão de todas as mulheres, mas sim pela valorização daquelas que demonstram qualidades admiráveis. A utopia que ela busca criar é um espaço onde mulheres nobres de caráter, sabedoria e coragem se destacam e encontram reconhecimento.

Ao estabelecer esses critérios, Christine de Pizan aponta para a importância de uma sociedade que valorize e promova as virtudes femininas, transcendendo a questão de gênero. Sua utopia não é apenas um lugar onde as mulheres são aceitas, mas um espaço onde se destacam por suas qualidades e contribuições positivas para a sociedade. Dessa forma, ela promove uma visão utópica que busca não apenas igualdade, mas também excelência e realização para as mulheres.

Juana Inés, por sua vez, tinha uma visão semelhante à de sua antecessora. No entanto, é importante lembrar que, até o momento, não existem provas que confirmem que Cruz tenha tido contato com as obras de Pizan. Portanto, entendemos que a utopia chegou a ela como um resíduo, já que ideias desse tipo também podem ser transmitidas de geração em geração

“As utopias de gerações passadas podem servir aos seus descendentes como um indicador fiel, acertado, dos anelos e pesadelos de seus grupos ancestrais, como as classes sociais, os grupos etários ou de gênero, e inclusive de nações inteiras” (ELIAS, 1985, p. 17).

Elias sugere que as utopias concebidas por gerações passadas têm o potencial de fornecer uma compreensão valiosa dos desejos e medos de seus grupos. Cruz, no mesmo caminho que Pizan, ressalta que apenas mulheres de virtude deveriam ter acesso a cargo de destaque nas igrejas:

“Al fin resuelve, con su prudencia, que el leer públicamente en las cátedras y predicar en los púlpitos, no es lícito a las mujeres; pero que el estudiar, escribir y enseñar privadamente, no sólo les es lícito, pero muy provechoso y útil; claro está que esto no se debe entender con todas, sino con aquellas a quienes hubiere Dios dotado de especial virtud y prudencia y que fueren muy proveytas y eruditas y tuvieren el talento y requisitos necesarios para tan sagrado empleo.” (CRUZ, 2006, p.15)

A perspectiva de Sor Juana Inés de la Cruz em relação ao papel e às capacidades das mulheres é contextualizada dentro de um contexto histórico e social específico. Por um lado, a autora reconhece a importância da educação e da participação das mulheres no mundo intelectual, destacando que o estudo e a escrita podem ser atividades proveitosas e úteis para elas. No entanto, é estabelecido por Sor Juana a existência de critérios e limites, sugerindo que nem todas as mulheres possuem as qualidades necessárias para ocupar posições de respeito nessas esferas.

A posição das autoras não implica em desconsiderar as demais mulheres. Assim como existem homens que não possuem aptidão para os estudos e não são sábios, também há mulheres com características semelhantes. A perspectiva das autoras fortalece a ideia de que elas não estão preocupadas com a questão do gênero, mas sim com a justiça e o reconhecimento das mulheres que contribuem positivamente para a sociedade. Christine de Pizan, destaca, por exemplo, que as mulheres merecem oportunidades.

“- Sabes por que são elas sabem menos? - Dama, não, isso não me foi dito. - Sem dúvida, é por elas não experimentarem coisas diferentes, limitando-se às suas ocupações domésticas, ficando em casa, e não é há nada mais estimulante para um ser dotado de inteligência do que uma experiência rica e variada.” (PIZAN, 2006, p.176)

Neste diálogo entre a dama razão e Pizan, a dama continua explicando que falta oportunidade para as mulheres melhorarem suas habilidades para além do campo doméstico. Ela revela a necessidade de abrir caminhos para as mulheres expandirem seus horizontes e serem reconhecidas por suas

capacidades e realizações. A dama enfatiza que é essencial proporcionar igualdade de oportunidades, permitindo que as mulheres se desenvolvam plenamente em suas áreas de interesse e talento assim como superar as limitações impostas às mulheres, buscando criar uma sociedade em que elas possam aprimorar suas habilidades e contribuir de forma significativa para o progresso social, cultural e intelectual. Diante de tantas injustiças a criação de uma cidade para mulheres surge como um refúgio. (PIZAN 2006, p.317) “Rendei graças a Deus que me guiou neste grande labor: construir para vós um refúgio honrado, uma cidade fortificada que vos servirá de moda eterna até o final dos tempos.” Além de funcionar como um refúgio, segundo (CALADO, 2006, p.93) também como uma fortaleza. O refúgio soa para o presente, a fortaleza para o hoje e para o amanhã.

Não cabe dúvidas que a cidade imaginada por Pizan pertence a um pensamento utópico da autora, seja para fugir da realidade injusta, seja para fortalecer as mulheres do presente e do futuro. Durante a leitura do livro, é praticamente inevitável não fazer uma conexão com o poema *Vou-me embora para Pasárgada*<sup>67</sup>, de Manoel Bandeira<sup>68</sup> no qual o autor cria um local imaginário para mitigar suas angústias.

“Em Pasárgada tem tudo  
É outra civilização  
Tem um processo seguro  
De impedir a concepção  
Tem telefone automático  
Tem alcaloide à vontade  
Tem prostitutas bonitas  
Para a gente namorar”  
(BANDEIRA, 1998, p. 48)

No poema, o eu-lírico aparece entusiasmado pela terra perfeita para ele. De maneira que, o poeta expressa o desejo de abandonar as amarguras da vida e buscar um lugar onde possa viver intensamente. Pasárgada representa esse refúgio sonhado, como o imaginado na Cidade das damas, um espaço no qual

---

<sup>67</sup> Poema completo em anexos.

<sup>68</sup> O poema escrito em 1930, nesse período, o país passava por uma série de transformações políticas, sociais e culturais com ascensão de Getúlio Vargas. O escrito se tornou um dos mais conhecidos e apreciados da literatura brasileira, e é frequentemente lembrado por sua mensagem de escapismo e esperança, refletindo o desejo humano de buscar um lugar melhor, onde as preocupações cotidianas possam ser deixadas para trás e a vida possa ser vivida de maneira mais plena.

o indivíduo é livre para ser quem realmente é, sem preocupações ou julgamentos. Já no sentido de tema, a cidade de Pizan é para reconhecer as mulheres, no poema de Bandeira, há, na segunda estrofe, apenas um reconhecimento de Joana<sup>69</sup> que foi apelidada de louca, mas na continuação do poema a mulher aparece como um instrumento sexual. De todas formas, não podemos negar o pensamento utópico do autor, isto é um fato que reafirma que a utopia imaginada por um humano, pode ser antônima da sonhada por outro. No tocante às mulheres, o poema e a narrativa se desencontram.

Outro pensamento que relembramos remete a Idade Média: o país da Cocanha, no qual um poeta anônimo do interior da França cria um país imaginário que supre as necessidades da época, nele não há fome, um problema presente na Europa medieval. Retomado por Hilário Franco em sua obra *Cocanha: a história de um país imaginário*, esse conceito é atualizado e reinterpretado para representar um mundo idealizado, um refúgio imaginário em meio às agruras do cotidiano. Assim como em Pasárgada, o país da Cocanha é um local onde as dificuldades são superadas e a satisfação plena é alcançada.

“O nome do país é Cocanha;/ Lá, quem mais dorme mais ganha;/ Quem dorme até ao meio-dia/ Ganha cinco soldos e meio./ De barbos, salmões e sáveis/ São os muros de todas as casas;/ Os caibros lá são esturjões./ Os telhados de tocinho, /As cercas são de salsichas./ Existe muito mais naquela terra de delícias,/ Pois de carne assada e presunto/ São cercados os campos de trigo;/ Pelas ruas vão se assando/ Gordos gansos que giram/ Sozinhos, regados/ Com branco molho de alho/ [...] Quatro páscoas tem o ano/ E quatro festa de São João./ Há no ano quatro vindimas,/ Feriados e domingos todo dia,/ Quatro Todos os Santos, quatro Natais,/ Quatro Candelárias anuais,/ Quatro Carnavais,/ E quaresma, uma a cada vinte anos, [...]” (FRANCO JUNIOR, 1998. p. 19-32.)

Ambos os textos, apesar de pertencerem a contextos históricos e literários diferentes, convergem na representação de um espaço imaginário que reflete o anseio humano por uma vida mais plena e feliz. Eles exploram a ideia de um lugar utópico como uma válvula de escape para as adversidades e frustrações da existência. Na Idade Média ou contemporânea, a utopia nos persegue e a perseguimos, ela nos fornece ar para nos resguardar e sobreviver, o mesmo ocorre com Juana Inés como veremos a seguir.

---

<sup>69</sup> Joana era filha dos Reis Católicos da Espanha, Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão, ela deu luz a Carlos V, cujo reinado teve um impacto significativo no cenário político europeu do século XVI.

### 5.3 Homens néscios e a utopia

Conforme elucidado nos capítulos anteriores, foi a sublimação dos mais diversos desejos utópicos da Idade Média, como o milenarismo, o providencialismo, e tantos outros termos que se entrelaçam na amalgama de projetos idealizados, lançando, assim, as bases desse "novo mundo". A autora Heloísa Machado (1999), por exemplo, nos leva a considerar como as narrativas e conceitos do imaginário medieval encontraram eco no Novo Mundo, uma configuração do país da Cocanha.

“No entanto, a grande surpresa, nesse capítulo, aquela que fala mais de perto aos brasileiros, diz respeito aos ecos da Cocanha no Novo Mundo, na América espanhola e na América portuguesa, consideradas como receptáculos de vários elementos do imaginário medieval.” (MACHADO, 1999, p.45)

Ela evidencia a capacidade das culturas de incorporar, reinterpretar e renovar elementos simbólicos ao longo da história. Podemos imaginar que essa influência tenha ocorrido devido à colonização europeia, que trouxe consigo não apenas os aspectos materiais e políticos, mas também as crenças religiosas, mitos e ideias que permeavam o imaginário medieval. É nessa mescla cultural que a América, que hoje conhecemos, se constrói.

“Una nueva memoria para una nueva identidad. Pero también nuevas formas de expresión que ligaban los ostenes tradicionales, los códices, los glifos y la oral al prestigio reciente y exótico de la escritura alfabética. La tipografía, el canto gregoriano, la pintura renacentista, el grabado, el latín, la contabilidad a la europea, fecundaron una cultura mixta como las hay muy pocas en el Occidente moderno.”<sup>70</sup> (GRUZINSKI, 1986, p. 3).

A forma barroca foi um instrumento significativo nessa construção, pois, através desse estilo as culturas mesclaram suas mentalidades, os resíduos de uma sobreviveram, ou melhor, viveram em outra. Ela serviu como um meio de comunicação e expressão, promovendo a interação entre culturas e possibilitando a preservação e renovação de elementos culturais diversos.

“A colonização da América foi obra barroca. A sociedade colonial, profundamente heterogênia, encontrou no período pós-conquista condições de recuperar-se da violência que caracterizou os primeiros anos desta empresa. Sobreviventes ao confronto, indígenas e

---

<sup>70</sup> Uma nova memória para uma nova identidade. Mas também novas formas de expressão que conectavam as tradições antigas, os códices, os glifos e o oral ao prestígio recente e exótico da escrita alfabética. A tipografia, o canto gregoriano, a pintura renascentista, a gravura, o latim e a contabilidade ao estilo europeu fertilizaram uma cultura híbrida como poucas existentes no Ocidente moderno.

européus reconciliaram-se à medida que ambos aprenderam a manipular formas de representação capazes de transformar o conflito em convivência pacífica.” (THEODORO, 1992)

É nesse contexto que emerge Juana Inés, trazendo consigo ideias utópicas e influências da cultura europeia e mexicana<sup>71</sup>. Conforme já mencionado, Cruz empenhou-se em defender os direitos das mulheres em diversos contextos, especialmente no âmbito educacional. Com a chegada dos europeus, o acesso das meninas à educação foi prejudicado, visto que, antes da colonização, tanto meninos quanto meninas recebiam uma formação educacional semelhante. Portanto, reiteramos que os vestígios da influência de Christine de Pizan, provenientes da Europa, permaneceram presentes na época de Sor Juana Inés de la Cruz. Talvez, com a contrarreforma, as ameaças ao intelecto feminino tenham se intensificado ainda mais de forma rigorosa, visto que o período barroco vivido por Sor Juana fortaleceu o combate ao avanço do protestantismo. “A tática decorreu da Contra- Reforma, no intuito, consciente ou inconsciente, de combater o moderno espírito, observando-o no que tinha de mais aceitável. Dessa tática nasceu o Barroco, novo estilo de vida. (PROENÇA, 1969, p. 142). José Miguel Oviedo (1995, p.229) no mesmo sentido de Proença, especifica que não há como falar sobre o Barroco Americano sem falar da contrarreforma. Para ele, o próprio Barroco tem suas raízes na espiritualidade postridentina, isto é, está ligado ao Concílio de Trento<sup>72</sup>.

No México colonial, além do aspecto religioso contra o protestantismo, o barroco protegia, de certa forma, o sonho do país utópico onde seus integrantes eram membros católicos e com o marianismo presente. A partir dessas afirmações, queremos expor que, a igreja estava mais alerta e ativa para combater o protestantismo, essa postura atingiu diretamente a Juana Inés, pois a inquisição aprovada no final do século XV volta a agir severamente. “Escribía con una libertad absoluta, no se dejaba orientar por el confesor de turno. Decía cosas que molestaban muchísimo a los inquisidores.” (JANÉS, 2013, p. 02). Apesar dessa “liberdade” mencionada por Clara Janés, a própria poeta temia o

---

<sup>71</sup> "Mexica" é um termo que se refere ao povo que fundou e governou o Império Asteca, uma das grandes civilizações pré-colombianas da Mesoamérica.

<sup>72</sup> O Concílio de Trento, também conhecido como Concílio Tridentino, foi um importante concílio ecumênico da Igreja Católica Romana, realizado em três fases entre 1545 e 1563. Esse concílio foi convocado para responder aos desafios apresentados pela Reforma Protestante, que estava ganhando força na Europa na época.

Santo Ofício: “Dejen eso para quien lo entienda, que yo no quiero ruido con el Santo Ofício, que soy ignorante y tiemblo de decir alguna proposición malsonante o torcer la genuina inteligencia de algún lugar.” (CRUZ, 2006, p.4)

Ela, como mulher intelectual e escritora, estava consciente dos riscos que poderia enfrentar caso fosse mal interpretada ou questionada em suas ideias, o seu medo consistia em uma negação a sua vida como uma mulher escritora, pois em relação aos demais assuntos preocupantes para a igreja católica, ela esclarece que o mal do estudo é se este está nas mãos, segundo ela, de hereges como interpreta Martin Lutero:

“A éstos, vuelvo a decir, hace daño el estudiar, porque es poner espada en manos del furioso; que siendo instrumento nobilísimo para la defensa, en sus manos es muerte suya y de muchos. Tales fueron las Divinas Letras en poder del malvado Pelagio y del protervo Arrio, del malvado Lutero y de los demás heresiarcas.” (CRUZ, 2006, p.16)<sup>73</sup>

Através desse argumento, Sor Juana Inés de la Cruz defende vigorosamente seus estudos, evidenciando que eles não são contraditórios aos ensinamentos da Igreja Católica. Além disso, ela expõe claramente sua posição em relação à corrente de pensamento emergente, que despertava preocupações na hierarquia da igreja.

Além de sustentar a defesa de seus estudos perante as figuras religiosas, Cruz também se empenha em defender as mulheres em geral, estabelecendo uma contraposição entre suas posturas e as dos homens. De acordo com Beatriz Pastor, a poeta mexicana busca encontrar meios de libertar-se de sua própria prisão e decide entrar para o convento, evidenciando sua consciência da situação em que se encontrava e sua necessidade de encontrar algo que lhe proporcionasse alívio. É dentro do convento que ela encontra o ambiente propício para reflexão e o expressa em alguns de seus escritos, como os poemas "*Hombres necios*"<sup>74</sup> e "*Primero sueño*"<sup>75</sup>, seus desejos impossíveis para aquela época. Ela sonha, anseia e almeja em silêncio uma utopia de libertação. A

---

<sup>73</sup> A estes, repito, estudar lhes causa danos, pois é como colocar uma espada nas mãos do furioso; sendo um instrumento nobilíssimo para a defesa, em suas mãos se torna morte para eles mesmos e para muitos outros. Assim foram as Divinas Letras nas mãos do malvado Pelágio e do perverso Ário, do malvado Lutero e dos demais hereges. (Tradução nossa).

<sup>74</sup> Homens néscios. (Tradução nossa).

<sup>75</sup> Primeiro sonho. (Tradução nossa).

literatura atua como uma janela de escape para aqueles que a leem e a concebem.

“Desde y en ese espacio intermedio Sor Juana verifica y fuerza los límites del cerco que la apresa, y que protege el monopolio masculino del conocimiento racional al definir toda identidad femenina como construcción social de lo incompleto y de lo subalterno ‘~. Desde y en ese espacio intermedio Sor Juana busca fallas, abre grietas que iluminan brevemente el carácter particular de la propia prisión, y utiliza un discurso que es simultáneamente ataque y defensa.” (PASTOR, 1995, p.96)<sup>76</sup>

No poema intitulado "*Hombres necios*"<sup>77</sup>, que faz parte do corpus da nossa análise, a poeta utiliza um mecanismo de ataque e defesa como é descrito por Beatriz Pastor. Nessa composição, Sor Juana Inés de la Cruz expressa seu desejo por justiça em relação às mulheres, tal como Christine de Pizan havia feito anteriormente.

Hombres necios que acusáis  
a la mujer sin razón  
sin ver que sois la ocasión  
de lo mismo que culpáis  
(CRUZ, 1997, p.222)

É um poema que parecia impensável para a época da autora, mas que se revelou necessário. A relevância do poema reside em sua natureza pioneira ao questionar a misoginia e a desigualdade entre os sexos feminino e masculino em uma época na qual a voz feminina era frequentemente silenciada.

“(...) el poema fue una ruptura histórica y un comienzo: por primera vez en la historia de nuestra literatura una mujer habla en nombre propio, defiende su sexo y, con gracia e inteligencia, usando las mismas armas que sus detractores acusa a los hombres por los vicios que ellos achacan a las mujeres. En esto sor Juana se adelanta a su tiempo: no hay nada parecido, en el siglo XVII en la literatura femenina de Francia, Italia e Inglaterra”. (Paz, 1982, p.399-400)<sup>78</sup>

---

<sup>76</sup> Desde e nesse espaço intermediário, Sor Juana verifica e desafia os limites da prisão que a aprisiona e que protege o monopólio masculino do conhecimento racional, ao definir toda identidade feminina como uma construção social do incompleto e do subalterno. A partir desse espaço intermediário, Sor Juana procura falhas, abre fissuras que iluminam brevemente o caráter particular de sua própria prisão, e utiliza um discurso que é simultaneamente ataque e defesa. (Tradução nossa)

<sup>77</sup> Poema completo em anexos.

<sup>78</sup> O poema foi uma ruptura histórica e um começo: pela primeira vez na história de nossa literatura, uma mulher fala em seu próprio nome, defende seu gênero e, com graça e inteligência, utilizando as mesmas estratégias que seus detratores, acusa os homens pelos vícios que eles atribuem às mulheres. Nisso, Sor Juana está à frente de seu tempo: não há nada semelhante na literatura feminina da França, Itália e Inglaterra no século XVII. (Tradução nossa).

Juana Inés assume uma posição de defesa do gênero feminino e critica abertamente os homens que a acusam. Ela foi a primeira mulher latina a se expressar com tanta ousadia e eloquência em questões femininas e sociais em sua época. Ao empregar as mesmas armas do acusador, conferiu ao seu poema o poder de dismantelar estereótipos e expor a hipocrisia da sociedade patriarcal. O texto possui um peso tão significativo que ainda não conseguimos mensurar completamente sua extensão.

Em relação a sua estrutura, o poema conta com 17 estrofes, cada uma com quatro versos de sete sílabas poéticas, dentro do esquema rítmico ABBA. As 17 estrofes do poema estão em conformidade com a métrica da redondilha, como ressaltam (DAREBNY e TOURIÑO, 2016, p.47) "En esta muestra de un tipo de estrofa denominada redondilla, escrita por Sor Juana, todos los versos concluyen con la rima oxítone. Así que coinciden solo las consonantes y vocales pertenecientes a la última sílaba."

Diferentemente da abordagem adotada anteriormente, nos textos "*Resposta a Sor Filotea de la Cruz*" e "*Cidade das damas*" de Christine de Pizan, Sor Juana Inés de la Cruz opta por uma postura mais incisiva e contundente para evidenciar as contradições e a hipocrisia dos homens em relação às mulheres. A poeta critica a atitude masculina de acusar as mulheres sem razão, ao mesmo tempo em que eles próprios são responsáveis por instigar e encorajar comportamentos inadequados. No poema em questão, Juana Inés desafia as normas sociais que impõem o silêncio às mulheres, demonstrando sua coragem e determinação. No entanto, é importante ressaltar que, naquela época, seu desejo por mudança e igualdade enfrentava obstáculos significativos e não encontrava um lugar concreto para se manifestar.

Considerando Beatriz Pastor, é perceptível que a autora mexicana constrói um texto utópico. A estudiosa relata que a poeta mexicana busca meios de transcender sua própria prisão e decide ingressar em um convento. Tal fato evidencia a consciência da poeta em relação à sua situação e a necessidade de encontrar uma válvula de escape. Dentro desse ambiente conventual, ela encontra o espaço propício para a reflexão e expressa, em alguns de seus escritos como nos poemas "Hombres necios" e "Primero sueño", seus anseios inalcançáveis naquela época. Beatriz Pastor sonha, deseja e contempla uma

utopia de liberdade. A literatura, por sua vez, representa uma janela de evasão tanto para aqueles que a leem quanto para aqueles que a produzem.

A autora ressalta que Sor Juana, nesse espaço, desafia e estende os limites da prisão que a cerca, que por sua vez protege o monopólio masculino do conhecimento racional. Ela questiona a definição da identidade feminina como uma construção social que é vista como incompleta e subalterna. Em outras palavras, ela questiona a mentalidade presente no seu meio social.

“Si con ansia sin igual  
solicitáis su desdén,  
¿por qué queréis que obren bien  
si las incitáis al mal?”  
(CRUZ, 1997, p.222)

Ela tem a coragem de incutir aos homens qualquer ponto negativo que por ventura venha a ser apontado sobre as mulheres. Na estrofe, destaca-se a coragem de Sor Juana Inés de la Cruz em apontar os aspectos negativos relacionados às mulheres diretamente para os homens. A poeta não apenas denuncia essas contradições, mas também atribui a culpa aos homens por incitarem as mulheres a se comportarem mal. Isso demonstra a habilidade de Sor Juana em confrontar as normas sociais e responsabilizar os homens por suas ações e atitudes em relação às mulheres.

Na quinta estrofe do poema, a poeta mexicana usa uma retórica similar a da prosa da “*Resposta a Sor Filotea de la Cruz*”, na qual ela alude a mulheres ilustres para provar que as mulheres seguem sendo injustiçadas e sem reconhecimentos. Sor Juana demonstra que, apesar das contribuições significativas das mulheres ao longo da história, elas continuam sendo alvo de desdém e discriminação por parte dos homens.

“Queréis con presunción necia  
hallar a la que buscáis,  
para pretendida, Tais<sup>79</sup>,  
y en la posesión, Lucrecia.”  
(CRUZ, 1997, p.222)

O seu eu-lírico denuncia a contradição desses homens que, ora, idealizam mulheres puras e castas, mas, ora, quando obtêm a posse delas, tratam-nas de forma desrespeitosa e indigna. A poeta evidencia a hipocrisia e a injustiça na

---

<sup>79</sup> Tais era uma cortesã grega famosa por sua beleza e habilidades sedutoras, enquanto Lucrecia era uma figura mitológica romana conhecida por sua castidade e virtude. Em outras palavras, uma reafirmação dos arquétipos femininos: Eva e Ave.

maneira como os homens se relacionam com as mulheres, esperando virtude e submissão, mas agindo de forma oposta quando estão em posição de poder.

Diante dessa inquietação, lembramos a teoria da residualidade proposta por Roberto Pontes, um tema que transcende séculos e é ressuscitado em uma obra literária, sem uma consciência clara de que está retornando ao passado. A autora simplesmente discorre sobre os vestígios desse passado em sua contemporaneidade. Essa estrofe evoca a lembrança dos poemas cortesões mencionados no segundo capítulo, nos quais se observava uma discrepância entre a vida real das mulheres e suas representações poéticas.

Na estrofe quinze, ela retorna a inculcar a culpa nos homens que regem a sociedade. Além de convocar a refletirem sobre suas próprias ações e a reconhecerem que têm o poder de mudar a forma como interagem e tratam as mulheres.

“¿Pues para qué os espantáis  
de la culpa que tenéis?  
Queredlas cual las hacéis  
o hacedlas cual las buscáis.”  
(CRUZ, 1997, p.223)

Ao perguntar "¿Pues para qué os espantáis de la culpa que tenéis?", Sor Juana questiona a surpresa e o choque dos homens diante das repercussões negativas de suas atitudes em relação às mulheres. Ela os desafia a reconhecerem que são responsáveis pelas situações injustas e pelos danos causados às mulheres.

Nas estrofes treze e catorze seu eu-lírico questiona a ideia de que a mulher é mais culpada quando é seduzida pela insistência do homem. Ela critica a sociedade por atribuir exclusivamente às mulheres a responsabilidade pelos desejos masculinos. Na estrofe seguinte, Sor Juana levanta a questão de quem é mais culpado em situações imorais, seja aquele que peca por pagamento ou aquele que paga para cometer o pecado. Ela destaca a hipocrisia de culpar apenas um lado e argumenta que ambos têm responsabilidade.

“¿Cuál mayor culpa ha tenido  
en una pasión errada:  
la que cae de rogada  
o el que ruega de caído?

¿O cuál es más de culpar,  
aunque cualquiera mal haga:

la que peca por la paga  
o el que paga por pecar?”  
(CRUZ, 1997, p.223)

A última estrofe do poema Juana Inés de la Cruz pode ser interpretada como uma crítica contundente à arrogância e hipocrisia dos homens em relação às suas atitudes e expectativas em relação às mulheres. O eu-lírico destaca que os homens usam diferentes estratégias e argumentos para defender sua arrogância e superioridade. Empregam promessas vazias e persistente para alcançar seus desejos egoístas.

“Bien con muchas armas fundo  
que lidia vuestra arrogancia,  
pues en promesa e instancia  
juntáis diablo, carne y mundo.”  
(CRUZ, 1997, p.223)

A menção ao diabo, carne e mundo na estrofe indica que os homens utilizam todas as ferramentas e tentações disponíveis para manipular e subjugar as mulheres. Eles aproveitam as fraquezas humanas, como a luxúria e os desejos mundanos, para atingir seus objetivos.

“(…) Discreta pero firmemente, la religiosa opera una pequeña revolución copérmica (sic) en su último verso atribuyendo al hombre, a su vez, el papel de objeto de deseo, objeto de pecado, objeto de escándalo: “juntáis diablo, carne y mundo”. La tríada maléfica que, casi siempre, según los hombres de Iglesia, ha caracterizado a la carne femenina, esta vez es atributo de los hombres” (BENASSY-BERLING, 1983, p.266).

Ela reitera a falta de integridade e o desequilíbrio nas relações entre homens e mulheres. Ela questiona a moralidade e a ética dos homens que se apoiam em tais artifícios para buscar o que desejam. Sua inversão subversiva revela sua perspicácia em criticar a hipocrisia e o tratamento desigual entre os gêneros na sociedade patriarcal da época. Ela não retrocede em suas palavras e posição.

A redondilha evidencia a manipulação, a arrogância e a falta de sinceridade dos homens em relação às mulheres. Sor Juana expõe as táticas utilizadas por eles para obter controle e destaca a necessidade de questionar e desafiar essas práticas opressivas. Seu eu-lírico feminino acusa quem acusa as mulheres sem razão.

De maneira geral, o poema "Hombres necios que acusais" de Sor Juana Inés de la Cruz pode ser interpretado como uma crítica às normas sociais e às expectativas impostas às mulheres em sua época. A poeta questiona a hipocrisia, a culpa injusta e as contradições presentes nas relações de gênero, expondo as desigualdades e as restrições que as mulheres enfrentam durante séculos.

A abordagem utópica do poema reside na visão de uma sociedade em que as mulheres sejam tratadas com igualdade, justiça e respeito. Sor Juana busca desconstruir os estereótipos e as normas opressivas que limitam o poder e a liberdade das mulheres, aspirando a uma realidade em que elas possam viver plenamente, sem restrições e sem serem culpabilizadas por sua própria sexualidade ou desejos. Uma utopia funcionando como precocidade dos fatos, assim como sentimos claramente na obra de Pizan.

“Mas não no sentido estreito desta palavra, definido apenas pelo que é ruim (fantasia emotivamente irrefletida, elucubração abstrata e gratuita), mas justamente no novo sentido sustentado do sonho para a frente, de antecipação. Assim, portanto, a categoria do utópico possui, além do sentido habitual, justificadamente depreciativo, também um outro que de modo algum é necessariamente abstrato ou alheio ao mundo, mas sim inteiramente voltado para o mundo: o sentido de ultrapassar o curso natural dos acontecimentos” (BLOCH, 2005, p.22).

A poeta também utiliza a utopia na literatura como uma forma de resistência e busca de liberdade. Ela reconhece o poder das palavras e da expressão artística como uma janela de escape, não apenas para si mesma, mas também para aqueles que leem e se engajam com seus escritos. Sor Juana acredita que a literatura pode desafiar as estruturas opressivas e abrir caminho para uma nova realidade mais justa e igualitária.

Em suma, o poema de Sor Juana Inés de la Cruz pode ser interpretado como uma expressão utópica, representando a busca por uma sociedade em que as mulheres sejam valorizadas, empoderadas e livres das restrições e desigualdades impostas pela sociedade patriarcal. O “não lugar” de Juana Inés, assim como de Christine de Pizan estava nas suas escritas.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desejo por justiça de gênero não é uma preocupação exclusiva do século XXI. Ao analisarmos obras como "*A cidade das damas*" e "*Resposta a Sor Filotea de la Cruz*", de Christine de Pizan, assim como "*Homens Néscios*" de Juana Inés de Asbaje, podemos constatar que as mulheres ansiavam por um mundo equitativo. Essas autoras, que fazem parte do corpus de nosso trabalho, atuaram ativamente na conscientização de outras mulheres e no questionamento da sociedade sobre as penalidades que enfrentavam.

Levando em consideração os estudos de Virginia Woolf, especialmente sua obra "*Um Teto Todo Seu*", podemos concluir, como afirma Leila Tabosa (2004, p.24), que as mulheres sempre desejaram escrever, porém, frequentemente não possuíam as ferramentas necessárias para fazê-lo.

“E as mulheres sempre foram pobres, não só por duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres gozam de menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não tiveram a mais remota chance de escrever poesia.” (WOOLF, 1928, p. 131)

A falta de recursos, como mencionado por Woolf, é apenas uma das muitas barreiras que impediram as mulheres de desenvolverem sua criatividade e contribuírem plenamente para o mundo da literatura e das artes. Compreendemos que a essa falta de recursos vem de uma mentalidade na qual a mulher foi vista e construída por uma sociedade masculina que em sua concepção teria muito a ganhar, mas que se pormos na balança, o silenciamento feminino foi mais prejudicial que benéfico para ambos os sexos.

A mentalidade da época das autoras, assim como os arquétipos femininos presentes nas reminiscências, ou seja, os resíduos que perpetuaram de uma geração a outra, foram, no final das contas uma corrente intelectual para as mulheres. A repetição do arquétipo, conforme Jung, está na alma.

“O inconsciente coletivo é uma figuração do mundo, representando a um só tempo a sedimentação multimilenar da experiência. Com o correr do tempo, foram-se definindo certos traços nessa configuração. São os denominados arquétipos ou dominantes e os dominadores, os deuses, isto é, configurações das leis dominantes e dos princípios que se repetem com regularidade à medida que se sucedem as figurações, as quais são continuamente revividas pela alma (...)” (JUNG, 1999, p.86).

Ao analisar a relação entre essa concepção de Jung e a escrita de autoras femininas, podemos considerar que essas escritoras também são influenciadas pelos arquétipos e pela natureza simbólica do inconsciente coletivo. Embora as experiências individuais e as perspectivas pessoais sejam únicas, a escrita feminina pode se conectar a esses elementos arquetípicos que são compartilhados por toda a humanidade.

As autoras, ao explorarem temas relacionados à identidade, relacionamentos, escrita, poder, sexualidade, entre outros, podem estar dando voz às experiências coletivas das mulheres ao longo do tempo. Suas obras podem ressoar com os leitores, despertando um senso de familiaridade e reconhecimento, pois tocam em aspectos fundamentais da condição humana que são comuns a todas as pessoas.

Somado aos arquétipos mais universais propostos por Jung, a teoria da residualidade de Roberto Ponte focaliza a persistência de traços específicos em contextos históricos e culturais particulares. De acordo com Ponte, certos resíduos ou características do passado podem perdurar e ser transmitidos ao longo do tempo, mesmo em períodos históricos distintos. Esses resíduos podem ser identificados em diversos aspectos da sociedade, como mentalidades, crenças, instituições e práticas culturais. A teoria da residualidade tem um objetivo adicional em relação ao conceito de Jung: busca identificar e analisar tais resíduos a fim de compreender como eles afetam o presente.

Diante disso, podemos obter uma melhor compreensão dos fatores que levaram as autoras a escrever textos utópicos, assim como podemos especular sobre as razões por trás da interrupção de suas atividades literárias em seus últimos anos de vida. Em outras palavras, a inquisição e a perseguição social podem tê-las influenciado a abandonar suas atividades literárias, uma desistência marcada de profundidade e persistência.

A maneira de finalizar, podemos concluir que a escrita feminina de Christine de Pizan e Sor Juana Inés de La Cruz se conecta de maneira profunda com a utopia literária, revelando um desejo utópico por uma sociedade mais justa e igualitária para as mulheres. Ambas as autoras, inseridas em períodos históricos distintos, enfrentaram desafios e restrições impostas pela sociedade patriarcal em que viviam.

Christine de Pizan, na Idade Média, e Sor Juana Inés de La Cruz, no período barroco, compartilharam a experiência de serem mulheres em sociedades que marginalizavam e subestimavam as mulheres, limitando suas oportunidades de educação e participação na vida intelectual. No entanto, através de suas obras, elas puderam expressar seus desejos utópicos por meio uma realidade alternativa, na qual as mulheres teriam liberdade intelectual, igualdade de direitos e voz ativa na sociedade.

Embora o termo "utopia" possa não ter existido em suas épocas, o sentimento de um "não lugar", da busca por uma sociedade ideal, permeou suas obras e as deu evasão. A utopia literária permitiu que Christine de Pizan e Sor Juana Inés de La Cruz transcendessem as limitações impostas a elas, oferecendo uma visão alternativa e inspiradora de possibilidades. Suas obras são marcadas por uma denúncia clara dos arquétipos históricos que restringiam as mulheres e buscam abrir caminhos para a emancipação e o reconhecimento das vozes femininas.

A escrita feminina se torna uma manifestação valiosa e resistente que ecoa através dos séculos, inspira outras mulheres a se reconhecerem, compreenderem seu papel na sociedade e continuarem a lutar por um mundo mais equitativo, fazendo de uma utopia algo palpável, uma realidade vivida. Além de contribuir para reformular os resíduos e arquétipos que por séculos foram prejudiciais, em grande medida, ao sexo feminino.

Embora a ação e reação, no caso de nossas autoras, não caminhassem de mãos dadas, as mensagens que elas deixaram como legado floresceram séculos depois para se vertebrar em numerosos estudos, reflexões que se materializam em livros, filmes, ensaios e toda uma vasta produção cultural que, sem dúvida, ainda tem muito a dizer para as futuras gerações. O caminho rumo à equidade e ao pleno reconhecimento é longo, de maneira que ainda temos, quase como elas, muito trabalho pela frente.

## 7. REFERÊNCIAS

ABELLÁN, Luis. **Mito y Cultura**. Seminarios y Ediciones, Madrid, 1971, p. 19.

AGOSTINHO, Hipona. **O livre-arbítrio**. Tradução, organização, introdução e notas de Nair de Assis Oliveira; revisão de Honório Dalbosco. São Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_, Santo, Bispo de Hipona. **A doutrina cristã: manual de exegese e formação cristã** / santo Agostinho — São Paulo : Paulus, 2002.

\_\_\_\_\_, Hipona. **Confissões** (digitação) Lucia Maria Csernik. 2007. Disponível em: <<file:///C:/Users/DELL/Downloads/CONFISSOES\_SANTO\_AGOSTINHO\_Digitacao\_Luc.pdf>>. Último acesso em 05 de agos. de 2023.

Almeida, Flávio. **A importância da compreensão do mito grego para a Filosofia**. In: Almeida, Flávio Aparecido de. (Org.). Filosofia: os desafios do pensar. 1ed. Guarujá: Editora Científica Digital, 2021, v. 1, p. 101-109.

ALVES, B. M; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

AMARAL, António. **Cidadania e revolução na política de Aristóteles**. Covilhã, 2008. Disponível em: [http://www.lusosofia.net/textos/antonio\\_amaral\\_revolucao\\_politica\\_aristoteles.pdf](http://www.lusosofia.net/textos/antonio_amaral_revolucao_politica_aristoteles.pdf). Último acesso em 12 de abril de 2023.

AMORIM, Diego. **Marias de nossa mãe: fé, feminino e as Américas INICIANDO UMA CAMINHADA**. ENECULT- Bahia, 2021.

ANDRÉ CAPELÃO. **Tratado do Amor Cortês**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ANÉS, Clara. **El despertar de la escritura femenina en la lengua catellana**. Espanha. 2013, 02p. disponível em: . Acesso em: 10 jun. 2023.

ARAUZ MACEDO, Diana. **Imagen y palabra a través de las mujeres medievales (siglos IX-XV)**. Primera parte: Mujeres medievales del Occidente europeo. Escritura e Imagen, v. 1, p. 199-220, 2005.

AURELL, J. **El nuevo medievalismo y la interpretación de los textos históricos**. Hispania. Revista Española de Historia, Navarra, v. 66, n. 224, p. 809-832, set./dez. 2006.

\_\_\_\_\_, Jaume. **EL nuevo medievalismo y la interpretación de los textos históricos hispania**. Revista Española de Historia, 2006, vol. LXVI, núm. 224, septiembre-diciembre, págs. 809-832, ISSN: 0018-2141.

\_\_\_\_\_. **Roda da Fortuna. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievalo**. 2015, Volume 4, Número 2, pp. 184-208.

BALBINOTTI, Rafael. **Relações literárias: os nove círculos do Inferno da Divina Comédia e os sete infernos de Garuda Purana.** – Língua e Literatura Italian: Florianópolis, 2021, p.16.

BAMMER, Angelika - **Partial Visions. Feminism and Utopianism in the 1970s.** Routledge. Londres, 1991.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem – Estrela da manhã.** Madri; Paris; México; Buenos Aires; São Paulo; Lima, Guatemala, San José; Santiago do Chile: ALLCA XX, 1998.

BARBOSA, Leandro. **A concepção de Pandora e a dimensão social da mulher helênica: interfaces entre divindade e ser humano.** Ágora. Estudos Clássicos em debate, núm. 18, 2016, pp. 11-32 Universidade de Aveiro, Portugal.

BARROS, José. **O amor cortês – suas origens e significados.** Raído, Dourados, MS, v. 5, n. 9, p. 195-216, jan./jun. 2011.

BERGANTINI, Natália. **A mulher como agouro de morte em lendas fantásticas de Gustavo Adolfo Bécquer.** (Tese) Programa de Pós-Graduação em Letras. 2021

BENASSY-BERLING, Merié-Cécile. **Humanismo y religión en Sor Juana Inés de la Cruz,** UNAM, México, 1983.

BEZERRA, Mara. **Tradução comentada da peça teatral amor es más laberinto de Sor Juana Inés de La Cruz: o emaranhado jogo das antíteses.** 2016. Tese (Doutorado em estudos da tradução). Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.115.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada.** Tradução de Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

BLOCH, Ernst. **O princípio esperança.** Vol 1. Tradução Nélio Schneider. Rio de Janeiro: EdUERJ: Contraponto, 2005.

BOIXO, José Carlos (ed.). **Poesía lírica.** Madrid: Cátedra, 1997.

BRANDÃO, Izabel. **Traduções da Cultura: Perspectivas Críticas Feministas.** Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

CALADO, Luciana. **La cite des dames: utopia e genero.** Leitura - literatura e utopia, n. 32, p. 17-28, jul/dez. 2003.

CALLEJA, Diego. **Aprobación em Fama y obras póstumas** [...] Madrid, 1700.

CARVALHO, Maria da Penha Felício dos Santos de. **Ética e Gênero: a construção de uma sociedade mais feminina.** Revista de Filosofia do Mestrado Acadêmico em Filosofia. UECE. vol.3, nº 6. Ano 2006. Fortaleza, 2006, p. 73-79.

CASADO, Janire. **Mujeres, negocio y mercadería a finales de la Edad Media: algunos apuntes sobre el País Vasco**. Edad Media. Revista de Historia, 2021, nº 22, pp. 285-315.

COLOMBI, Beatriz. **La Respuesta a sor Filotea de sor Juana Inés de la Cruz, la comunidad femenina y el archivo patriarcal**. Recial Vol. XIII. Nº 22, Buenos Aires, p. 116-134.)

DAREBNÝ, Jan; TOURIÑO, Daniel. **E-manual de Métrica española**. 2016.

Dauwe, Fabiano **História medieval** / Fabiano Dauwe; Thiago Juliano Sayão; Itamar Siebert. Indaial: Uniasselvi, 2013.

DAREBNÝ, Jan; TOURIÑO, Daniel. **E-manual de Métrica española**. 2016

DE LA CRUZ, Sor Juana (1957), "**Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz**", en Alberto G. Salceda (coord), Obras completas de Sor Juana Inés de la Cruz, vol. IV comedias, sainetes y prosa, México, fce, pp. 440-474.

DEPLAGNE, Luciana. (Org.). **As intelectuais da Idade Média**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015, p.13-27.

Deplagne, Luciana. **A reescrita do mito das amazonas na obra A cidade das damas de Christine de Pizan** Anu. Lit., Florianópolis, v.18, n. esp. 1, p. 115-136, 2013.

DOS SANTOS, M. **Nota sobre a natureza da mulher na comunidade familiar e política**. Ethica - Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, v. 17, n. 2, p. 159 – 177. Dez. 2018.

DUBY, G. Convívio. In: DUBY, G. (Org.) **História da Vida Privada II**. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_, George; PERROT, Michelle. **Historia de las mujeres**. Barcelona: Penguin, 2018. Disponível em: <<  
<https://cursoshistoriavdemexico.files.wordpress.com/2019/07/georges-duby-y-michelle-perrot-historia-de-las-mujeres-2.-la-edad-media.pdf>>> Último acesso em 22 de julho de 2023.

\_\_\_\_\_, Georges. **Eva e os padras: Damas do século XII**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_, Georges. **Heloísa, Isolda e outras damas do século XII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

DUVERGER, Christian. **La conversión de los indios de nueva España**. México, D.F.: Fondo de cultura económica, 1993.

ECO, Umberto (Dir.). **Idade Média: bárbaros, cristão e mulçumanos**. 2012: Disponível em: <<https://direitouninove.files.wordpress.com/2016/03/idade-media-umberto-eco.pdf>.1> Acesso em: 21 de fev. de 2023.

\_\_\_\_\_, Umberto. **A Idade Média: Bárbaros, cristãos e Muçumanos.** Milão: Encyclomedia Publishers, 2010  
<<<https://direitounininvest.files.wordpress.com/2016/03/idade-media-umberto-eco.pdf>>> Último acesso em 28 de julho.

\_\_\_\_\_, Umberto. **Arte e beleza na estética medieval.** Tradução de Mario Sabino. Rio de Janeiro: Record, 2010. Resenha de: ROIZ, Diogo da Silva. Signum- Revista da ABREM, v. 12, n. 1, p.185-188, 2011.

EISLER, Riane . **O prazer sagrado: sexo, mito e política do corpo.** Janeiro: Rocco. 1996.

ELIAS, N. **¿Cómo pueden las utopías científicas y literárias influir en el futuro?** In: WEILER, V. (org.) Figuras en proceso. Trad. Vera Weiler et. al. Santafé de Bogotá: Fundación Social, 1998.

\_\_\_\_\_, Norbert. **O processo civilizador: Formação do Estado e civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993. 2v.

EVANS, Stephanie. **Christine de Pizan y su papel como antecesora de Sor Juana Inés de la Cruz.** Chrestomathy: Annual Review of Undergraduate Research at the College of Charleston Volume 2, 2003: pp. 103-112.

FARFÁN, José Antonio. **La Malinche: portavoz de dos mundos”.** Estudios de Cultura Náhuatl, vol. 37, 2006.

Ferreira, S.: DEPLAGNE, L. **Mito e criação literária: o repensar paródico dos mitos Inesiano e Isabelino.** – João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

FRANCO JÚNIOR, Hilário: **Cocanha: a história de um país imaginário.** São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_, Hilário, 1948- **A Idade média : nascimento do ocidente / Hilário Franco Júnior.** -- 2. ed. rev. e ampl. -- São Paulo : Brasiliense, 2001.

\_\_\_\_\_, Hilário. **Em busca do Paraíso perdido: as utopias medievais.** Mnema Editora, 2021.

FERNANDES, Veronica. **Benefícios negativos da autoria feminina: as polêmicas obras de Sor Juana Inés de la Cruz sobre o ppaçe da mulher no Século de Ouro da Nova Espanha.** Dissertação (mestrado) \_ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022,

FRYE, Northrop. Códigos dos códigos: **A bíblia e a literatura.** Trad. Flávio Aguiar. São Paulo, Boitempo Editorial, 2004.

GARRETAS, María. **Sor Juana Inés de la Cruz. Mujeres que no son de este mundo.** Madrid, Sabina editorial, 2019.

\_\_\_\_\_, María-Milagros Rivera. **Mujeres en Relación: Feminismo 1970-2000.** Barcelona: Icaria. 2ª Ed. 2003. p. 97.

GIRARD, René. **O bode expiatório**. Traduzido por Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.

GOMES, Francisco. **A Cristandade medieval entre o mito e a utopia**. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002, pp. 221-231.

GRUZINSKI, Serge. **La red agujerada, identidades éticas y occidentalización en el México colonial (siglos XVI-XIX)**. América Indígena, v. 46, t. I, n. 3, 1978, p. 411- 433.

GUERRA, Lolita. **Mulheres na pré-história dos livros didáticos: a divisão sexual do trabalho nas representações do paleolítico que se ensina**. 31º Simpósio Nacional de História. Rio de Janeiro, 2021, p.7.

HAAS, Randal. **Female hunters of the early Americas**. *Science Advances*, 2020: Disponível em: <https://advances.sciencemag.org/content/6/45/eabd0310> Acesso em: 04 de fev. de 2023.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo, Iluminuras, 1992.

\_\_\_\_\_. **Teogonia, a origem dos deuses**. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 5 ed. São Paulo: Iluminuras, 2003.

HINTZE, Hélio. **Desnaturalização do machismo estrutural na sociedade brasileira**. São Paulo: Paco e Littera; 1ª edição, 2021.

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média: um estudo sobre as formas de vida, pensamentos e arte dos séculos XIVE XV na França e nos países baixos**. Londrina: Livraria Família Cristã, 2021.

JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Vozes. 1986, p.325.

\_\_\_\_\_, Carl Gustav, 1875-1961. **Freud e a psicanálise / Carl Gustav Jung** ; tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth; revisão técnica Jette Bonaventure. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

KOSELLECK, R. **Estratos del tiempo**. Barcelona: Paidós, 2003.

\_\_\_\_\_, R. **História y hermenêutica**. Barcelona: Paidós, 1997.

LAURIOLA, Rosanna. **Pandora, o mal em forma de beleza: o nascimento do Mal no mundo grego antigo**. Revista Espaço Acadêmico. n. 52. Set 2005.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP. 1994.

\_\_\_\_\_, Jacques, 1924 **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

\_\_\_\_\_, Jacques. **A história deve ser dividida em pedaços**. São Paulo: Editora UNESP, 2015.

\_\_\_\_\_, Jacques. **Em Busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

\_\_\_\_\_, Jacques. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

\_\_\_\_\_. (Dir.) **Homens e mulheres da Idade Média**. São Paulo: Estação Liberdade, 2013.

LEITÃO, Mary Nascimento da Silva. **Representações femininas residuais na lírica de Vinicius de Moraes**. 2013, 176 f.

LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência na aprendizagem da moral de resignação**. Tese (Língua e literatura francesa). Universidade de São Paulo em co-tutela com Sorbonne – Paris. 2008.

LEMONS, W.; PEREIRA, S.: **MISOGINIA: a Cultura Grega e a Figura Feminina**. vol. 6. Curitiba Junho/2019, p. 97-112.

LIMA, ALANA. **A mulher e a busca pela dignidade**. (Direito/UNIVEM) REGRAD - Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM || v. 2 - n. 2 - jul/dez – 2009.

LIMA, Graciele. **Versos ao Amado: Mística e erotismo na poesia de Teresa D'Ávila**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade da Paraíba, 2014.

LINZ, Regina Navarro. **O livro do Amor I: Prehistoria a Renascença**. Janeiro: Bestseller. 2013.

LOBO, Luiza. **A literatura feminina na América Latina**. Revista Brasil de Literatura. Ano 1. jul./ set.1998.

LOPEZ, Juan. **La educación en la nueva España virreinal: de los hermanos seráficos a la compañía de Jesús**. 2019. Disponível em: <[https://www.academia.edu/37924890/LA EDUCACION EN LA NUEVA ESPAÑA VIRREINAL DE LOS HERMANOS SERAFICOS A LA COMPANIA DE JESUS](https://www.academia.edu/37924890/LA_EDUCACION_EN_LA_NUEVA_ESPAÑA_VIRREINAL_DE_LOS_HERMANOS_SERAFICOS_A_LA_COMPANIA_DE_JESUS)> Último acesso em 22 de jul. de 2023.

LÓPEZ, JUAN. **La educación en la nueva España virreinal: de los hermanos seráficos a la compañía de Jesús**. 2018.

\_\_\_\_\_, Juan. **Por outro imaginário medieval: nos bastidores da literatura** (Um olhar desde o novo medievalismo) Revista Graphos, vol. 22, nº 3, 2020.

MACHADO, Heloísa. **Franco Júnior, Hilário: Cocanha: a história de um país imaginário**. Cad. hist., Belo Horizonte, v. 4, n. 5, p. 43-52, dez. 1999.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. São Paulo: Contexto, 2002.

MAIA, Helder. **Retratos da sexualidade: uma análise das obras la monja Alférezde Juan Pérez de Montalbán e historia de la monja alférez, Catalina de Erauso, escrita por ella misma de Catalina de Erauso**. Revista feminismos,

Vol.1, N.3 Set. -Dez. 2013. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/29938/17703>>  
Último acesso em 05 de agos. de 2023.

MARCZYK, Marta. **A interpretação tipológica da Bíblia e seus reflexos na representação do povo judeu.** Tese em Língua Hebraica, literatura e Culturas Judaicas. USP- São Paulo, 2010.

Martínez-Falero, Luis. **Literatura y mito: desmitificación, intertextualidad, reescritura.** Signa, núm. 22, 2013, pp. 481-496.

MARCZYK, Marta. **A interpretação tipológica da Bíblia e seus reflexos na representação do povo judeu.** (Tese) Departamento de letras orientais da Faculdade de Filosofia de São Paulo. 2010.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Ideologia Alemã.** Tradução de Marcelo Backes. - Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2007.

MAZUCATO, Thiago. **Ideologia e utopia em karl Mannheim.** Sem Aspas, Araraquara, v. 2, n. 1, 2, p. 187-195, 2013.

MERCADO, Diana. **Primeras mujeres profesionales en México. Historia de las mujeres en México.** México, D.F. : Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2015.

MORAES, Lygia. Prefácio. In: Mary Wollstonecraft. **Reivindicação dos direitos da mulher. Edição comentada do clássico feminista.** 2016. Disponível em <<[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4545865/mod\\_resource/content/1/Reivindic%C3%A7%C3%A3o%20dos%20direitos%20da%20mulher%20-%20Mary%20Wollstonecraft.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4545865/mod_resource/content/1/Reivindic%C3%A7%C3%A3o%20dos%20direitos%20da%20mulher%20-%20Mary%20Wollstonecraft.pdf)>>. Último acesso em 07 de junho de 2023.

MORENO, Diego; MORENO, Lourdes. **Mulheres na história,** São Paulo, n. 12, p. 31-56, jan./jun. 2014.

MORUS, Thomas. **Utopia I Thomas More;** Prefácio: João Almino; Tradução: Anah de Melo Franco . - Brasília: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2004. Disponível em: <<<https://funag.gov.br/loja/download/260-Utopia.pdf>>>. Último acesso em 28 de fev. de 2023.

O'GORMAN, Edmundo. **A invenção da América: reflexão a respeito da estrutura histórica do Novo Mundo e do sentido do seu devir.** São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

OCA, María Cristina. **Mujeres en el límite del periodo virreinal. Historia de las mujeres en México.** México, D.F. : Instituto Nacional de Estudios Históricos de las Revoluciones de México, 2015.

OSÓRIO, Lucila. **Los tres ejes de comportamiento del caballero literario medieval: hacia un modelo genérico.** Tirant, 11 (2008), pp. 67-88.

OVIEDO, Miguel. **Historia de la literatura hispanoamericana. De los orígenes a la Emancipación.** Alianza Editorial – Madrid, 1995.

Pastor, Beatrix. **Del círculo a la espiral: claves del pensamiento utópico en la obra de Sor Juana.** Sales de Literatura Hispanoamericanas. Servicio de Publicaciones, 1,3CM. Madrid. 1995.

PAULA, Andriely Samanda. **O pensamento de Santo Agostinho para a formação do homem cristão.** Anais – VII Jornada de Estudos Antigos e Medievais. Maringá: UEM, 2008.

PAZ, Octavio. **Sor Juana Inés de la Cruz o las trampas de la fe.** México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

\_\_\_\_\_. **Sóror Juana Inés de la Cruz: as armadilhas da fé.** Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Mandarim, 1998, p. 74.

PERNOUD, Régine. **Cristina de Pizan.** Trad. María Tabuyo; Agustín López. Barcelona, Liberduplex, 2000.

\_\_\_\_\_, Regine. **O Mito da Idade Média.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1978. p. 95 – 101.

PARK, Arum. **Parthenogenesis in Hesiod's Theogony. Preternature: Critical and Historical Studies on the preternatural.** v. 3, n. 2, p. 261-283, 2014.

PEDROSA, Danielli. **Los Empeños de una Casa: o Barroco, o Amor e a Mulher no teatro de sor Juana Inés de la Cruz / Danielli de Cassia Morelli Pedrosa – São Paulo, 2016.**

PETRONI, Camila. **Utopias reais: percursos da Associação Brasileira de Vídeo Popular entre 1984 e 1989.** Dissertação em historia Social, PUC, São Paulo, 2016.

PIAIA, Miquela. **Sor Juana Inés de La Cruz e Kate Chopin: literatura de resistência em sociedades moralistas e repressoras.** Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 14 | n. 35 | p. 30 - 49 | mai/ago 2020.

PIZAN, Christine. **A Cidade das damas.** In: CALADO, Luciana E. de Freitas. A cidade das damas: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. 2006, 368 p. Tese. (Doutorado em Letras) Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

\_\_\_\_\_, Christine. **La Ciudad de las damas.** Edición a cargo de Marie-José Lemarchand, Introducción y Notas. Biblioteca Medieval, vol VII. 2ª ed. Madrid: Siruela, 2001.

PLATÃO. **Banquete; Fedro; Apologia de Sócrates.** Tradução de Maria Teresa Schiappa de Azevedo, José Ribeiro Ferreira e Manuel de Oliveira. Lisboa. Portugal: Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_. **A República.** Tradução de Maria Helana da Rocha Pereira. 9ª edição. Fundação Couloste, Lisboa, 1949.

PONTES, Roberto. **Entrevista sobre a Teoria da Residualidade com Roberto Pontes, concedida à Rubenita Moreira**, em 05 jun. 2006. Fortaleza: (mimeografado), 2006a.

\_\_\_\_\_, Roberto. **Residualidades e Mentalidade na Lírica Camoniana**. Fortaleza: IAPEL, 2000.

POWER, Eileen. *Mujeres Medievales*. GRAVES, Carlos. (trad.). Madrid: Ediciones Encuentro, 1979

PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de Época na Literatura**. São Paulo: Luceu, 1969.

ROCKENBACH, Cleoci. **São Francisco de Assis: um exemplo dos valores perenes que tornam o homem mais humano**. Anais III Congresso Internacional Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura | ISBN 978-85-68901-15-1 | p. 647 - 654| set. 2018.

RUFFIÉ, J. **Da biologia à cultura**. Flammarion, Paris, 1976.

SALES, Francisco. **Filotéia. Tradução Frei João José p. de Castro**. Editora vozes limitada, Petrópolis, r. j. rio de janeiro - são paulo belo horizonte, 1959.

SANTOS, Beatriz. **Christine de Pizan e a educação de mulheres no alvorecer da modernidade**. Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V.7, N.2 - pág. 791-804 mai-ago de 2021.

SHARP, D. **Léxico Junguiano: Dicionário de Termos e Conceitos**. São Paulo: Cultrix, 1996.

SILVA, Jonathan. **Samba da utopia**. São Paulo: Juá Estúdio: 2019.

SILVEIRA, Marta. **A representação da mulher medieval nos livros didáticos: uma visão comparativa**. Revista de História Comparada - Programa de Pós-Graduação em História Comparada-UFRJ. Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 80-107, 2017.

Ana Luisa Sonsino. **Os leitores do *Espelho de Cristina*: um recorte das cortes», *Medievalista*** [Online], 25 | 2019. Disponível em: <<<http://journals.openedition.org/medievalista/1739>>>. Último acesso em 06 de agos. de 2023.

STEIN, Murray. **Jung o mapa da alma – Uma introdução**. São Paulo. Cultrix, 1998.

TABOSA, Leila. **Lingagens e Ancestralidades na literatura de autoria feminina**. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 29. 2004.

\_\_\_\_\_, Leila. **O barroco hispano-americano: Primeiro sueño ou sor Juana Inés de La Cruz**. Dissertação: mestrado em Estudos da Linguagem. – Natal, RN, 2009.

THEODORO, Janice. **América Barroca: Temas e Variações**. São Paulo: Editora EDUSP/Nova fronteira, 1992.

\_\_\_\_\_, **Janice. Descobrimentos e Renascimento.** 2ª ed., São Paulo: Contexto, 1991.

TOPOLSKY, Jerzy. **Metodología de la historia.** Madrid: Catedra, 1992.

TORRES, Antonia. **La malinche, una Eva indígena.** Tla-melaua: revista de ciencias sociales, ISSN 1870-6916, ISSN-e 2594-0716, Nº. 50, 2021.

VALE, Ana. **A mulher e a Pré-História: alguns apontamentos para questionar a tradição e a tradução da mulher-mãe e mulher-deusa na Arqueologia pré-histórica.** Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015: disponível em: << DOI:[http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657\\_54\\_1](http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_54_1)>> Acesso em: 04 de fev. de 2023.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.

WHITEHEAD, M., **The concepts and principles of equity and health.** International Journal of Health Services, 1992, p. 429-445.

WHITMONT, Edward C., **O retorno da Deusa** / de Edward C. Whitmont; tradução de Mari Sílvia Mourão. – São Paulo: Summus, 1991.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **A vindication of the rights of woman.** Mineola: New York: Dover Publications Inc., 1996.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Tordesilhas, 1928.

## **8. ANEXOS**

## **De la beldad de Laura enamorados**

A la muerte de la marquesa de Mancera

Sor Juana Inés de la Cruz

Bello compuesto en Laura dividido,  
alma inmortal, espíritu glorioso,  
¿por qué dejaste cuerpo tan hermoso?  
¿Y para qué tal alma has despedido?  
Pero ya ha penetrado en mi sentido  
que sufres el divorcio riguroso  
porque el día final puedas gozoso  
volver a ser enteramente unido.  
Alza tú, alma dichosa, el presto vuelo,  
y de tu hermosa cárcel desatada,  
dejando vuelto su arrebol en hielo,  
sube a ser de luceros coronada:  
que bien es necesario todo el cielo  
porque no echés de menos tu morada.

## **Vou-me embora pra Pasárgada**

Vou-me embora pra Pasárgada  
Lá sou amigo do rei  
Lá tenho a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada  
Aqui eu não sou feliz  
Lá a existência é uma aventura  
De tal modo inconsequente  
Que Joana a Louca de Espanha  
Rainha e falsa demente  
Vem a ser contraparente  
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica  
Andarei de bicicleta  
Montarei em burro brabo  
Subirei no pau-de-sebo  
Tomarei banhos de mar!  
E quando estiver cansado  
Deito na beira do rio  
Mando chamar a mãe-d'água  
Pra me contar as histórias  
Que no tempo de eu menino  
Rosa vinha me contar  
Vou-me embora pra Pasárgada

Em Pasárgada tem tudo  
É outra civilização  
Tem um processo seguro  
De impedir a concepção  
Tem telefone automático  
Tem alcaloide à vontade  
Tem prostitutas bonitas  
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste  
Mas triste de não ter jeito  
Quando de noite me der  
Vontade de me matar  
— Lá sou amigo do rei —  
Terei a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada.

## Redondillas

Hombres necios que acusáis  
a la mujer sin razón,  
sin ver que sois la ocasión  
de lo mismo que culpáis.

Si con ansia sin igual  
solicitáis su desdén,  
¿por qué queréis que obren bien  
si las incitáis al mal?

Combatís su resistencia  
y luego con gravedad  
decís que fue liviandad  
lo que hizo la diligencia.

Parecer quiere el denuedo  
de vuestro parecer loco  
al niño que pone el coco  
y luego le tiene miedo.

Queréis con presunción necia  
hallar a la que buscáis,  
para pretendida, Tais,  
y en la posesión, Lucrecia.

¿Qué humor puede ser más raro  
que el que, falto de consejo,  
él mismo empaña el espejo  
y siente que no esté claro?

Con el favor y el desdén  
tenéis condición igual,  
quejándoos, si os tratan mal,  
burlándoos, si os quieren bien.

Opinión ninguna gana,  
pues la que más se recata,  
si no os admite, es ingrata,  
y si os admite, es liviana.

Siempre tan necios andáis  
que con desigual nivel  
a una culpáis por cruel  
y a otra por fácil culpáis.

¿Pues cómo ha de estar templada  
la que vuestro amor pretende,

si la que es ingrata ofende  
y la que es fácil enfada?

Mas entre el enfado y pena  
que vuestro gusto refiere,  
bien haya la que no os quiere  
y queja enhorabuena.

Dan vuestras amantes penas  
a sus libertades alas  
y después de hacerlas malas  
las queréis hallar muy buenas.

¿Cuál mayor culpa ha tenido  
en una pasión errada:  
la que cae de rogada  
o el que ruega de caído?

¿O cuál es más de culpar,  
aunque cualquiera mal haga:  
la que peca por la paga  
o el que paga por pecar?

¿Pues para qué os espantáis  
de la culpa que tenéis?  
Queredlas cual las hacéis  
o hacedlas cual las buscáis.

Dejad de solicitar  
y después con más razón  
acusaréis la afición  
de la que os fuere a rogar.

Bien con muchas armas fundo  
que lidia vuestra arrogancia,  
pues en promesa e instancia  
juntáis diablo, carne y mundo.

(CRUZ, Juana, 1997, p. 222 )